



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

MARCOS CESAR MARTINS PEREIRA

ANTIESTRUTURA E DRAMAS SOCIAIS NA CHANOSFERA: Uma etnografia em
imageboards brasileiros

Recife

2024

MARCOS CESAR MARTINS PEREIRA

**ANTIESTRUTURA E DRAMAS SOCIAIS NA CHANOSFERA: Uma etnografia em
imageboards brasileiros**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Área de concentração: Antropologia

Orientador: Prof. Dr. Alex Giuliano Vailati

Recife

2024

Catálogo na Fonte
Bibliotecário: Rodrigo Leopoldino Cavalcanti I, CRB4-1855

P436a Pereira, Marcos Cesar Martins.
 Antiestrutura e dramas sociais na chanosfera : uma etnografia em
 imageboards brasileiros / Marcos Cesar Martins Pereira. – 2024.
 107 f. : il. ; 30 cm.

 Orientador : Alex Giuliano Vailati.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco,
 CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2024.

 Inclui referências.

 1. Antropologia. 2. Communitas. 3. Antiestrutura. 4. Imageboards. 5.
 Chans. 6. Affordances. I. Vailati, Alex Giuliano (Orientador). II. Título.

301 CDD (22.ed.)

UFPE (BCFCH2024-129)

MARCOS CESAR MARTINS PEREIRA

ANTIESTRUTURA E DRAMAS SOCIAIS NA CHANOSFERA: Uma etnografia em
imageboards brasileiros

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Área de concentração: Antropologia

Aprovado em: 03/04/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alex Giuliano Vailati (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Roberto Cordoville Efrem de Lima Filho
Universidade Federal de Pernambuco

Rebecca Forattini Lemos Igreja
Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Novamente, estou escrevendo um texto de agradecimento. Parece que foi ontem que escrevi os agradecimentos do meu trabalho de conclusão de curso. Muita coisa mudou desde 2021. Ao mesmo tempo que o mesmo Marcos está escrevendo, sou outro completamente diferente. Não foi fácil chegar até aqui. Quantas vezes falei das minhas frustrações, cansaço, e mesmo cogitei desistir de um trabalho. Se não desisti, devo isso a vocês.

Mais uma vez, preciso agradecer a minha mãe, Eliane, pelo suporte incondicional em todos os momentos da minha vida. Em cada escolha ela sempre esteve do meu lado. Nem posso imaginar a vitória que foi para ela ver seu filho se formando na universidade. Agora, não tenho nem dimensão da vitória que é, depois de tanto esforço, ver seu filho mestre. Por isso, dedico a titulação a ela também.

Outra pessoa fundamental na conquista dessa titulação foi minha companheira, Carolina Magalhães. Ela possivelmente foi a pessoa que mais escutou minhas lamúrias sobre o mestrado, a escrita da dissertação. Ela, que me acolhia quando eu queria sair correndo, sempre disse para eu não desistir. Encorajou-me em diversos projetos, mas a todo momento disse para eu não esquecer do mestrado. Essa dissertação foi totalmente dependente desse esforço e apoio da parte dela.

O mestrado, ao contrário da graduação, foi um processo um pouco mais solitário. A pandemia da COVID-19 teve causa nisso. Com o distanciamento social, também poucas relações foram formadas. Entretanto, das que foram formadas, preciso agradecer a Lara e Maria Dairly pelas fofocas na carona e no WhatsApp, assim como Vanessa e Guilherme pelas trocas incríveis durante esse período do mestrado.

Ao adentrar o mestrado, tive a oportunidade de ser bolsista, contudo abri mão para outro colega ter acesso. Isso se deu graças ao Instituto de Pesquisa em Direito e Tecnologia do Recife (IP.rec), local em que trabalhei durante o período do mestrado. Agradeço não somente pela possibilidade de conseguir fazer um mestrado enquanto não-bolsista, mas, sobretudo, pelas amizades construídas e por oferecerem um espaço de referência para meu crescimento pessoal e acadêmico na pesquisa científica e incidência na governança da Internet.

Gostaria de agradecer ao meu orientador, Alex Vailati, que segue na luta comigo desde da graduação, apoiando meu desenvolvimento acadêmico, por mais turbulento que seja o processo. Igualmente, gostaria de agradecer à professora Letícia Cesarino, que esteve presente na qualificação do mestrado, assim como no meu trabalho de conclusão de curso na

graduação, sempre oferecendo contribuições ricas para o trabalho. Também gostaria de agradecer ao professor Roberto Efrem Filho pelas aulas de gênero e sexualidade, assim como pelos apontamentos na qualificação deste trabalho. Estendo esse agradecimento para todo corpo docente e corpo técnico do PPGA-UFPE. Agradeço também a professora Rebecca Lemos Igreja pela participação na banca de mestrado.

Enfim, *habemus* uma dissertação.

RESUMO

Imageboards são fóruns de discussão anônimos, em nível de interface, que permitem a publicação de texto e imagem em quadros anônimos. Também conhecido como chans, *imageboards* povoam a Internet desde dos anos 2000, tendo notoriedade fóruns como o 4chan e 8kun - este último dissidência do primeiro. A presente dissertação centraliza em chans brasileiros, com foco no 1500chan e VHSChan, tendo como objetivo investigar quais as características da sociabilidade que emergem nas relações internas dos chans (intrachan) e entre os diferentes chans (interchans). Para isso, o texto busca oferecer uma explicação da funcionalidade desses espaços, pouco conhecidos pela grande maioria da população, assim como a história de origem dos *imageboards* - a qual é pouco documentada em fontes tradicionais, como livros e artigos. A partir disso, buscamos explorar como os chans se relacionam com os desenvolvimentos de Victor Turner sobre *communitas*, espaços que podem ser categorizados a partir da noção de antiestrutura. Essa forma de sociabilidade é ponto de partida para compreender as *affordances* que vem a emergir, graças a uma dinâmica antiestrutural e anônima. Por fim, mobilizamos outro conceito de Turner, o de drama social, para compreender dois fenômenos de queda ocorridos no 1500chan e no VHSChan, que desencadeou a migração de usuários - chamado de *anões* - causando impacto na dinâmica entre *anões*.

Palavras-chaves: communitas; antiestrutura; imageboards; chans; affordances

ABSTRACT

Imageboards are anonymous discussion forums, at the interface level, that allow the posting of text and images on anonymous boards. Also known as chans, imageboards have been populating the Internet since the 2000s, with notable forums such as 4chan and 8kun - the latter being a dissenting branch from the former. This study focused on Brazilian chans, specifically the 1500chan and VHSChan, aimed to investigate the sociability characteristics that emerge in the intrachan and interchans relations. The text aims to provide an explanation of the functionality of these spaces, which are little known to the general population, as well as the origin history of imageboards - a history that is sparsely documented in traditional sources such as books and articles. Building upon this, we seek to explore how chans, based on Victor Turner's developments on *communitas*, can be categorized through the notion of anti-structure. This form of sociability serves as a starting point to understand the affordances that emerge due to an anti-structural and anonymous dynamic. Lastly, we employ another concept by Turner, the social drama, to comprehend two falling phenomena that occurred in 1500chan and VHSChan, leading to user migration - referred to as "anões" - causing an impact on the dynamics among the users.

Keywords: *communitas*; anti-structure; imageboards; chans; affordances

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|-------------|--|----|
| Imagem 1 - | Página inicial do 1500chan | 16 |
| Imagem 2 - | Boards 4chan | 17 |
| Imagem 3 - | Postagens 4chan | 18 |
| Imagem 4 - | Fidonet, rede de computadores trocando BBS (esquerda) e Usenet (direita) | 29 |
| Imagem 5 - | Ayashii World | 31 |
| Imagem 6 - | 2channel em inglês | 34 |
| Imagem 7 - | Publicação antes do sequestro | 36 |
| Imagem 8 - | Publicação inicial Futaba Channel | 37 |
| Imagem 9 - | Touko Madobe, OS-Tan do Windows 10 | 38 |
| Imagem 10 - | Relato da história do BRChan | 41 |
| Imagem 11 - | Favelito e Kuruminha, mascotes do 55chan e BRChan | 42 |
| Imagem 12 - | Pedobear | 44 |
| Imagem 13 - | Alguns termos do <i>chanspeak</i> | 51 |
| Imagem 14 - | <i>Anão</i> relata dificuldade social | 54 |
| Imagem 15 - | Machosfera | 56 |
| Imagem 16 - | Fingir ser gay | 60 |
| Imagem 17 - | Debate sobre pescaria (bait) | 61 |
| Imagem 18 - | Avatar Anna Karina | 68 |
| Imagem 19 - | Prática de larp com avatarfag | 69 |
| Imagem 20 - | ID no 1500chan | 70 |
| Imagem 21 - | Projeto Bolsonaro 2022 no 1500chan | 75 |
| Imagem 22 - | 1500chan após fato jornalístico | 76 |
| Imagem 23 - | Postagem sobre queda do 1500chan | 78 |
| Imagem 24 - | Postagens sobre “máscara de ferro” | 79 |
| Imagem 25 - | Dificuldade de passar da máscara | 80 |
| Imagem 26 - | Página desativada do VHSChan | 82 |
| Imagem 27 - | “Manifesto contra o mundo moderno” | 83 |
| Imagem 28 - | Chan pior userbase | 89 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-------|--|
| ADTRW | Anime Death Tentacle Rape Whorehouse |
| BBS | Bulletin Board Systems |
| CAPS | Centro de Apoio Psicossocial |
| CBBS | Computerized Hobbyist Bulletin Board Systems |
| MGTOW | Men Go Their Own Way |
| OP | Original Poster |
| TCC | Trabalho de Conclusão de Curso |
| UI | User Interface |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 1.1 | CHAN 101: INTRODUÇÃO AO FUNCIONAMENTO DE UM CHAN | 15 |
| 1.2 | PESQUISANDO EM GRUPOS ADVERSOS | 19 |
| 1.3 | A PESQUISA ANTROPOLÓGICA ONLINE E EM GRUPOS DA MACHOSFERA | 21 |
| 2 | HISTÓRIA DOS CHANS - UMA NARRATIVA POUCO CONTADA | 26 |
| 2.1 | ORIGENS: BULLETIN BOARDS SYSTEMS, USENET E AYASHII WORLD | 27 |
| 2.2 | NASCIMENTO DOS TEXT E IMAGEBOARDS: 2CHANNEL E FUTABA CHANNEL (2CHAN) | 33 |
| 2.3 | IMAGEBOARDS CHEGAM NO OCIDENTE - ESTADOS UNIDOS E BRASIL | 39 |
| 2.4 | OS IMPACTOS DOS CHANS AMERICANOS E BRASILEIROS NA INTERNET: MEMES E POLÊMICAS | 43 |
| 3 | CHANS ENQUANTO COMMUNITAS E SUAS AFFORDANCES: UMA LEITURA TURNERIANA DO FENÔMENO DOS IMAGEBOARDS BRASILEIROS | 47 |
| 3.1 | LIMINARIDADE, COMMUNITAS E CHANS | 47 |
| 3.2 | CHANS E SUAS AFFORDANCES: LARP E AVATARFAG | 58 |
| 4 | DRAMAS SOCIAIS NA CHANOSFERA BRASILEIRA | 74 |
| 4.1 | QUEDA DO 1500CHAN | 74 |
| 4.2 | QUEDA DO VHSCHAN | 80 |
| 4.3 | AS QUEDAS ENQUANTO DRAMAS SOCIAIS | 84 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 94 |
| | REFERÊNCIAS | 98 |

1. INTRODUÇÃO

Toda vez que me perguntavam sobre qual o tema da minha pesquisa falavam: “Meu Deus, como você aguenta?”; “Deve ser horrível ver tanto conteúdo desse tipo”. Afinal, que tipo de pessoa deseja estudar grupos que são notórios por compartilharem conteúdos misóginos, racistas, LGBTQIA+fóbicos, os quais vão contra todos seus valores e até mesmo a sua própria existência? Entretanto, questiono aqui: por que não pesquisar esses grupos? Por que não fazer uma imersão antropológica para além de grupos que nós, pessoas praticantes da antropologia, temos afinidade? Esse é um ponto que pretendo abordar na introdução deste trabalho, além de apresentar os tópicos desenvolvidos nos capítulos seguintes. Antes, contudo, gostaria de compartilhar um pouco da trajetória que desencadeou nesta dissertação, que teve como objetivo investigar as características de sociabilidade internas dos chans (intrachan) e entre os diferentes chans (interchan), centrando-se em dois fóruns: o 1500chan e o VHSChan.

Durante meu trabalho de conclusão de curso, que versou sobre apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro e os memes que eles difundiam, já estava tentando descobrir qual tema iria desenvolver para o projeto da seleção do mestrado. Desejei, naquele momento, seguir com memes, mas buscando compreender o lado das pessoas que produzem memes. Contudo, três situações foram muito importantes para a modificação do tema.

A primeira foi o contato com um álbum chamado *My Agenda*, de Dorian Electra¹. Nesse material, Dorian utilizou de elementos da cultura incel², redpill³ e MGTOW⁴ para construir a atmosfera da obra. Esses grupos são categorizados como pertencentes à machosfera, os quais compartilham a objetificação e desumanização de mulheres, desenvolvimento de terminologias para discurso de ódio e hierarquização biológica entre homens (alpha vs beta) (CANNITO et al, 2021; GING 2017; LIN, 2017; MARWICK, CAPLAN, 2018; NAGLE, 2017; O’MALLEY, 2020).

¹ Cf. < https://youtu.be/lq9PJsS3-EY?list=OLAK5uy_n7a7-wxT3Zmcr6tqmP1fkVuo2EmTX78lo >. Acesso em: 19/02/2024

² Abreviação de celibato involuntário. Comunidade de homens celibatos, que por mais que desejem ter relações sexuais com mulheres, não conseguem (involuntário). Comumente, atribuem o fracasso às mulheres, que são consideradas como manipuladoras, interesseiras e que desejam apenas homens “alpha” - corpo padrão, bonito, confiante.

³ Em referência ao filme Matrix, a comunidade de redpill acredita que conseguem ver o mundo e as manipulações por trás deles, de como o feminismo veio dominando o mundo e oprimindo os homens.

⁴ Sigla para Man Go Their Own Way, grupo de homens que acreditam que devem romper com a ideia de que precisam haver relacionamentos e se separar de mulheres, que corromperam a sociedade com o feminismo.

Liricamente, *My Agenda* aborda o ressentimento desse grupo com o mundo (*F the World*⁵), teorias da conspiração sobre a dominação feminista e LGBTQIA+ do mundo (*My Agenda*), a busca pela perfeição por meio da abstinência sexual (*Monk Mode*), a própria relação entre redpill e bluepill (*1 Pill, 2 Pill*), entre outros temas. Visualmente, Electra traz para esse mundo elementos comumente apropriado por essas comunidades, como: o Coringa, figura que representa o ser rejeitado da sociedade; o *Pepe the Frog*, meme utilizado por Donald Trump; *furries*, subcomunidade interessada em personagens de anime antropomórficos, que tem numerosos apoiadores de extrema direita.

Escutar esse álbum abriu um campo para mim, visto que que nunca havia percebido como esses tipos de elementos de um grupo extremista poderiam ser transfigurados em linguagem artística. Todavia, sobretudo, fez com que eu me tornasse ainda mais consciente de imaginários imagéticos e textuais, os quais essa subcomunidade compartilham entre si.

Destaco que não foi a primeira vez em que tive contato com esse tipo de conteúdo. Durante minha própria vida, diversos memes e vídeos em redes sociais eram entregues para mim que, de alguma forma, compartilhavam uma “estética” advinda dos *imageboards*. Estes são fóruns anônimos, no nível de interface, nos quais os usuários podem publicar textos e/ou imagens em quadros temáticos (*boards*), que podem ser de política, religião, tecnologia, dentre outros temas. O mais conhecido e popular na grande maioria dos *imageboards* é o quadro *random* (/b/), o qual não possui tema definido. Também conhecido como chans, diversos desses espaços ganharam notoriedade na chanosfera, isto é, o conjunto de chans, sobretudo por conteúdos extremistas, como 4chan, 8kun e Dogolachan.

Durante meu trabalho de conclusão de curso (TCC), por meados de 2021, diversas dessas imagens de *imageboard* surgiram na minha pesquisa. Entre os materiais coletados estavam imagens como *Pepe the Frog* sobre hidroxicloroquina e o meme *virgin vs chad*, este último adaptado para a dicotomia respirador (*virgin*) e cloroquina (*chad*). Entretanto, durante esse momento não cogitava a existência de *imageboards* brasileiros - ainda que toda a composição visual remetesse a eles já que até aquele momento apenas tinha conhecimento da existência de espaços anglófonos - como 4chan.

Tempos depois, em conversas informais com meus amigos sobre minha pesquisa de conclusão de curso, o tópico chans veio à tona. Nesse momento, do qual não tenho lembrança de datas específicas, para além de ter sido no início de 2022, tive conhecimento da existência

⁵ F the World faz referência a um meme na comunidade gamer, conhecida por sua toxicidade e masculinismo, de digitar F para prestar condolências a alguém que morreu - “press F to pay respect”.

de chans em português. A partir desse momento, parte dos dados encontrados durante meu TCC começaram a fazer sentido.

Nessa conversa, também soube que dois amigos frequentavam esses espaços, sendo um deles antigo usuário e amigo de outros participantes de *chans* em português e outro que apenas acessava chans em inglês. O usuário frequentador dos imageboards em português veio a se tornar meu principal interlocutor em todo o processo da pesquisa. De agora em diante, ele será referenciado enquanto Lucas.

Segundo Lucas, sua imersão nesses espaços se deu entre 2012 a 2016 - ainda que não tenha certeza do período. Na troca de mensagens sobre o assunto, Lucas me apresentou diversos chans brasileiros dos quais eu desconhecia a existência. Ele não só buscou através de sua memória, mas também perguntou para outros amigos que também frequentavam esses espaços, buscando recordar quais eram os chans em atividade durante o período de seu uso. Diversos dos que foram lembrados não estão mais em atividades, como o 55chan, Dogolachan, 77chan. Lucas ainda afirmou que, mesmo sendo aberto sobre o assunto, diversos dos seus amigos não seriam, visto que sentiam desconforto ao falar do período que participaram desses chans em virtude dos discursos propagados e que eles mesmos propagaram nesses espaços.

Lucas teve uma importância central em diversos momentos, mas, sobretudo, durante a queda do 1500chan, caso relatado no terceiro capítulo. Apesar de iniciar o trabalho de campo de forma “oficial” em 2023, esse momento, que trato aqui como um drama social (Turner, 1996), foi a primeira grande situação que aconteceu no meu campo, ocorrendo no final do primeiro semestre de 2022. Atualmente, em fevereiro de 2024, ele é o imageboard mais ativo na chanosfera brasileira e é aquele que possui um alinhamento político-ideológico mais alinhado à extrema-direita e à alt-right, esta última considerada aqui como posição fracional da extrema-direita, que compartilham valores como superioridade de pessoas brancas sob outras raças e etnias, conspiracionismo sobre assuntos como dominação mundial por grupos infiltrados em espaços midiáticos e governamentais, que se desenvolvem com força principalmente em espaços digitais (Winter, 2019; Taylor, 2020).

Importante considerar que, mesmo havendo aproximação política-ideológica, aqui não queremos afirmar que chans são de determinada orientação política. De fato, existem casos em que se busca uma associação com alguma vertente política, como por exemplo, no caso do Dogolachan que se intitulava como o maior fórum de alt-right do Brasil. Por outras, no entanto, não há uma busca do fórum de se categorizar como de determinada posição política. Nos chans que realizei campo, não identificamos uma tentativa clara de tentar delimitar

politicamente o *imageboard*. No caso do 1500chan, que tentou realizar um esquema de *fake news* para Jair Bolsonaro, o alinhamento é mais próximo, mas, ainda assim, não podemos tratar o grupo como bolsonarista, já que mesmo com tal caso, não há uma orientação explícita no chan de que se trata de um espaço apenas de apoiadores do ex-presidente. Em muitos casos, havia vozes dissonantes e críticas no 1500chan a Bolsonaro, que eram acompanhadas com xingamentos de “comunista” e “esquerdista”.

Para fazer essa categorização de forma ainda mais precisa das orientações políticas desses chans, seria necessário uma análise dos conteúdos das publicações em diálogo com uma bibliografia sobre o tema, algo que escapa o objetivo do presente trabalho, que se centra nas características de sociabilidade internas (intrachan) e entre os chans (interchans). Além disso, ao trabalhar com chan, há uma dificuldade de categorização de suas verdadeiras crenças, visto que “[...] o humor ácido e paixão pela transgressão pela transgressão faz com que seja difícil saber quais visões políticas eram genuinamente verdades ou quais eram genuinamente, como eles costumam dizer, *for the lulz*” (NAGLE, 2017, p.8. Tradução livre. Grifos da autora.)⁶

Meses depois da queda do 1500chan, já em 2023, adentrei ao VHSCChan para realizar uma espécie de breve inserção no campo, para iniciar as construções do projeto de pesquisa para qualificação do mestrado. Fui coletando dados e informações de forma desordenada e sem muito saber o que de fato queria pesquisar. Algo que me interessou nesse momento foi a temática de fronteira, com inspiração no trabalho de Fredrik Barth (1997).

Entretanto, incomodava o fato de pensar e pesquisar a temática realizando campo em apenas um chan. Considerando o pensamento de Barth, seria mais adequado metodologicamente realizar um trabalho de campo em dois *imageboards*, sendo assim, um trabalho multi situado (Marcus, 2016). Assim, ao descobrir que o 1500chan ainda estava em atividade, ele retorna enquanto esse outro local considerado mais plausível de se realizar campo, sobretudo em virtude do meu histórico com o *imageboard*, conforme relatado.

Durante a queda o 1500chan, o administrador do site introduziu o que é conhecido pela comunidade como *máscara de ferro*, mecanismo utilizado na interface para tentar repelir o usuário de acessar o fórum. A *máscara de ferro* nesse caso envolvia ideogramas coreanos e um formulário, no qual era necessário inserir os termos “sage”, “anônimo”, “Eu sei usar acentuação e pontuação.” nas posições corretas. Essa informação foi descoberta durante o

⁶ *For the lulz* pode ser compreendido como o ato de praticar irritar alguém, apenas pelo prazer de incomodar alguém, ou em outros termos mais próximos da Internet, trollagem.

decorrer do trabalho de campo no site Wikinet, uma plataforma Wiki, similar ao Wikipedia, construído de forma colaborativa pelos usuários, que em sua página inicial indica que:

[...] cataloga verbetes sobre a cultura da Internet. Contemos artigos sobre vários sites, pessoas, memes, jogos, eventos, netspeak (internetês), informática e outras coisas interessantes. Tudo escrito de uma forma satírica e engraçada. Use os links abaixo para explorar melhor o projeto. (Wikinet, s.d)

A partir do ingresso no 1500chan, com a qualificação aprovada, iniciei o processo de pesquisa de campo durante três meses, de forma quinzenal, de segunda a quinta, deixando a sexta para análise e sistematização dos dados. Infelizmente, o volume de informação fez com que fosse necessário adotar uma estratégia para manejar a coleta tanto no VHSChan como no 1500chan. Sendo assim, optei por coletar todas as postagens (*fios*) da página inicial de ambos os fóruns, sendo dois dias dedicados ao *fit*a, apelido dado pelos usuários ao VHSChan, e dois dias para o 1500chan. Realizado de forma manual, por meio de captura de tela do computador, no final do campo, tivemos armazenados 281 arquivos, dos quais a unidade possui mais de um comentário. Dessa forma, não seria possível estimar a quantidade exata de postagens e comentários observados, mas que, sem sombra de dúvidas, ultrapassa o triplo da quantidade de arquivos armazenados.

1.1 CHAN 101: INTRODUÇÃO AO FUNCIONAMENTO DE UM CHAN

Antes, gostaria de oferecer uma explicação sobre o funcionamento dos chans em níveis de interface e interação com o qual o usuário se relaciona. Faz-se preciso, pois, tratando-se de um tema e ambiente de pouco conhecimento pela larga maioria dos possíveis leitores, as dinâmicas que serão expostas podem ficar melhor compreendidas.

Os chans são fóruns que utilizam mecanismos de interface para garantir o anonimato dos usuários, que podem publicar imagens e textos nesses ambientes. Esses espaços são conhecidos como *imageboard*. Como já foi explicado anteriormente, seu funcionamento se baseia na possibilidade de publicação em quadros (*boards*), com cada quadro possuindo um tema específico, sob o risco de punição do administrador⁷ caso seja publicado algo que não se refira ao tema do quadro. Todo usuário pode realizar uma postagem nova, chamada de *fio* ou *thread*. Como se pode observar na imagem 1, o 1500chan possui na categoria mais ampla de

⁷ Aqui cabe destacar um ponto importante, que não iremos adentrar ao longo do trabalho por fugir do escopo do trabalho. Apesar de vistos como “terra sem lei”, chans possuem dinâmicas internas de regras e moderação de conteúdo, que por muitas vezes, não se adequam às regras legais ou moralmente corretas de determinada sociedade na qual ele está inserido. De certa forma, essa relação demanda esforços similares aos empreendidos no início da antropologia de não exotizar ou ser etnocêntrico na forma de escrita.

organização temática o assunto “Economia e Finanças”, na qual dentro dela possui os quadros “Finanças”, “Criptomoedas e Câmbio” e “Empregos, Trabalhos e RH”. Cada quadro possui uma abreviação, no qual normalmente ele é referido nas conversas dos chans. Para os respectivos *boards* citados anteriormente, as abreviações seriam “\$”, “c” e “clt”, respectivamente.

Imagem 1 - Página inicial do 1500chan

1500chan

Regras atualizadas do chan — por N em 26/05/23 (ter) 05:44:23

Seguem as regras do chan, com as devidas atualizações:

- 1) Não poste nada ilegal.**
Punição em caso de violação: permaban. Atenção: se enquadra nessa categoria também quaisquer discussões sobre conteúdo proibido - e não somente a publicação de conteúdo proibido.
- 2) É proibido SPAM ou divulgação de outros locais.**
Punição em caso de violação: permaban.
- 3) Quem lacra não lurka.**
Punição em caso de violação: permaban.
- 4) Lugar de colher é na gaveta da cozinha. Não deixe sua casa desarrumada.**
Punição em caso de violação: permaban.
- 5) Escreva em português corretamente, incluindo utilizando acentuação.**
Punição em caso de violação:
a) Nada se for algo bobo ou irrelevante.
b) Aviso de 1 segundo se for algo muito repetitivo.
c) Ban de 1 hora a 72 horas para "leakspeak", a depender da intensidade.
d) Até uma semana em caso de reincidência crônica.
- 6) Respeite as regras específicas de cada board.**
- 7) Cuidado com balts e forçações.**
A Administração se reserva o direito de lhe convidar a se retirar do recinto caso perceba que você está fazendo isso pra prejudicar o chan como um todo. Shillagem, Psysops contra os anões ou o chan, e panelagens variadas se encaixam nessa categoria.
- 8) É proibido mendigar no chan.**
Mendigos receberão bans de 30 dias.
- 9) Não quebre o seu anonimato, e nem o de outros anões do 1500.**
A punição pode ir de 15 dias até um permaban, a depender da intensidade do ato.
- 10) Não crie fofos sobre muilé no fodendo /b/.**
Quer postar muilé peidas? Vá para o /p/!
Quer postar sobre como sua namorada te meteu um chifre ou sobre como prostrar no toqumho? Vá para o /psico/!
Quer postar muilé com pinto? Vá para o /lr/!
Quer postar muilé fazendo dançotes, fotos sensuais de vagabundas vestidas ou qualquer outro conteúdo coomer? Vá para o /muilé/!

Conteúdo dessa natureza que for postado no /b/ resultará em ban de 7 a 15 dias no postador no /b/ e de 3 a 7 dias em quem responder o ffo. A cada reincidência o ban dobrará de tamanho.

As únicas exceções serão:

- A) Fios de críticas: ajuda jurídica e/ou rage geral sobre feminismo ou leis misândricas
- B) Casos jornalísticos emblemáticos que envolvam alguma muilé (exemplo: se ocorrer uma nova Najja/Suzane Von Richthofen/Patricia Leão/Marina Bacalhau/Podre Ferrer, etc)
- C) Humor/Sátira sobre comportamentos/temas femininas (ex: Muilé causando acidente automobilístico ou fazendo alguma bosta).
- D) Fios temáticos oficialmente autorizados pelo staff, conforme lista abaixo:

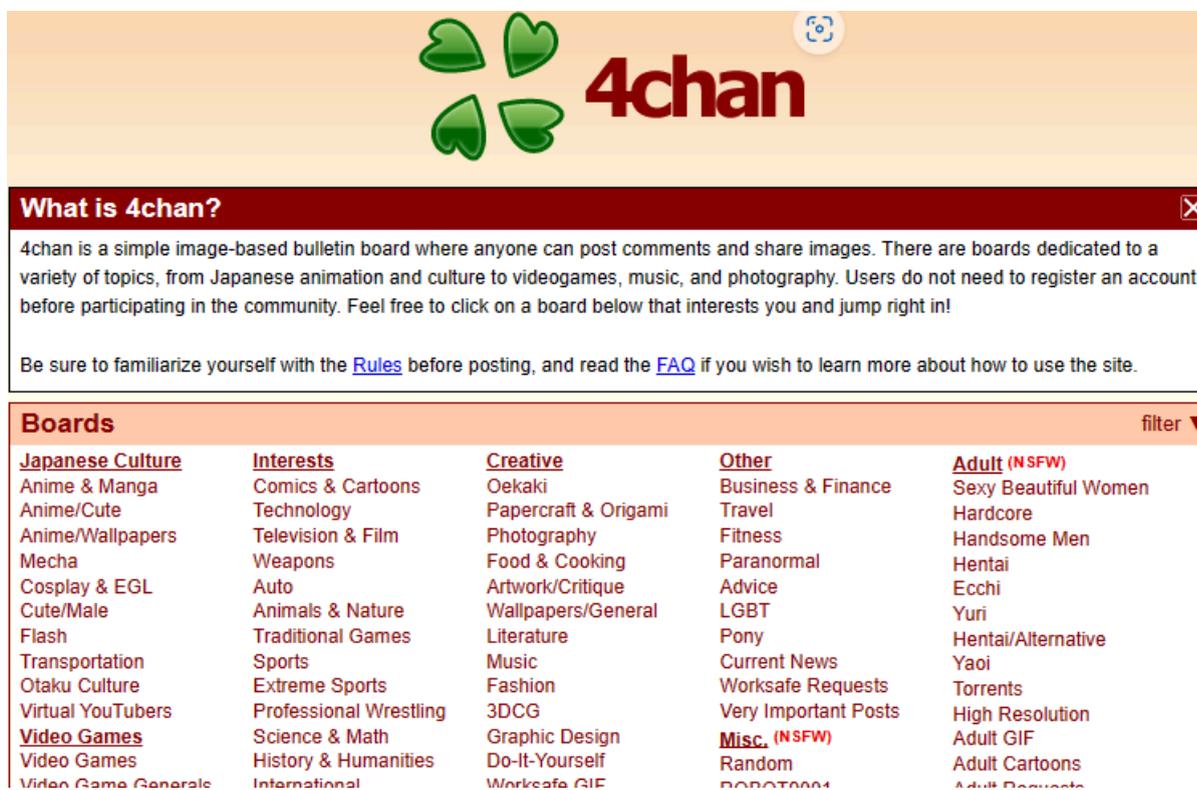
Fonte: Coleta própria

Cada chan organiza a informação de forma diferente e, consequentemente, possui quadros temáticos diferentes. Essa decisão vai variar de acordo com o objetivo do chan, perfil da base dos usuários e com a subcultura do fórum. Em comparação ao 1500chan, o 4chan (imagem 2) possui uma quantidade maior de quadros, dispostos em categorias diferentes. Por exemplo, a categoria “Japanese Culture” é bem mais extensa no fórum anglófono do que no brasileiro, algo possivelmente explicável pela origem do 4chan, que será exposto no primeiro capítulo.

Apesar dessa grande variedade, há, normalmente, uma diferença de popularidade entre os quadros. Mesmo com organizações diferentes, de forma geral o principal quadro na grande maioria dos chans é o *board* aleatório ou “random”, também conhecido como /b/. Nele os *anões* podem, teoricamente, publicar sobre tudo, já que em alguns casos pode haver restrição de alguns tipos de conteúdo, algo que varia de fórum para fórum. No caso do 4chan, por exemplo, é extremamente comum se deparar com imagens pornográficas no quadro /b/, já no 1500chan é algo proibido (ver regra 10 na imagem 1), podendo levar ao banimento

temporário para quem postou e quem engajou na publicação. Justamente considerando essa importância do *board* /b/ para os chans é que a nossa pesquisa dedicou a um trabalho de campo somente nesse quadro.

Imagem 2 - Boards 4chan



The image shows the 4chan website interface. At the top, there is a logo consisting of four green hearts arranged in a circle, followed by the text "4chan" in a large, bold, red font. Below the logo is a red banner with the text "What is 4chan?" and a close button (X). The banner contains the following text: "4chan is a simple image-based bulletin board where anyone can post comments and share images. There are boards dedicated to a variety of topics, from Japanese animation and culture to videogames, music, and photography. Users do not need to register an account before participating in the community. Feel free to click on a board below that interests you and jump right in!" Below this banner is a section titled "Boards" with a "filter" dropdown menu. The boards are organized into five columns:

| <u>Japanese Culture</u> | <u>Interests</u> | <u>Creative</u> | <u>Other</u> | <u>Adult (NSFW)</u> |
|-------------------------|------------------------|----------------------|----------------------|----------------------|
| Anime & Manga | Comics & Cartoons | Oekaki | Business & Finance | Sexy Beautiful Women |
| Anime/Cute | Technology | Papercraft & Origami | Travel | Hardcore |
| Anime/Wallpapers | Television & Film | Photography | Fitness | Handsome Men |
| Mecha | Weapons | Food & Cooking | Paranormal | Hentai |
| Cosplay & EGL | Auto | Artwork/Critique | Advice | Ecchi |
| Cute/Male | Animals & Nature | Wallpapers/General | LGBT | Yuri |
| Flash | Traditional Games | Literature | Pony | Hentai/Alternative |
| Transportation | Sports | Music | Current News | Yaoi |
| Otaku Culture | Extreme Sports | Fashion | Worksafe Requests | Torrents |
| Virtual YouTubers | Professional Wrestling | 3DCG | Very Important Posts | High Resolution |
| <u>Video Games</u> | Science & Math | Graphic Design | <u>Misc. (NSFW)</u> | Adult GIF |
| Video Games | History & Humanities | Do-It-Yourself | Random | Adult Cartoons |
| Video Game General | International | Worksafe GIF | DDDDDD | Adult Requests |

Fonte: Coleta própria

Como ressaltamos, *imageboards* se caracterizam pela postagem anônima em nível da interface de imagens e textos, já que a utilização e publicação nos chans registra o *internet protocol* (IP) do usuário, que é o código que identifica a rede com a qual ele se conecta.. Apesar de não oferecer dados pessoais, em caso de investigação criminal, pode-se descobrir o perfil do usuário solicitando as informações para o provedor de Internet, além de ser também a forma que os administradores de *imageboards* utilizam para banir usuários (Pereira, 2023).

Para garantir esse anonimato por interface, os chans têm como base a seguinte estrutura de postagem da imagem 3. Na publicação podemos identificar alguns elementos importantes, como por exemplo, a data da postagem (11/21/23 - 11 de novembro de 2023), o dia que foi postado (*Tuesday* - Terça-feira), o horário da publicação (18:15:56) e um código da publicação (No. 909690930). Esse código da publicação muda conforme outras publicações são realizadas. Na prática, caso o *anão*, termo utilizado para denominar usuário de chan em português, inicie um *fi*, isto é, realize uma postagem sobre algum assunto, sua

publicação receberá um código – digamos No. 0101 para fins de exemplo. Neste *fio*, ao responder outro usuário, ele receberá um outro código pela sua publicação, digamos No. 0103. Ao longo do trabalho de campo entendemos que esse código representava a quantidade de postagens que há no fórum. Por ser um código, não há nenhum indicativo de que uma resposta se trata de um determinado usuário em específico.

Para se ter um mínimo de coerência entre as publicações e possibilitar que o *anão* saiba que sua mensagem foi respondida, há o mecanismo de identificação de respostas. Nesse caso, o usuário pode clicar no botão *reply* e irá responder uma postagem, como na imagem abaixo, no qual há “>>909690777 I Have a masters cope harder fag.”, indicando essa pessoa da postagem No. 909690930 respondeu a pessoa da postagem No. 909690777. Para saber se o usuário da publicação No. 909690930 foi respondido, há um pequeno indicador, logo ao lado do seu código de publicação, em azul, o texto “>>9096909555”, mostrando que a pessoa foi respondida nesta publicação pela pessoa de tal código.

Imagem 3 - Postagem no 4chan



Fonte: Coleta própria

Outro aspecto relevante da comunicação nos chans é sua efemeridade (Bernstein et al, 2011). As postagens não são armazenadas *ad infinitum*, havendo um limite de páginas no qual o usuário pode acessar as postagens mais antigas, variando de chan para chan. Conforme um *fio* vai ficando inativo, ele vai sendo colocado para as postagens mais antigas do *chan*. Caso chegue em um determinado limite de postagens, digamos a última postagem da décima página, o *fio* será excluído. Durante a pesquisa de campo em fóruns com pouca atividade, como o caso do 84chan, fui capaz de acessar a primeira postagem do *imageboard*. Entretanto,

para chans com maior movimentação, como o 4chan e o 1500chan, em que diversos *fos* são movimentados, aquele menos movimentado pode sumir em um curto espaço de tempo. Berenstein et al (2011) identificaram que um *fio* no quadro /b/ do 4chan tinha um tempo mediano entre 3.9 minutos e 6.2 horas.

1.2 PESQUISANDO EM GRUPOS ADVERSOS

De alguma forma, durante os processos e definições de temas de pesquisas na antropologia, as pessoas pesquisadoras tendem a escolher grupos com maior afinidade ou facilidade de inserção. Isso, no entanto, não significa que elas criem laços afetivos positivos com as pessoas pesquisadas. Um exemplo clássico disso é o próprio trabalho de Malinowski, que graças a sua posição no Império Britânico, teve a sua inserção nas Ilhas Trobriand facilitada, mas que, segundo seu diário, não nutria nenhum tipo de simpatia pelos trobriandeses.

Essa é a reflexão realizada por Agnieszka Pasioka (2019), *research fellow* em antropologia cultural e social da Universidade de Vienna. Como foi indicado na introdução, diversas vezes fui indagado sobre como poderia pesquisar tais grupos. As perguntas vinham tanto de pessoas de dentro como de fora da antropologia. A problemática é similar para aqueles que realizam trabalho na antropologia da elite; grupos de difícil acesso e que, por muita das vezes, não desejam ser objetos de estudo (Vailati, 2021). A autora questiona justamente por que tais perguntas vêm de pessoas antropólogas. Essas perguntas “[...] transmitem uma alteridade absoluta e repulsiva com a qual ninguém supostamente desejaria se envolver” (Pasioka, 2019, p.1. Tradução livre)⁸.

Pasioka direciona seu argumento para o campo da criação de afetos com pessoas que seriam “repugnantes”. Apesar de não ter tido direito com frequentadores de *chans* atualmente, e meu interlocutor não ser mais um, a criação de afeto se deu por outros caminhos. Antes e depois da pesquisa, considerei engraçadas diversas publicações e memes produzidos nesses *imageboards*, que não se configuravam enquanto discurso de ódio. Essa identificação diz respeito à bagagem de vida que trago, visto que durante muitos anos frequentei espaços em que esse tipo de humor era vinculado, como fóruns de Facebook e jogos online. Hoje, enquanto praticante da antropologia em chans, o campo me impacta de outra forma. Ainda considero a estética humorística dos chans algo engraçado, mas a todo momento ficava

⁸ Do original: “[...] conveys an absolute, repulsive otherness which no one would purportedly wish to engage with”.

preocupado como por meio dessa forma de comunicação os chans ganhavam espaço na Internet em espaços menos nichados, como Facebook, Instagram e Twitter, atraindo novos usuários para esses espaços. Mais precisamente, crianças e adolescentes em formação do senso crítico, imersos em um campo ideológico muito pautado pelo ódio.

Entretanto, essa preocupação se misturava com outra: a de ir além de identificar os chans como um espaço de ódio. Dessa forma, meu questionamento é: por que não estudar grupos que não temos afinidades ou de difícil acesso? Afinal de contas, não deixam de ser pessoas que formam relações sociais, instituições, regras, costumes, práticas, símbolos, rituais, entre outras categorias tão caras para a antropologia. O estudo de grupos adversos, aqui compreendido como grupos que representam um grau elevado de dificuldades para execução do trabalho de campo, envolvendo aspectos de conflitos ideológicos e morais, problemas de inserção no campo, aversão à figura do antropólogo, pede novos horizontes e compreensões sobre dinâmicas e práticas sociais. Como afirma a autora: “Antropologia está no seu melhor quando desafia certos entendimentos tomados enquanto certos e senso comum, seja ‘estudando por cima’ ou ‘estudando por baixo’”⁹ (cf. Nader [1969] 1974).” (Pasiaka, 2019, p.4. Tradução livre).

O estudo de grupos extremistas, segundo Kathleen Blee (2007), tinha uma característica de externalidade, isto é, sem aprofundamento no campo, buscando dados como jornais, livros, estatísticas, entre outros, que não demandavam a construção de uma relação com o campo.

O presente trabalho é um esforço de dar luz a práticas e sociabilidades consideradas obscuras pela maioria da população e por parte da comunidade antropológica. A emergência de novas formas de sociabilidade, sobretudo em campos extremistas, são de difícil apreensão e demandam um diálogo interdisciplinar, como bem aponta Rebecca Lemos Igreja e Camilo Negri (2020). Aqui, enquanto trabalho antropológico, centramos nosso debate em tal área do conhecimento, mas buscaremos trazer conhecimentos da computação, interação humano computador e design para explicar os fenômenos dos chans.

A contribuição da antropologia para o estudo de grupos da extrema-direita ou, mais genericamente, grupos adversos, é o fato de que:

A antropologia tem mais a contribuir para os estudos da extrema direita do que a etnografia e o acesso ao “outro”. Isto é importante sublinhar os seus contributos para a compreensão de uma nova vertente desta extrema-direita, a saber, a sua identidade identitária e

⁹ Do original “Anthropology is at its best when it challenges certain taken-for-granted, commonsensical understandings, whether by ‘studying up’ or ‘studying down’”

construção cultural, e como se apropria de conceitos da antropologia para esse fim. (Igreja, 2021, p.3. Tradução livre)¹⁰

No que concerne aos aspectos metodológicos, o foco foi, da pesquisa à observação da atividade nos *imageboards*, centrado nas interações entre os usuários. No estudo de grupos adversos, um dos principais desafios é justamente a dificuldade ao acesso. Como reforça Rebecca Lemos Igreja (2021), estudos envolvendo a extrema-direita no Brasil tendem a focar na sua ascensão em espaços digitais, obscurecendo sua ampliação em outros focos. Isso pode ser compreendido à luz da dificuldade do acesso, visto que “[...] embora alguns movimentos de extrema direita possam ser estudados por meio da observação de suas aparições públicas, a análise de perto de muitos grupos racistas e extremistas de direita requer acesso que pode ser difícil, até perigoso.” (Blee, 2007, p.121. Tradução livre)¹¹

1.3 - A PESQUISA ANTROPOLÓGICA ONLINE E EM GRUPOS DA MACHOSFERA

Essas dificuldades levantaram desafios metodológicos para o trabalho. Aqui construímos um trabalho que percorre caminhos desenvolvidos nos debates metodológicos da realização das etnografias online. Como destaca Christine Hine (2008), na etnografia online - ou como ela chama, virtual - o campo está no digital, sendo o deslocamento do antropólogo mais em nível de experiência do que em nível físico. Hoje, principalmente após a pandemia da COVID-19 em que muitos trabalhos de campo precisam ir para o digital, o campo se encontra mais consolidado. Ainda assim, faz-se sempre necessário reforçar que a etnografia online é etnografia, não sendo inferior ou melhor que a “etnografia offline” (Cesarino; Walz; Balistieri; 2023).

Contudo, a realização de trabalhos de campo em espaços digitais criam especificidades, que demandam serem endereçadas. Se as etnografias desenvolvidas nas monografias clássicas necessitavam de uma imersão da pessoa pesquisadora, no online também. Neste, porém, o anonimato se coloca como uma possibilidade real, no qual a pessoa se dedicaria apenas à observação das interações.

¹⁰ Do original: Anthropology has more to contribute to studies of the far right than ethnography and access to the ‘other’. It is important to stress its contributions to an understanding of a new aspect of this far right, to wit, its identitarian and cultural construction, and how it appropriates concepts from anthropology to this end.

¹¹ Do original: “Although some far-right movements can be studied through observation of their public appearances, close-up analysis of many racist and right-wing extremist groups requires access that can be difficult, even dangerous”

Beatriz Polivanov (2013) indica os graus de inserção durante a pesquisa online. Havia de um lado o *insider*, aquela pessoa que se integra, tem íntimas conexões com o campo e interage com ele, próximo à observação participante, e o *lurker*, que apenas observa, sem interagir. Como destacam Cesarino, Walz e Balistieri (2023), apesar de não indicado, a prática de *lurking* é a única possível, em virtude do perigo do campo. Citado como exemplo no artigo pelos autores, está o trabalho de Adriana Dias (2007), grande referência de desenvolvimento antropológico de trabalhos etnográficos em grupos adversos brasileiros em espaços online.¹²

Em seu trabalho de dissertação de mestrado, Adriana Dias realiza uma imersão em sites neonazistas. O trabalho da autora não é apenas um marco na antropologia realizada na Internet, mas na realização de trabalhos de campo online em grupos adversos. Em sua dissertação, a autora buscou compreender como a ideia de uma raça ariana emerge no universo simbólico digital do neonazismo. Nos aspectos metodológicos, a autora cita a dificuldade em investigar um grupo adverso. Relatando sua experiência, afirma:

Foi necessário pouco tempo de pesquisa para perceber que o terreno era perigoso: o discurso incitava não apenas ao racismo, mas também à prática do assassinato, e às diversas outras iniciativas contra a vida, contra os direitos humanos, contra valores, defendidos por mim como essenciais para a convivência humana. Particularmente, se mostrou especialmente doloroso observar que grupos humanos investiam, exaustivamente, na tentativa de desacreditar o valor da vida humana como universal, e que deveria ser restringido aos que eles denominavam de “parasitas sociais”, negros e judeus, animalizados no discurso como “baratas e ratos” ou “baratas e piolhos”. (Dias, 2007, p.27)

Ler seu debate metodológico fez ressoar diversos sentimentos em relação ao meu próprio trabalho de campo. Por mais que me perguntassem a todo momento como eu conseguia pesquisar esse tema – similar ao que fizeram com a Adriana Dias, e às indagações – eu tentava responder: “por que não?. Embora o processo tenha tido, sim, suas dificuldades, as partes envolvendo o conteúdo talvez tenham sido as mais fáceis. De alguma forma que eu não saberia explicar, estava preparado para o que iria ver e ler. Talvez, por grande parte da minha infância e adolescência, ter estado imerso em grupos de jogadores online (*gamers*), os quais (re)produzem muitos desses discursos tóxicos, eu já estivesse “dessensibilizado” ao discurso.

O ponto mais sensível a mim durante todo o processo foi a minha segurança. Ao abordar o tópico de segurança, penso não apenas a integridade física, mas também das minhas informações pessoais e da própria pesquisa. Como iremos relatar no primeiro capítulo do

¹² Importante destacar os empreendimentos antropológicos no campo do digital realizados por Leticia Cesarino (2019, 2020, 2021, 2022) no seu estudo sobre o bolsonarismo.

trabalho e também no terceiro capítulo, uma das práticas comuns de usuários é a realização de *doxxing*, isto é, vazamento de dados pessoais e também ataques organizados a pessoas públicas ou que são consideradas “inimigas” do fórum. O medo de interagir e ser identificado como um *outsider* do espaço me fez retrair na interação durante o trabalho de campo. Por essa razão, optei por uma observação não participante das interações ocorridas nos chans.

Além desse importante ponto de partida metodológico, cabe falar de onde partimos de campo de estudos. Hoje o estudo de chans e *imageboards* vem se desenvolvendo em diversas áreas. Pelo campo da comunicação, o tema já foi abordado por Fernando Fontanella (2010), no qual o autor apresentava os chans e a questão do anonimato nessas plataformas, problematizando o uso de memes e a figura do troll - pessoa que tem como objetivo sempre irritar as pessoas envolvidas em alguma situação.

Entretanto, o desenvolvimento no estudo de grupos da machosfera, seja no chan ou em outras plataformas, está ganhando mais tração. Gracila Vilaça e Carlos d’Andréa (2021), também da comunicação, abordam a rede social Reddit e sua importância para difusão das categorias da machosfera, dedicando tempo a explicar como esse grupo se articula com a alt-right e outras problemáticas. Similarmente, numa interseção da machosfera com problemas teóricos sobre masculinidade, os autores André Villela de Souza Lima-Santos e Manoel Antônio dos Santos (2022) pela psicologia realizam uma análise sobre a categoria de “redpill” e sua utilização para formulação de discursos misóginos online.

Voltando ao cenário de *imageboards*, também se utilizando da categoria de “redpill”, a dissertação de Luís Antônio Alves Meira (2021) em Linguagens, Mídia e Arte buscou realizar uma análise sobre a relação entre os discursos de ódio e a economia da atenção no Dogolachan. Nesse chan brasileiro, o autor realizou um processo de análise do discurso para compreensão dos sentidos do que estava sendo vinculado nas postagens do fórum.

Buscamos aqui oferecer uma visão antropológica para os *imageboards*. Nesse sentido, a pesquisa teve como objetivo identificar as características da sociabilidade que emergem na relação intra e interchans. Para isso, a abordagem de Victor Turner sobre apresentou diálogos com os dados analisados extremamente frutíferos, em especial o conceito de *communitas*, anti-estrutura e dramas sociais.

O recorte foram chans em português, como brevemente destacado anteriormente. A ênfase maior foi no 1500chan e no VHSChan, mas, como será relatado no último capítulo, visitas esporádicas a outros chans ocorreram, a fim de melhor compreender as dinâmicas de sociabilidade que estavam sendo construídas.

Esse foco na categorização da sociabilidade dos chans cria, inevitavelmente, limitações de possibilidades para outros debates, como todo recorte de pesquisa. Algo importante de ser notado é justamente o debate de gênero e sexualidade, que apesar de estar presente em todo o trabalho, seja explícita ou implicitamente das dinâmicas, conforme será observado nos capítulos seguintes, não foi um campo possível de ser aprofundado neste trabalho por limitações e escolhas teóricas, mas que não apagam a importância de pensar a relação do campo com a área de estudo. Como será explicado de forma mais ampla, , categorias referentes a gênero e sexualidade são constantemente utilizadas para delimitar o Outro, na construção de um exterior constitutivo (Butler, 2001), no qual a subjetivação de usuários do chan se dá por meio da abjeção do Outro.

Outro ponto importante que merece destaque é a temática do anonimato. Aqui buscamos abordar a temática do anonimato apenas na sua relação com o design da interface com os quais os usuários interagem. Inevitavelmente, um debate mais teórico sobre a relação antropológica com o anonimato acaba sendo impactado. A escolha se deu justamente para evitar a abertura de mais um tópico de debate, que não a forma de sociabilidade. Por isso, buscamos principalmente entender como o anonimato em nível de interface afeta a forma de sociabilidade intra e interchan, algo presente em todos os capítulos.

No primeiro capítulo, oferecemos uma visão histórica dos *imageboards*. Promover uma revisão historiográfica desses espaços é um grande desafio. Como será exposto em maiores detalhes, há uma dificuldade de fontes e registros sobre esses espaços digitais. As razões são múltiplas, dentre elas a estigmatização que *imageboards* possuem, vistos enquanto espaços de perigo. Partimos dos anos 1970, com a origem do *computerized hobbyist bulletin board systems* ou, como ficou conhecido, *bulletin board systems* (BBS). Seguimos avançando e partimos para o Japão, mostrando como a construção de BBS criou espaços virtuais centrais nos primórdios digitais japonês, como o *Ayashii World*, 2chan e o Futaba Channel. Por fim, encerramos o capítulo buscando demonstrar a criação dos chans em espaços anglófonos, em específico o 4chan, criado por Christopher Poole, ou “Moot” e chegada dos *imageboards* no Brasil.

O segundo capítulo abre as discussões antropológicas envolvendo chans, buscando categorizar a sociabilidade intrachan. Desenvolvemos a ideia dos chans enquanto espaços antiestruturais, inspirado nos apontamentos teóricos de Victor Turner. Para isso, destrinchamos conceitos fundamentais como liminaridade e *communitas* para compreender como essas categorias informam a dinâmica de sociabilidade dos chans. Enquanto espaço antiestrutural, buscamos compreender como dinâmicas emergem dentro deste cenário de

sociabilidade específico, pautado pelo anonimato. Para isso, mobilizamos o conceito de *affordances* por meio de uma revisão bibliográfica, a fim de entender práticas que surgem na relação entre humano-máquina, ambos com potencial de agência.

O último capítulo mantém as inspirações turnerianas. Nesse momento do trabalho, mobilizamos o conceito de drama social, desenvolvido pelo autor em *Schism and continuity in an African society : a study of Ndembu village life*, para compreender duas quedas dos fóruns. A primeira foi a do 1500chan, citada anteriormente, mas que será detalhada neste momento do trabalho. A outra envolve a queda do VHSChan e um breve acompanhamento das reações e migrações dos usuários para outro chan, o 84chan. Buscamos compreender as dinâmicas e como, de certa forma, essas situações se enquadram dentro a categoria analítica de drama social.

Por fim, encerramos o trabalho oferecendo panoramas possíveis. Um campo tão extenso e complexo abre caminhos para diversos empreendimentos. As considerações finais é um convite ao leitor em explorar os *imageboards* e compreender a riqueza que há nesses espaços.

2. HISTÓRIA DOS CHANS - UMA NARRATIVA POUCO CONTADA

Traçar a história dos chans é algo difícil, por duas razões. A primeira delas é a falta de documentação, sobretudo produzida nos meios em que a comunidade acadêmica costuma se basear para construir um *corpus* bibliográfico. Normalmente, a história dos *text* e *imageboards*¹³ é contada pelos próprios usuários, que desenvolvem acervos, sites e wikis para uma construção de memória. Exemplos desse caso pode ser o site *Ayashii World no Rekishi* (あやしいわーるどの歴史)¹⁴, que teve uma tradução em inglês com nome de *The History of Ayashii World*¹⁵ e a *Yotsuba Society*¹⁶, que se dedica a documentar a história e trajetória dos *imageboards* ocidentais:

É o maior e menos noticiado evento cultural e sociológico por sete anos, principalmente por causa do foco excessivo em aspectos sensacionalistas da cultura de *imageboards* ocidental. Esse foco sensacionalista excessivo oculta o tanto de bom que vem dessa cultura. Isso é conhecido como a “Grande Tragédia” na cultura de *imageboard*. (Yotsuba Society, 2011b. Tradução livre)¹⁷

O segundo problema é justamente da origem dos *imageboards*, que remontam no Japão, criando uma barreira linguística¹⁸. Para isso, realizamos um processo de revisão bibliográfica pautada, além dos meios tradicionais citados anteriormente, utilizamos sobretudo materiais produzidos por usuários de *imageboard* em sites wikis e outros espaços criados pela própria comunidade, que se destinam a fazer uma espécie de historiografia desses locais. No que concerne aos problemas linguísticos, tentamos realizar uma busca utilizando, com auxílio do tradutor, os termos em japonês para tentar levantar mais materiais, entretanto com dificuldades de resultados.

Se para os casos japonês e estadunidense é difícil ter acesso à informação confiável sobre a origem e trajetória dos *imageboards*, para o caso brasileiro é ainda mais complicado. A falta de documentação passível de verificação com outras fontes é algo extremamente escasso. Trabalhos acadêmicos que citam esses chans no Brasil, com datas de origem, não oferecem as fontes nas quais essas informações foram coletadas, o que dificulta ainda mais o

¹³ Termos que serão definidos mais a frente, mas referentes às categorias de fóruns apenas textuais e imagético-textual, respectivamente.

¹⁴ Cf. [あやしいわーるどの歴史 \(aaacafe.ne.jp\)](http://aaacafe.ne.jp)

¹⁵ Cf. [The History of Ayashii World \(neocities.org\)](http://neocities.org)

¹⁶ Cf. <https://yotsubasociety.org/>

¹⁷ Do original: It is the biggest and most unnoticed cultural and sociological event for seven years primarily because of the overwhelming focus on the sensational aspects of the western *imageboard* culture. This overwhelming focus on the sensational overshadows the many good that came from the culture. This is known as the “Great Tragedy” of the *imageboard* culture.

¹⁸ Para a presente pesquisa, não foi possível aprender japonês a fim de aprofundamento no assunto.

trabalho de revisão bibliográfica (Botão, Souza, Ribeiro, 2019; Maciel, Gonçalves-Segundo, 2024).

Como destaca Eduardo Velho (2018), muitas das informações sobre os chans no Brasil estão agregadas em sites *wikis*, como Wikinet¹⁹, que tem como foco a veiculação da informação por vias humorísticas. Para além disso, cabe destacar também que, por se tratar de sites *wikis*, qualquer usuário tem a possibilidade de alterar uma informação caso considere ela incorreta ou apenas queira modificar os dados por diversos motivos. Dessa forma, apesar de relevantes as informações contidas nesses espaços e que tenhamos apoiado parte das informações aqui trazidas na Wikinet, é preciso ter cautela sobre a veracidade e precisão do que foi compartilhado, sempre buscando outros meios de averiguar a informação lá publicada.

2.1 - ORIGENS: *BULLETIN BOARDS SYSTEMS, USENET E AYASHII WORLD*

As origens dos chans estão em sistemas antigos de comunicação entre usuários da Internet, que tiveram seus elementos e funcionalidades incorporadas. Dentre um dos sistemas importantes para compreensão do que hoje entendemos como chans, estão os *bulletin boards systems* (BBS). Criado por Ward Christensen e Randy Suess em 1978, o primeiro desses sistemas, na realidade, foi chamado pelos criadores de *computerized hobbyist bulletin board systems* (CBBS), em um artigo para a *Byte Magazine*. No material, os autores descrevem a invenção como sistema para comunicação em mensagem, no qual, as pessoas com terminais ou computadores equipados com modems, podem deixar e receber mensagem (Christensen, Suess. 1978). A origem focada na comunicação está extremamente associada com as condições de sua criação; as nevascas de janeiro de 1978 em Chicago dificultavam os encontros presenciais do clube de computação, até que, enfim, decidiram desenvolver um sistema de comunicação computacional. (Moschovitis et al, 1999)

A invenção de Christensen e Suess é considerada um marco na história da Internet, em especial das redes sociais. Christos Moschovitis *et al* (1999) coloca que o desenvolvimento do CBBS se diferenciava de projetos de comunicação entre computadores, como os desenvolvidos pela ARPANET. Os autores acrescentam que, enquanto a ARPANET tinha seu desenvolvimento e uso limitado para instituições financiadas pelo setor de defesa, o CBBS foi um projeto civil, com uso dado por entusiastas e cientistas. Essa história é normalmente

¹⁹ No site da Wikinet, eles se descrevem como: “A Wikinet é uma wiki em português que cataloga verbetes sobre a cultura da Internet. Contemos artigos sobre vários sites, pessoas, memes, jogos, eventos, netspeak (internetês), informática e outras coisas interessantes. Tudo escrito de uma forma satírica e engraçada. Use os links abaixo para explorar melhor o projeto.”

colocada em segundo plano na “história oficial” da Internet (Driscoll, 2022). O impacto dos CBBS foram imensos e inicialmente uma das principais formas de comunicação no início da popularização da Internet:

CBBS inicia uma revolução na comunicação eletrônica. Quadros de avisos virtuais começam a surgir em todo o país; eles são chamados genericamente de BBS, de bulletin board system. Alguns cobrem uma variedade de tópicos e outros são destinados a discussões altamente específicas. No início dos anos 1990, a maioria dos BBS são conectados a Internet, e um novo mundo virtual, são introduzidos a seus usuários, que previamente vagavam dentro dos parâmetros de um sistema (ou em alguns casos vários sistemas interconectados). (Moschovits et al, 1999 p.93. Tradução livre)²⁰

Outra invenção relevante para as origens dos chans foi a da Usenet. Esta rede de comunicação descentralizada teve origem em 1979 por três estudantes de ciência da computação, Tom Truscott, Jim Ellis e Steve Bellovin. Moschovits et al (1999) descreve esse sistema como objetivando a comunicação entre pesquisadores, mas que foi um dos grandes responsáveis por fazer surgir grupos de notícias, onde pessoas poderiam compartilhar ideias e informações sobre algum tópico específico, com *threads* de discussão. (Imagem 4)

²⁰ Do original: CBBS kindles a revolution in electronic communication. Virtual bulletin boards begin popping up around the country; they are given the generic name BBS, for bulletin board system. Some cover a range of topics, and others are intended for highly specific discussions. By the early 1990s most BBSs are connected to the Internet, and a whole new virtual world is introduced to BBS members, who had previously roamed within the limited parameters of one system (or in some cases several interconnected systems).

Criado por Shiba Masayuki em 1995, Shiba teve acesso ao jogo *Kasumigaseki*, que era inspirado nos atentados terroristas com gás venenoso Sarin nos metrô de Tokyo, pelo culto apocalíptico Aum Shinrikyo, com quatorze mortos (Wesolowski, 2016; PSIA, 2020). Dois materiais informam que o site foi fechado pouco tempo depois, antes mesmo de completar um ano (Wesolowski, 2016; HistoryofAyashiiWorld, s.d), por razões pouco claras, mas que pode envolver aspectos financeiros:

[...] para manter sua placa de anúncios virtuais funcionando, Shiba Masayuki precisava pagar um aluguel mensal ao provedor de serviços online Nifty-Serve. Em 1995, eles também cobravam 10 ienes (um pouco menos de 10 centavos de euro) por minuto de uso de sua rede. Para os clientes que desejavam desfrutar de uma taxa de transmissão entre 9,6 e 14,4 quilobits por segundo, essa tarifa subia para 25 ienes por minuto, o que equivale a 13 euros por hora. (Wesolowski, 2016. Tradução nossa)²¹

No site traduzido do japonês, chamado *The History of Ayashii World* (s.d), as consequências para esse fechamento são destrinchadas. Em abril de 1996, outro BBS foi criado com também com o nome de *Ayashii World*, por alguém chamado Aisuta. Segundo o site, essa versão foi extremamente impopular pelo grau de moderação de conteúdo existente nele. Consequentemente, Aisuta repassou o nome, havendo teorias de que a partir desse momento o nome retorna para Shiba Masayuki.

Em 21 de agosto de 1996, o *Ayashii World* vai para a Internet, graças a uma conjunção de fatores, sobretudo econômicos, como serviços gratuitos de hospedagem e de *bulletin*, segundo o site graças à inspiração de Shiba no *BBS Nihon Lolicon Graphics* (日本ロリコングラフィックス). Os primeiros tópicos segundo o *The History of Ayashii World* (s.d) envolviam interesses de Shiba em tópicos como *pedoneta* (ペドネタ), histórias ou materiais relacionais a pedofilia e tendências de subcultura do mainstream. Todos os que publicavam no *Ayashii World* recebiam um nome padrão de “Nanashi”, traduzível para “sem nome” (Wesolowski, 2016). Relatando a história dos *imageboards*, Sébastien Wesolowski rememora:

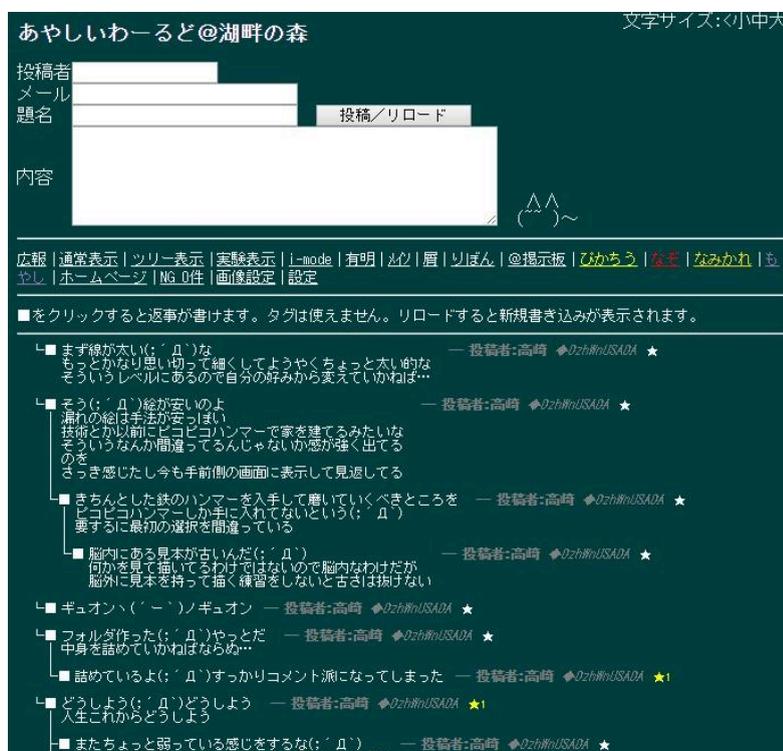
Com sua cultura fascinante, seu humor absurdo e suas promessas de liberdade, a criação de Shiba Masayuki viu sua popularidade crescer exponencialmente. No início de 1997, os internautas começaram a usar seu nome para abrir seus próprios BBS temáticos: *AyashiiWorld@Tohoku* era dedicado ao turismo na região de Tohoku, *@Ariake* aos mangás amadores, *@news* às notícias internacionais. Juntos, esses sites gêmeos formavam uma

²¹ Do original: pour maintenir son panneau d'affichage virtuel à flot, Shiba Masayuki devait verser un loyer mensuel au fournisseur de services en ligne Nifty-Serve. En 1995, celui-ci facturait également 10 yen (un peu moins de 10 centimes d'euro) par minute d'utilisation de son réseau. Pour les clients désireux de profiter d'un débit compris entre 9,6 et 14,4 kilobits par seconde, ce tarif grimpeait à 25 yen par minute, soit 13 euros de l'heure.

nebulosa que gradualmente se tornou conhecida como Nanashi World. (Weslowski, 2016. Tradução livre)²²

Não tardou para que *Ayashii World* se tornasse um dos principais espaços virtuais na Internet japonesa dos anos 1990. Um material dedicado a relatar a história do 4chan, retornando às origens no *Ayashii World*, relembra que o espaço criado por Shiba também se tornou um importante local para trocas de arquivos mp3, quando um importante site dedicado à tecnologia e hacking fechou (Anonymous, 2015)²³. Também esse espaço contribuiu para que a prática de memes pela Internet fosse difundida. (Cicalese, 2019).

Imagem 5 - Ayashii World



Fonte: Google Imagens

Tanto *The History of Ayashii World* (s.d) quanto o material produzido pelos Anonymous (2015) do 4chan destacam o processo de separação do *Ayashii World* em dois

²² Do original: Fort de sa culture fascinante, de son humour absurde et de ses promesses de liberté, la création de Shiba Masayuki a vu sa popularité croître de manière exponentielle. Au début de l'année 1997, les internautes se sont mis à utiliser son nom pour ouvrir leur propres BBS thématiques : AyashiiWorld@Tohoku était consacré au tourisme dans la région de Tohoku, @Ariake aux manga amateurs, @news aux actualités internationales. Ensemble, ces sites jumeaux formaient une nébuleuse qui s'est peu à peu fait connaître sous le nom de Nanashi World.

²³ No documento, os autores não se identificaram, informando que “This .doc should not be attributed to anyone, as it’s made by anonymous, for anonymous.” (Anonymous, 2015). O documento é assinado usando o termo “anonymous” e, por isso, será referenciado dessa forma.

BBS, um chamado 97, para tópicos gerais, e outro chamado 2000, para assuntos de tecnologia. Este último desenvolveu um esquema de organização de *raids* - no qual um grupo de pessoas invade um espaço virtual rival, com intuito de atrapalhar seu funcionamento ou mesmo derrubar eles. Como destaca o material dos Anonymous “Their attitude would go on through the years, very reminiscent of the raid culture 4channers pertained during the days of 2006 and 2007” (Anonymous, 2015). Alguns membros do BBS 2000 fundaram o Guess Who.

Ao aceitar uma solicitação de trolling, eles usarão todos os meios possíveis para tornar o quadro de avisos-alvo inutilizável. Eles ficaram famosos por postar a música Aum Song (オウムソング; canções produzidas pelo culto religioso Aum Shinrikyo) no quadro de avisos do Ministério da Agricultura, Florestas e Pescas (農水省; nousuishou), bem como atacar os quadros de avisos da Soka Gakkai (創価学会; um movimento religioso budista japonês) e da Fuji TV (フジテレビ; Fuji Terebi). Segundo Alice (アリス・リデル; Alice Liddel, uma famosa membra do Guess Who), mais de 900 quadros de avisos foram tornados inutilizáveis até maio de 1998. Posteriormente, Alice torna-se hostil em relação ao Ayashii World. (The History of Ayashii World, s.d. Tradução livre)²⁴

Em 1998, um conflito entre ambos os fóruns levou ao Ayashii World cair. O material produzido pelos Anonymous (s.d) indicam que um ataque cibernético coordenado por Mr. Alice, que coordenava o Guess BBS, levou a queda do fórum criado por Shiba. A base de usuários do *Ayashii World* retaliou o ataque, contra a vontade de Shiba, que, no final, teve seus dados pessoais e imagens manipuladas vazadas. Com receio de uma ação judicial, Shiba encerrou o *Ayashii World*.

Nesse meio tempo, em 1997, outro BBS surgiu no Japão, chamado Amezo. Inicialmente, tratava-se de um espaço destinado a agrupar links do seu criador, espaço chamado como *Amezo's Link*. *The History of Ayashii World* (s.d) destaca que não havia indícios de que usuários permaneciam presos a um único local, mas que havia, na realidade, um bom relacionamento entre eles. Segundo esse e o material produzido pelos usuários do 4chan, pouco tempo depois da saída de Shiba, Amezo introduz um sistema de *thread*, que depende da publicação mais recente, ou seja, publicar na lista iria colocar a publicação no topo ou, dependendo do mecanismo, poderia publicar e não fazer essa publicação subir para as mais recentes. (Anonymous, s.d). A Amezo se tornou, conseqüentemente, uma alternativa para aqueles que utilizavam o *Ayashii World* e o site rapidamente cresceu.

²⁴ Do original: Upon accepting a trolling request, they will use any means possible to render the target bulletin board unusable. They famously post Aum Song (オウムソング; songs produced by the Aum Shinrikyo religious cult) on the Ministry of Agriculture, Forestry and Fisheries' (農水省; nousuishou) bulletin board, as well as attack the bulletin boards of Soka Gakkai (創価学会; a Japanese Buddhist religious movement) and Fuji TV (フジテレビ; Fuji Terebi). According to Alice (アリス・リデル; Alice Liddel, a famous member of Guess Who), over 900 bulletin boards were rendered unusable by 1998-05. At a later date, Alice becomes hostile towards Ayashii World.

2.2 - NASCIMENTO DOS TEXT E IMAGEBOARDS: 2CHANNEL E FUTABA CHANNEL (2CHAN)

Entre um dos usuários do Amezô, estava o jovem japonês Hiroyuki Nishimura. Hiroyuki, conforme é conhecido nos espaços online, era um estudante de intercâmbio na Universidade de Arkansas Central em psicologia e em 30 de maio de 1999 fundou o 2channel.²⁵ Cicalese (2019) destaca a incerteza se o novo fórum foi criado antes ou depois da queda do Amezô. Além das fontes trazidas pelo autor (Delaney, 2018; Yotsuba Society, 2011a), as que fomos capazes de identificar apontam, na realidade, que Hiroyuki criou 2channel em paralelo com o funcionamento do Amezô (Anonymous, s.d; Ayashii World no Rekishi, s.d).

Aprendendo programação de forma autodidata na época da escola, Hiroyuki reforça que a criação foi realizada no seu tempo livre enquanto estava entediado (Katayama, 2008; Yotsuba Society, 2011a). Ao que as informações disponíveis indicam (Anonymous, s.d; Delaney, 2018), o 2channel foi criado utilizando o código base do Amezô. Justamente por essa origem, o nome é considerado uma homenagem ao Amezô, este sendo o primeiro canal (1channel) (Anonymous, s.d).

Não há nada de notável sobre a tecnologia - o site é semelhante às configurações de BBS que eram comuns nos EUA na época. E, de fato, navegar nele é como viajar no tempo de volta à era do Mosaic: são apenas páginas de links de hipertexto azuis e texto pontuado por anúncios de banner e um padrão de fundo de tijolos. (Katayama, 2008. Tradução livre)²⁶

²⁵ Cf. [Hiroyuki Nishimura | LinkedIn](#)

²⁶ There's nothing remarkable about the technology — the site is similar to BBS setups that were common in the US at the time. And indeed, navigating it is like time-traveling back to the Mosaic era: It's just pages of blue hypertext links and text punctuated by banner ads and a brick background pattern.

Imagem 6: 2channel em inglês



Fonte: Google Imagens

A popularização da *world wide web* fez com que a utilização de BBS caísse. O 2channel faz parte dessa transição geracional na forma de se comunicar com outras pessoas. Entretanto, ele ainda leva um modelo de quadros de avisos difundidos pelos BBS. Com sua criação, dá-se início aos chamados *textboards*, sites no qual usuários podem, de forma anônima, publicar em quadros temáticos textos.

As inspirações são claras dos modelos anteriores citados. *Textboards* tomam de referência os BBS, em sua possível comunicação anônima, assíncrona, com a publicação de mensagens, aliado com a separação temática, algo próximo dos *newsgroups* das *usenet*. Assim como nos *imageboards*, nos *textboards* os usuários têm quadros (*boards*) temáticos para comunicação, no qual se deve respeitar o tema. Por exemplo, no quadro UNIX, de grande importância para o 2channel como veremos, os usuários do 2channel falavam anonimamente sobre tecnologia e computação.

Rapidamente o 2channel se tornou o principal fórum de comunicação entre os japoneses. O *textboard* tinha grande influência na opinião pública (Katayama, 2007). Em 2003, estima-se que a página tinha mais de 600 milhões de visualizações (Furukawa, 2003),

com aproximadamente 5.4 milhões de usuários em 2004. O fórum se tornou um local nos quais os usuários poderiam vazar informações sobre suas empresas, jornalistas podiam publicar notícias que não seriam veiculadas, cidadãos compartilhar suas frustrações sobre a sociedade (Onishi, 2004), anônimos ameaçar assassinar seus professores ou vizinhos (Sekiguchi, 2001) e os usuários exaltar o nacionalismo japonês (Maslow, 2011; Onishi, 2004). Maslow destaca que “Em total contraste com a blogosfera abertamente apolítica do Japão (Maslow, 2009), a comunidade em rede social do 2channel tem servido como um fórum para a liberdade de expressão e o debate político.” (Maslow, 2009. Tradução livre)²⁷.

Muito se especula sobre a razão da popularidade do 2channel. O grande fluxo de usuários e acesso levava tanto organizações de notícias, empresas e forças policiais a acompanharem a criação de Hiroyuki (Onishi, 2004). Normalmente se atribui o sucesso à possibilidade de publicação em anonimato, algo que não iremos explorar aqui a validade de hipótese, já que o foco é apenas relatar historicamente esses espaços. Essa é hipótese abraçada por Kensuke Suzuki, em entrevista para Lisa Katayama (2007). Nele, o autor de livros sobre Internet japonesa diz que é um local onde as pessoas têm a possibilidade de expressar como se sentem, em uma sociedade que não dá espaço para tal. Katayama (2007) destaca ainda que, em uma sociedade que criticar abertamente leva ao risco de humilhação pública, no 2channel isso ocorre sem problemas. Na visão de Hiroyuki, “Útil ou prejudicial, informação é informação”, ele diz. “Não cabe a nós questionar o impacto ou as consequências.” (Sekiguchi, 2001. Tradução livre)²⁸. Esse espaço de “liberdade de expressão” promovido pelo seu criador abriu margem para que denúncias, assim como ameaças a outras pessoas fossem compartilhadas, estas últimas na grande maioria inofensivas (Sekiguchi, 2001).

Dois casos são dados como grandes marcos para o crescimento do *textboard*, em usuários e notoriedade. Segundo Yotsuba Society (2011a) e Norimitsu Onishi (2004), um dos incidentes foi com a empresa Toshiba foi um dos pontos marcantes para o 2channel. Nessa situação, um consumidor japonês foi abusado verbalmente por um representante da empresa japonesa, que, retaliando, gravou a conversa e realizou o upload no *textboard*. Usuários do Amezo queriam ter conhecimento da situação e, para isso, tinham que acessar o 2channel. (Yotsuba Society, 2011a).

Outro momento significativo na história do 2channel foi o incidente em *Neomugicha*. Este é o nome para um caso em que um adolescente de 17 anos sequestrou um ônibus que

²⁷ Do original: In stark contrast to Japan’s overtly apolitical blogosphere (Maslow, 2009), the social-networked community of 2channel has served as a forum for free speech and political debate.

²⁸ Do original: Helpful or harmful, information is information’, he says. ‘It’s not up to us to question the impact or consequences.’

saiu de Saga para Fukuoka, no Japão, em maio de 2000. No atentado, uma pessoa morreu e duas ficaram feridas, até o jovem ser capturado pela polícia (The Japan Times, 2000). No 2channel (Imagem 7), uma postagem foi realizada uma hora antes do incidente, no qual havia enquanto título: “17 anos, cidade de Saga, província de Saga (佐賀県佐賀市17歳・・・)”, assinado por “Neo Mugicha (ネオむぎ茶)”, com o katakana Hi (ヒ) repetido, que simboliza uma risada “Hi Hi Hi Hi Hi” (ヒヒヒヒヒ) (Hiragana Times, 2022).

Imagem 7: Publicação antes do sequestro



Fonte: Internet Archive

A popularidade crescente do 2channel criou um desafio para seu criador. Hiroyuki informa que iniciou as atividades com servidores gratuitos, não havendo nenhum tipo de custo, entretanto foi necessária uma mudança nesse modelo, visto que o grande fluxo de usuários não era compatível com a capacidade dos servidores (Tetsuya, 2004). Intitulado pela Yotsuba Society (2011a) de Crise de Agosto de 2001, esse mesmo grupo credita a crescente cobertura da mídia como um dos fatores para o sobrecarregamento dos servidores do *textboard*.

Mesmo com as verbas advindas das publicidades nos banners no 2channel, o valor não era suficiente para arcar com os custos operacionais. Houve uma mobilização dos próprios usuários para tentar salvar o *textboard*, sobretudo daqueles que frequentavam o quadro UNIX,

dedicado à tecnologia²⁹. Assim nascia do Futaba Channel (Imagem 8), que inicialmente nasceu como *textboard*, mas incorporou a possibilidade de publicação de imagens ao longo de sua vida (Yotsuba Society, 2011c), e surgia, conseqüentemente, os *imageboards*. Estes são fóruns anônimos que, similarmente a sua contraparte textual, permitem a publicação de textos. A diferença em comparação ao 2channel é a possibilidade de publicação de imagem, associada a uma *thread* ou resposta.

Em agosto, seus usuários criam um backup do BBS: 2chan (Futaba Channel - ふたば (双葉) ☆ちゃんねる - Futaba Channeru). No entanto, o 2chan não era apenas um site clone. Ele implementava um código de imageboard artesanal chamado Futaba, que estava publicamente disponível. (Anonymous, 2015. Tradução livre)³⁰

Imagem 8 - Página inicial Futaba Channel



Fonte: Google Imagens

Para se diferenciar no 2channel, o Futaba Channel recebeu o endereço de 2chan, nome pelo qual o fórum também é conhecido. A diferenciação também se deu em aspectos temáticos e de comportamentos dentro do 2chan. A Yotsuba Society (2011c) destaca que esse

²⁹ Cf. vídeo realizado por usuários do UNIX. [UNIX.swf: Free Download, Borrow, and Streaming: Internet Archive](#)

³⁰Do original: On August, its users make a backup BBS: 2chan (Futaba Channel - ふたば (双葉) ☆ちゃんねる - Futaba Channeru). 2chan, however, wasn't just a clone site. It implemented a handcrafted imageboard code called Futaba, which was publicly available.

imageboard, contrário ao 2channel que centrava em tópicos do *mainstream*, era muito mais focado em conteúdo otaku³¹ e *underground*.

Segundo a Yotsuba Society (2011c), o Futaba Channel também tinha seu próprio /b/, principais espaços nos *imageboards* ocidentais. O quadro /b/ japonês era dedicado a publicações relacionadas a animes e que para publicações sem temas específicos, como hoje se é utilizado no ocidente o quadro /b/, havia os quadros *Nijjura*, no qual “gag pictures, memes, photoshopped images and all sorts of stuff which gave birth to many net characters and the general Futaba Culture.” (Yotsuba Society, 2011c). Entre um dos memes mais populares advindos dos Nijjuras estavam as OS-Tan, versões personificadas em anime de sistemas operacionais de computadores (Guilherme, 2015) (Imagem 9).

Imagem 9 - Touko Madobe, OS-Tan do Windows 10



Fonte: Google Imagens

Um detalhe importante na mecânica de funcionamento do 2chan merece ser pontuado visto que vai impactar o desenvolvimento dos chans fora do Japão e, por conseguinte, da presente pesquisa. A passagem do 2channel para o Futaba Channel levou a uma alteração na forma como os conteúdos eram armazenados no site. Ao contrário do antecessor, as postagens no Futaba e nos demais chans são pautadas por uma comunicação efêmera, de forma que, dependendo do volume de atividade, as postagens podem sumir em minutos, horas ou dias, assim que atingir determinada quantidade (Yotsuba Society, 2011c; BERNSTEIN et al, 2011).

Todas essas modificações tiveram um impacto significativo para a formação de *imageboards* fora do Japão. Essa trajetória no Japão, em específico, o papel do Futaba

³¹ Termo para denominar fãs de quadrinhos (mangá) e animações japonesas (anime)

Channel foi essencial para que Christopher Poole decidisse criar uma versão em inglês do 2chan. Foi, a partir dessas origens, que o 4chan surgiu.

2.3 - IMAGEBOARDS CHEGAM NO OCIDENTE - ESTADOS UNIDOS E BRASIL

Nos Estados Unidos, o desenvolvimento da Internet também criava espaços para a formação de espaços de socialização de nicho. Em 1999, Richard Kyanka, conhecido pelo seu usuário Lowtax, criou o site *Something Awful*. O material sobre o 4chan escrito por *Anonymous* (2015) sinaliza que o espaço era dedicado para que os usuários pudessem parodiar e escrever todas as coisas feias e ruins sobre o que a Internet tinha para mostrar.

O site era organizado em subfóruns, no qual, em 2001, foi criado o subfórum *Anime Death Tentacle Rape Whorehouse* (ADTRW). Nele, os usuários criaram a própria subcultura e comportamentos, que, por vezes, eram vistas com maus olhos pelos usuários do *Something Awful*, que consideravam eles enquanto nerds e pedófilos pelo gosto por animes (*Anonymous*, 2015).

Segundo Angela Nagle (2017), esse foi o principal ponto de referência para a criação do 4chan. *Something Awful* foi um espaço importante para o surgimento do imageboard americano. Entretanto, caso fosse possível colocar uma referência central para o surgimento do 4chan, tal referência seria o 2chan. O ponto que liga o ocidente e o oriente é Christopher Poole.

Poole, conhecido pelo seu nome de usuário “moot”, era usuário do ADTRW e também do 2chan. Quando começou a assistir anime na adolescência, moot descobriu o Futaba Channel, impressionando-se com a velocidade com que as postagens apareciam na sua página, e não com o anonimato tão característico do espaço (Estadão, 2010; Dibbel, 2010). Para ele, não era algo foi uma decisão do princípio, mas se tornou conforme foi envelhecendo, argumentando que as pessoas merecem um espaço para estarem erradas (Dibbel, 2010).

Querendo uma versão em inglês do 2chan (Orsini, 2015), Moot, com apenas 15 anos, pegou o código-fonte disponível do Futaba Channel (Estadão, 2010) e programou em inglês. Segundo Dibbel (2010), diversas palavras tiveram seus termos traduzidos por Poole, sem qualquer referência e as demais foram traduzidas automaticamente pelo *software* de tradução Babel Fish. Ainda, em material biográfico sobre o criador do 4chan, Dibbel lembra que o kanji *Nanashi*, utilizado no 2chan, foi traduzido automaticamente para *Nameless*, termo mais apropriado, mas que Moot optou por alterar para *anonymous*, que vai originar o termo *anons*. Assim, em 01 de Outubro de 2003 estava no ar o 4chan, anunciado no ADTRW com uma

postagem de moot intitulada “4chan.net - English 2chan.net!”. (Anonymous, 2015; Orsini, 2015).

Com a criação do 4chan, diversos usuários migraram de espaços alternativos, como o ADTRW e world2ch - primeiro imageboard em inglês, multilinguístico, visando unir a base americana e japonesa de usuários do 2chan (Anonymous, 2015). Inevitavelmente, a forma de comportamento dos usuários do 4chan absorveu elementos significativos advindos dos usuários desses dois espaços:

Os elementos culturais que o 4chan tirou do SA e do 2chan - a tolice irônica de ADTRW, a agressividade de FYAD e as piadas absurdas japonesas do 2chan e world2ch - acabariam sendo uma mistura muito atraente para pessoas entediadas com modos normais e novas formas de comunicação. (Anonymous, 2015, p.10. Tradução livre)³²

Durante anos de funcionamento do 4chan, nenhum familiar ou pessoas próximas de Poole tinham conhecimento de que ele era o responsável pela criação do *imageboard* (Iarson, 2018). Com dez anos de funcionamento, o 4chan tinha aproximadamente 22 milhões de visitantes (G1, 2013).

O impacto do 4chan é massivo na cultura digital, ultrapassando fronteiras linguísticas. São diversos exemplos no qual, de uma forma ou de outra, o *imageboard* criado por moot foi capaz de alterar dinâmicas online, muita das vezes, sem o apelo do seu criador - algumas das quais serão exploradas no próximo tópico.

No Brasil, diversas pessoas iniciaram seus contatos com *imageboard* via 4chan. Durante o início da pesquisa, em conversas com amigos, eles falavam sobre suas experiências acessando o 4chan e que não gostavam de acessar as versões em português por considerarem muito pesadas. Por sua vez, meu informante teve sua trajetória nos fóruns anônimos iniciada acessando diversos desses espaços em português.

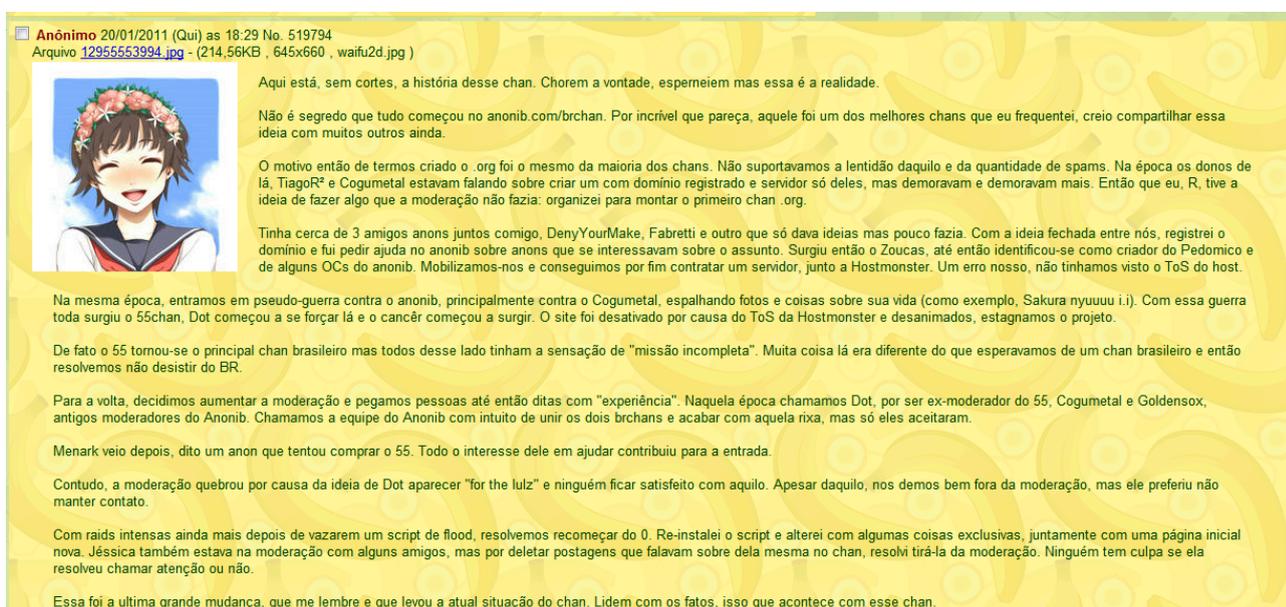
Como informamos na abertura do capítulo, os principais espaços para identificar a história dos chans brasileiros estão em sites *wikis*. O site que fomos capazes de identificar, com maior índice de informações foi o Wikinet. Neste, o que se afirma ter sido o primeiro quadro em atividade no Brasil foi o BRChan. Segundo o que relata o Wikinet (s.d), o chan AnonIB possibilitava com que seus usuários criassem quadros temáticos, dentre os quais existia o BRChan - criado em 2006 por ThiagoR e Cogumetal. Não se tratava de um site independente, mas de um pequeno espaço alocado em um *imageboard* maior. Por sua vez, o

³² Do original: The cultural elements 4chan drew from SA and 2chan – Ironic silliness from ADTRW, aggressiveness from FYAD and absurd Japanese jokes from 2chan and world2ch would prove to be a very attractive mix to people bored with normal manners and new forms of communication.

primeiro *imageboard* que se tem indícios de ter sido criado com uma hospedagem independente foi o 55chan, em 2007, por um anon chamado K - que retornaremos futuramente.

Nesse mesmo período de criação do 55chan, os usuários do quadro BRchan relataram a vontade de ter um *imageboard* próprio, fora do AnonIB, mas os donos do quadro não se moviam para tal. Com essa insatisfação, um *anon* intitulado R, com outros *anons*, criaram o BRchan, na url brchan.org Ainda no relato, indica-se que a criação do BRChan.org criou uma insatisfação em Cogumetal, que já indicava o desejo de ter um site dedicado ao chan, criando um conflito entre R e Cogumetal. (Imagem 10)

Imagem 10 - Relato da história do BRChan



Fonte: Wikinet

Durante 2007 a 2010, relata-se haver uma disputa enquanto principal chan brasileiro entre o 55chan e o BRChan (Imagem 11). Nesse período de rivalidade, devido sua estabilidade, o 55chan era o principal espaço para os *anões* brasileiros acessarem, seguido pelo BRChan. Entretanto, após a queda do host por possível copyright de música ou filme, o 55chan ficou fora do ar, passando o posto de principal chan brasileiro para o BRChan, que recebeu a população migrante do 55chan.

Imagem 11 - Favelito e Kuruminha, mascotes do 55chan e BRChan.



Fonte: Wikinet

Segundo ainda os materiais wiki, em 2013, o administrador do BRChan decidiu fechar o chan devido ao fluxo crescente de usuários advindos do Facebook, sobretudo da página Panelinha do Bananal. Entre os *anões* do BRChan, estava N, que durante esse período de queda resolveu criar o 1500chan - importante campo para o presente trabalho. Após essa queda, o posto de principal chan passou brevemente para o 77chan. Durante muito tempo, o principal chan em atividade era o 55ch, também conhecido pelo apelido de “Mar de Mijo”. Seu nome é referência direta ao 55ch, utilizando até mesmo o mascote idêntico. Em 2020, foi anunciado o fechamento do site, por dificuldades de moderação. O encerramento das atividades concretizou-se de fato em 2021. Segundo o Wikinet (s.d), o 55ch redirecionava para o Favelachan - criado por Kalinka, também dono do BRchan (2015) e havendo suspeitas que seja responsável também pelo VHSChan (Wikinet, s.d) - mas que, por uma recepção negativa dos usuários, eles informaram que iam utilizar o 1500chan, este sendo ainda hoje o principal chan ativo.

Apesar de um relato aparentemente linear, diversos chans brasileiros coexistem, com conflitos internos e externos entre eles. Os citados anteriormente retinham o maior número de usuários, o que não significa que eram únicos ou que seus usuários não frequentavam outros chans. Dentre outros importantes chans criados e utilizados nesse período em português estão

- não necessariamente em ordem de criação: Magalichan; Dogolachan; Salmãochan; 27chan; VHSChan; 73chan.³³

2.4 - OS IMPACTOS DOS CHANS AMERICANOS E BRASILEIROS NA INTERNET: MEMES E POLÊMICAS

Essa história dos chans é, normalmente, acompanhada por polêmicas devido aos impactos que seus usuários são capazes de promover na dinâmica online. A citação que abre o capítulo destaca como os *imageboards* são acompanhados de matérias sensacionalistas sobre seu funcionamento. Entretanto, não podemos dizer que tais produções são sem lastro. Chans no lado ocidental estão comumente envolvidos em práticas de assédio, *doxxing*³⁴, perseguição, *zoombombing*³⁵. Contudo, chans são responsáveis por criar e difundir memes que fazem parte da linguagem da Internet. Essa parte do capítulo é dedicada a por destaque a essas dinâmicas que impactam diretamente na forma como utilizamos a Internet e que, por muitas vezes, não percebemos a relação delas com os *imageboards*. Para isso, destacaremos casos relevantes do 4chan, assim como dos chans brasileiros.

A grande popularidade do 4chan, sobretudo no quadro /b/, faz com que o espaço seja extremamente propício para que novas linguagens textuais e imagéticas sejam criadas. Dentre as linguagens propícias para emergir no *imageboard* estão os memes. Não faremos uma discussão extensa do conceito; a definição proposta por Limor Shiffman (2014) parece suficiente aqui, na qual a autora conceitualiza como itens digitais que possuem características comuns seja no seu conteúdo, forma ou maneira que é veiculada (*stance*), sendo tais itens relacionados um com os outros, podendo ser circulados, imitados ou modificados pelos usuários da Internet.

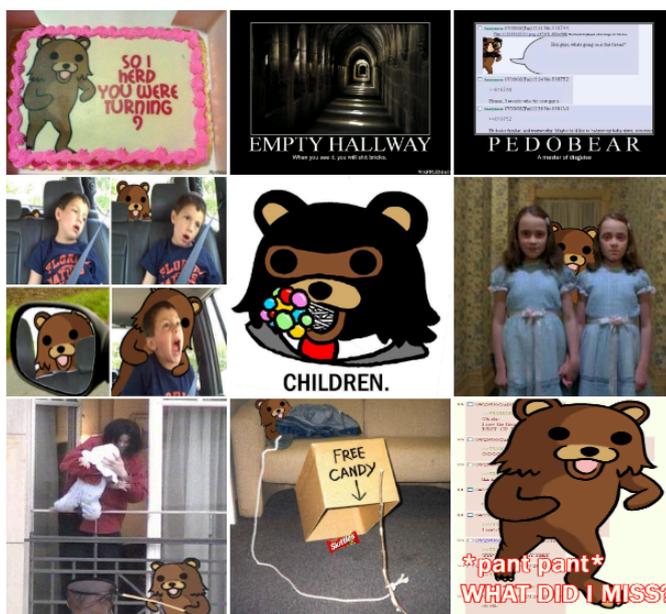
Um dos exemplos clássicos de memes do 4chan é o Pedobear (Imagem 12). Criado em 2003, este era utilizado no *imageboard* para indicar aos moderadores de que algum conteúdo com pornografia infantil foi publicado (KnowYourMeme, 2009). Diversas versões do Pedobear foram criadas e seu uso se espalhou para além dos redutos do 4chan.

³³ O Wikinet criou uma lista de chans brasileiros que podem ser acessados no link [Lista de chans por país/Brasil - Wikinet](#). Acesso em: 02/01/2024

³⁴ Vazamento de dados pessoais.

³⁵ Prática de invadir uma sala do Zoom para atrapalhar a reunião com o compartilhamento de imagens explícitas, nazistas ou de teor similar.

Imagem 12 - Pedobear



Fonte: KnowYourMeme

Mais recentemente, a utilização do Pepe the Frog como meme por grupos da direita-alternativa chama atenção justamente por sua ressignificação no 4chan. Apesar da origem do Pepe não ser no *imageboard*, sua reapropriação para fins de propaganda de supremacismo branco se deu no quadro /rk9/, tornando-se uma espécie de mascote (Roy, 2016). Diversas interações foram realizadas com o Pepe the Frog no 4chan, como introduzindo elementos nazistas, dando uma aparência similar a de Adolf Hitler, assim como criando um país fictício, chamado Kekistan, cuja bandeira se assemelha a do Partido Nazista. O meme foi utilizado por figuras políticas associadas a essas visões, como Donald Trump, que quando ainda era candidato publicou uma montagem dele associada com o Pepe the Frog. Na vitória de Trump, os usuários do 4chan comemoraram afirmando que haviam elegido um meme (Ohlheiser, 2016).

Não se é possível afirmar que de fato o 4chan foi o responsável por eleger Trump, mas sua importância não deve ser ignorada. O crescimento do 4chan consolidou seus usuários como atores importantes da Internet, seja no campo político, econômico, no debate de gênero, linguístico, entre outros. Um simples rumor da morte do Steve Jobs no *imageboard* foi capaz de derrubar as ações da Apple em 2008 (Estadão, 2010). Contudo, foi nos anos 2010 que o 4chan de fato se consolidou enquanto ator importante e o caso Gamergate tem centralidade nisso.

Gamergate é o nome do evento que impactou as comunidades de jogadores (*gamers*), tanto de homens quanto de mulheres. O evento foi uma reação de *gamers* homens contra o avanço do feminismo e de mulheres no universo dos jogos, atingindo mulheres envolvidas em crítica e desenvolvimento de jogos.

No centro estava o jogo lançado por Zoe Quinn, *Depression Quest*, que foca na relação de uma jovem adulta com seu quadro depressivo (Dewey, 2014; Nagle, 2017). A produção foi bem recebida pela crítica, mas parte do público - sobretudo de jogadores homens. Como destaca Nagle “Era o tipo de jogo, sobre depressão, que teria funcionado como uma paródia perfeita de tudo o que os gamergaters odiavam sobre os SJWs (guerreiros da justiça social).” (Nagle, 2017, p.21).³⁶

O caso de fato iniciou quando o namorado de Quinn, Eron Gjoni, publicou que ela havia traído ele, inicialmente no *Something Awful* e *Penny Arcade* (Mortensen, 2018), mas que se espalhou por outros cantos da Internet, mesmo sendo apagado. Rapidamente, Quinn sofreu *doxxing*, teve vídeos íntimos vazados e recebia constantemente ameaças de morte e estupro (Nagle, 2017).

No 4chan, o caso era continuamente debatido e estava tomando conta do fórum. Segundo moot, esse foi o período mais estressante da sua administração no 4chan e está diretamente relacionado com sua saída do *imageboard* (D’Orazio, 2015). Poole, então, decidiu banir o assunto do 4chan³⁷, sofrendo críticas dos *anons* por estar, supostamente, restringindo a liberdade de expressão deles. Aqueles que desejavam continuar debatendo sobre o assunto migraram para o 8chan (BBC, 2019) - atual 8kun, conhecido por ser o espaço que abriga apoiadores da teoria da conspiração QAnon.

Por volta de setembro de 2014, registros do sistema de comunicação IRC indicavam que usuários do 4chan estavam por trás do crescimento do GamerGate. Quinn denunciou que esses *anons* estavam organizando uma campanha organizada de difamação e ataque organizado contra Zoe Quinn. Conforme o Gamergate foi desenvolvendo, outros apoios foram surgindo, indo além de um pequeno grupo organizando os ataques. (Johnston, 2014)

Esse caso mostra o nível organizacional de usuários do 4chan para causar impactos negativos em pessoas não diretamente associadas ao *imageboard*. Mais recentemente, a organização de *zombombing*, nome dado para invasão em salas de reuniões remotas, dava-se, entre outros espaços, no 4chan (Lorenz, Alba, 2020). A pesquisa de Chen Ling , Utkucan

³⁶ Do original: It was the kind of game, about depression, that would have worked as a perfect parody of everything the gamergaters hated about SJWs (social justice warriors)

³⁷ Cf. Postagem de Moot banindo o assunto do 4chan. Disponível em: [Moot sides with anti-gamergate. This is unbelievable! 4chan is dead now. RIP 4chan. - Imgur](#). Acesso em 04/01/2024.

Balci, Jeremy Blackburn e Gianluca Stringhini (2020) demonstram que o *modus operandi* envolve o compartilhamento do link da reunião por pessoas autorizadas no fórum anônimo, que invadem e assediam os participantes da reunião.

No Brasil, a capacidade de organização dos usuários não difere dos *anons* do 4chan. No seu auge, o 55chan figurava entre as manchetes de jornais pelos ataques que promovia contra jornalistas e figuras públicas. Ainda no auge do Gamergate, usuários do falecido chan brasileiro ameaçaram e atacaram o site Geração Gamer que havia divulgado um documentário sobre mulheres e videogames querendo criar um Gamergate brasileiro (Zambarda, 2015). Em 2017, esses ataques estavam sendo direcionados para mulheres *gamers* em transmissões ao vivo em plataformas dedicadas a isso, como Twitch (Byte, 2017).

Outro chan relevante pela sua polêmica, tanto de conteúdos publicados nele, como do seu dono, é o Dogolachan. Seu criador, Marcelo Valle Silveira Melo, foi preso em 2018, condenado à 41 anos de prisão. Dentre os diversos crimes imputados, estavam os de pedofilia, terrorismo, racismo (Vianna, Hising, 2018).

Em 2018, o Dogolachan esteve nos holofotes da mídia pela sua relação com o massacre de Suzano, no qual ex-alunos invadiram uma escola e mataram cinco alunos e duas funcionárias. Antes da execução, os atacantes que utilizavam o fórum anônimo solicitaram dicas de como realizar o massacre e agradeceram as ajudas que receberam dos *anões* (Siqueira, Guimarães, 2019). O crime foi comemorado no fórum (Declercq, 2019).

O relato da história do chan trazida aqui não visa ser exaustivo. Infelizmente, há limitações como já expusemos anteriormente sobre o tipo de descrição que aqui trouxemos. Por se tratar de uma breve revisão que busca sistematizar uma trajetória que não é normalmente visualizada, buscamos oferecer compreensão para as dinâmicas que hoje ainda ocorrem, como, práticas de migração, ataques, assédio - algumas dessas relatadas no terceiro capítulo.

3. CHANS ENQUANTO COMMUNITAS E SUAS AFFORDANCES: UMA LEITURA TURNERIANA DO FENÔMENO DOS IMAGEBOARDS BRASILEIROS

3.1 - LIMINARIDADE, COMMUNITAS E CHANS

Victor Turner ao escrever sobre liminaridade, inspirado pelo trabalho de Arnold van Gennep em *Les Rites de Passage*, abriu para a antropologia novas formas de abordar questões e categorias analíticas novas. Sua abordagem processual, dos dramas sociais, da liminaridade, dos rituais e ritos de passagens até hoje servem como inspiração para diversos trabalhos. Aqui não será diferente. Os escritos de Turner serão referência para nós neste e no próximo capítulo. Neste capítulo iremos nos deter sobretudo nos debates de estrutura e antiestrutura promovidos no livro *O Processo Ritual: Estrutura e anti-estrutura*.

Para melhor compreender a relação entre chans e a noção de *communitas* desenvolvida por Turner, precisamos retornar, ainda que brevemente, ao mecanismo de funcionamento dos *imageboards*. Como introduzimos no início do trabalho, os chans são conhecidos pelo seu anonimato em nível de interface. Todos os que adentram o espaço são intitulados de *anon*, para os espaços anglófonos, *anões/anãs* para os lusófonos e *nanashi*, para os *imageboards* japoneses. Não há, teoricamente, distinções entre usuários em nível de *status*, hierarquia ou qualquer “diferenciação social”. O único nível de diferenciação está entre os administradores/moderadores e os usuários, sendo os primeiros criadores e aplicadores de regras no *imageboards*.

De certa forma, o funcionamento dos chans e a relação entre os *anões* se assemelha ao que o Victor Turner (1974) conceitualiza enquanto *communitas*. Estas se dão em oposição às relações organizadas por meio de classes, hierarquias e diferenciações sociais, que separam as pessoas pelos *status* com os quais elas estão inseridas nas sociedades, tudo isso entendido dentro do campo das relações estruturais. Nas *communitas*, ou antiestrutura, as relações não têm ou são pouco estruturadas, na qual todos os integrantes delas estariam indiferenciados em *status*. Nas *communitas* um se torna essencial ao outro. Turner identifica *communitas* não apenas presentes em sociedades não industrializadas, mas também na contemporaneidade. Dentre alguns dos exemplos contemporâneos que o autor levanta são os movimentos milenaristas e os *hippies*.

Segundo Turner, as *communitas* tendem a aparecer em momentos de liminaridades. Os momentos liminares são característicos dos ritos de passagem, sendo marcado pela transitoriedade e efemeridade. Tomando Van Gennep como referência, Turner desenvolve seu

pensamento original colocando que os momentos de liminaridade são identificados com a noção de ambiguidade, já que fogem das classificações estruturais.

As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial. Seus atributos ambíguos e indeterminados exprimem-se por uma rica variedade de símbolos, naquelas sociedades que ritualizam as transições sociais e culturais. Assim, a liminaridade frequentemente é comparada à morte, ao gestar no útero, à invisibilidade, à escuridão, à bissexualidade, às regiões selvagens e a um eclipse do sol ou da lua. (Turner, 1974, p.117)

Descrevendo os elementos do rito Kumukindiyila entre os Ndembo, Turner sinaliza que o chefe e sua mulher utilizam vestimentas iguais, com um pano na cintura, sendo ambos chamados de a partir desse momento de *mwadyi* - termo idêntico para meninos em iniciação e à primeira esposa do homem. Nas transições “O neófito na liminaridade deve ser uma *tábula rasa*, uma lousa em branco, na qual se inscreve o conhecimento e a sabedoria do grupo, nos aspectos pertinentes ao novo ‘status’” (Turner, 1974, p.127. Grifos do autor).

Algo que Turner identificou analisando os processos liminares e a formação de *communitas* foi a sua relação entre a posição social dos seres liminares na estrutura social. Para o antropólogo, há uma conexão entre diversos movimentos dispares, desde dos neófitos aos *hippies*: eles se conectam pela margem. Na leitura de Turner, os entes liminares e a formação das *communitas* tendem a ocorrer nas margens da estrutura social, onde pessoas ocupam as posições mais baixas dela.

A ‘*communitas*’ irrompe nos interstícios da estrutura, na liminaridade; nas bordas da estrutura, na marginalidade; e por baixo da estrutura, na inferioridade. Em quase toda parte a ‘*communitas*’ é considerada sagrada ou ‘santificada’, possivelmente porque transgride ou anula as normas que governam as relações estruturadas e institucionalizadas, sendo acompanhada por experiência de um poderio sem precedentes. (Turner, 1974, p.156)

Por último, cabe destacar que Turner ainda tipifica as *communitas* em três tipos: as existenciais ou espontâneas, que surgem e somem rapidamente; as normativas, que aparecem devido à necessidade de controle e organização de recursos para atingir determinado fim; e a ideológica, ligado aos modelos utópicos de sociedade. Analisando a obra de Turner, Aldenor Soares (2015) sinaliza que as *communitas* normativas se encontram no reino da estrutura, já que demandam diferenciação social para manutenção de um fim. Normalmente as insatisfações com o modelo, levam à criação de *communitas* ideológicas, que visam o retorno ao estado da *communitas* existencial, antes da institucionalização. Resumidamente, os elementos liminares seriam:

- 1) pela evasão da estrutura jurídico-política cotidiana, das classificações cognitivas fundadas na lógica do isso ou aquilo, uma coisa ou outra $\frac{3}{4}$ no princípio aristotélico do terceiro excluído (Douglas, Turner, Leach);
- 2) pela associação com a morte para o mundo (entre os Ndembu, o lugar da circuncisão é chamado de "lugar onde se morre") (Turner);
- 3) pela impureza, pois os noviços transgridem (e transcendem) as fronteiras classificatórias (Douglas, Turner);
- 4) pela identificação com objetos e processos anti-sociais (fezes) ou "naturais" (lactação, parto, desmame e gestação), com a conseqüente associação dos noviços aos embriões e crianças de peito (Turner);
- 5) pelo uso de línguas secretas, estranhas e/ou especiais (Van Gennep, Turner);
- 6) pela invisibilidade social plena, com a perda de nomes, insígnias, roupas (Turner);
- 7) pela associação com seres bi ou transexuais, como os andróginos, ou com animais que estão na interseção de duas classes e sinalizam estados negativos ou abomináveis (Turner, Leach, Douglas); e, finalmente,
- 8) pelos ordálios como a circuncisão, a subincisão, a supressão do clitóris, a exposição prolongada ao frio ou testes físicos impossíveis nos quais o fracasso é ridicularizado, bem como pela resposta a enigmas, adivinhações e resistência à punição física (Turner). (DaMatta, 2000, p.15)

A obra de Turner aponta para uma riqueza processual e dialética das sociedades. Na relação com a antiestrutura, abrigada na estrutura, há base para contradições, conflitos e crises (Soares, 2015). De certa forma, a base da liminaridade e das *communitas* é o reforço das dinâmicas estruturais. Essa mesma tendência à coletivização é alvo de críticas, como Roberto DaMatta (2000), os quais apontamentos servirão de base para compreensão de algumas dinâmicas envolvidas no *chans*.

O ponto central desta revisão dos escritos de Turner sobre as *communitas* é que as dinâmicas exemplificadas n' *O Processo Ritual* dialogam com os achados da presente pesquisa. O campo dos *chans* se encontram fortemente vinculados aos pólos antiestruturais de sociabilidade. Nesse espaço, os marginais se encontram, trazendo as dimensões do real que foram sufocados pela estrutura social e sua inerente normatividade (Cesarino, 2022). O que trabalhos como o da Leticia Cesarino (2020, 2021, 2022) vem demonstrando no campo antropológico que há ordem em sistemas longe do equilíbrio. Aqui não pretendemos seguir pelos trabalhos desenvolvidos pela autora no campo cibernético e manteremos a chave analítica nas interações sociais intrachan - por razões de interesse temático e teórico - por

meio de alguns de seus achados, já que este e os seus trabalhos falam sobre sistemas antiestruturais.

Já para iniciar os diálogos, a existência de administradores nos chans não implicava que estes realizavam o processo de iniciação dos *newfags* ou *nova bicha* - termo utilizado para usuário novo no chan. Esse processo, tal qual o bolsonarismo, é feito pelo “todo”, pelos outros *anões*, que inserem os valores dos chans. Há, no nosso campo, uma dificuldade sobre como consistiria esse núcleo cultural inserido nos novos *anões*, que seriam ainda enquanto *newfags* seriam tabulas rasas. Diferentemente do bolsonarismo estudado por Cesarino, os *imageboards* não são pautados por valores como nação, pátria. Dentre alguma das formas que inserção de núcleo cultural que poderia ser mencionado estariam a apropriação do *chanspeak*, forma de se portar no espaço anônimo, saber as regras do espaço, entender a utilização do humor local, escrita ou por memes (Nissenbaum, Shiffman, 2015).

Outros aspectos merecem destaque no que concerne a essa relação de antiestrutura e os chans. Primeiramente, a entrada dos usuários no chan é passada por um desprendimento de qualquer sinal de artefato, *status* ou identidade social. Apesar da utilização do termo *nova bicha* para usuários que são recém-ingressos no chan, outro *anão* não tem como saber se de fato a pessoa é nova no *imageboard*. Esse tipo de julgamento se faz por meio de leituras na interação que podem indicar que a pessoa não é totalmente inteirada da dinâmica daquele chan específico, como, por exemplo, não entender uma piada interna decorrente de um *fio* que foi extremamente popular em um período. Independentemente de novo ou não, todos são identificados internamente com uma única identificação: *anon*, para as versões anglófonas; *anões*, para as versões lusófonas; e *nanashi* para as japonesas.

Retornando à sintetização promovida por DaMatta em seu artigo, vejamos o quinto ponto: utilização de um dialeto específico. Nos chans temos o que é chamado de *chanspeak* (Wikinet, s.d; KnowYourMeme, 2010), gírias utilizadas pelos usuários para se comunicar (Imagem 13). Diversos termos podem ser citados enquanto *chanspeak*, alguns comuns entre o *chanspeak* inglês e o português, outros traduzidos e outros originais. Alguns termos são: *jorge*, para denominar alguém que quer passar a imagem de valente; *cp* para *child pornography*, *pica* para imagem; *baseado* para denominar algo que foi dito que a pessoa concorda bastante; *pescar* para fazer alguém cair em um *bait*, isto é, enganar outra pessoa.

Imagem 13 - Alguns termos do *chanspeak*

- *lri* - requesto (quero)
- **anão** - *anon* (anônimo)
- **anã** - suposta usuária mulher do chan
- **barbante** - thread/tópico (o mesmo que fio)
- **batata** - besta, abobado
- **batatar** - agir como besta ou abobado
- **bazingueiro** - pseudo-nerd
- **baseado** - admirável, foda (do inglês *based*)
- **bushido** - gordão
- **café** ou **café preto/Pelé/Pilão** - CP (pornografia infantil)
- **Cancro(book)** - Facebook
- **cebola / cebolão** - Tor ou Deep Web
- **cheque dentro** - *check in*
- **cheque fora** - *check out*

Fonte: Wikinet

O dialeto utilizado nos chans, tem, de certas formas, similaridades com dialetos linguísticos como o pajubá, utilizado por pessoas LGBT, sobretudo trans e travestis. Apesar do pajubá ser uma forma de resistência linguística desses grupos marginalizados, enquanto dialeto de uma comunidade, tanto o pajubá como o *chanspeak* oferecem aos seus falantes formas de proteção às ameaças externas, promove sociabilidade, aproximações e fortalecimento de identidades (Junior, 2021).

A apropriação do *chanspeak* é, além de um elemento de fortalecimento de identidade, aponta para um sinal distinção social interna para informar para os outros *anões* que a pessoa possui um nível de inserção na comunidade (Bernstein et al, 2011) - se a pessoa é ou não um *newfag*. A utilização de memes também tem papel nessa relação, como identificado por Asaf Nissenbaum e Limor Shifman (2015), que sinalizam como tal expressão imagética.

"[...] eles constituem uma base cultural que marca um comentarista como parte da comunidade do quadro, uma forma de capital cultural que é necessária para afirmar uma voz legítima. Nos episódios de "violação" descritos, os comentaristas que usavam convenções de memes de forma incorreta ou escolhiam memes inaceitáveis eram silenciados ou expulsos da comunidade. (Nissenbaum; Shiffman, 2015, p.497. Tradução livre)³⁸

Vejamos o terceiro e quinto ponto. A noção da poluição por categorias não classificáveis é algo também presente fortemente no trabalho de Mary Douglas (2003), como bem indica DaMatta. Essa noção de poluição e a associação com elementos antissociais ou

³⁸ Do original: [...] they constitute a cultural base that marks a commenter as part of the board's community, a form of cultural capital that is required in order to assert a legitimate voice. In the "breaching" episodes described, commenters who used meme conventions incorrectly or who chose unacceptable memes were silenced or ousted from the community.

produção de dejetos biológicos se encontram presente para o nosso caso, mas de formas levemente diferentes nos chans. Conforme será melhor descrito no próximo capítulo, a tensão no encontro de dois chans diferentes faz com que categorias emergiram para tentar melhor compreender aquele outro com que o *anão* entra em contato.

Dando um exemplo do trabalho de campo, no dia 27 de novembro de 2022, em mais uma observação no VHSChan, uma postagem do administrador Yusuke estava fixada no topo da página. Nela, ele informava que o BRChan, outro *imageboard*, havia voltado ao ar e com ele Kalinka, o seu administrador. Na postagem, Yusuke pedia que os *anões* do VHSChan fossem no BRChan xingar o seu administrador. No VHSChan, havia alguns que comemoravam poder finalmente sair do espaço, que consideram frequentado por “travecos” e “aidéticos”. No BRChan, postagens comemoravam a volta do *imageboard*, enquanto ironizava o pedido do administrador do Yusuke.

Nesse caso observamos a utilização de categorias relativas ao não classificável dentro de um sistema binário de gênero (travesti), mas também algo relativo ao corpo biológico (aidético). Everardo Rocha e Marina Frid sintetizam:

Como toda estrutura de ideias é vulnerável em suas margens, os orifícios do corpo - produtores de dejetos como lágrimas, saliva, leite, sangue, urina, fezes, menstruação, sémen - são seus pontos mais frágeis, e também perigosos, por isso devemos ter atenção aos poderes que neles residem. (Rocha; Frid, 2015, p.231)

Outras categorias são significativas e normalmente utilizadas por *channers* - utilizadores dos chans. Uma das gírias normalmente utilizadas é a de “câncer”, para denominar algo que estaria estragando determinada coisa, como, por exemplo, a rede social Facebook, intitulada de “cancro” ou usuários postando memes ruins. Outra associação significativa entre dejetos e perigo nos chans era o nome do 55ch, chamado por alguns de “mar de mijo”. Mulheres, por sua vez, são equiparadas à “depósitos de semén”. Pessoas negras, enquanto “macacos”, destinadas ao reino do não-humano e não social.

Ainda que esse espaço da anti norma seja, para aqueles presente na norma, concebido enquanto espaço de perigo³⁹, dentro de situações próximas ou na anti norma também se há categorizações de impureza. Parafraseando Mary Douglas (2003), onde há sujeira, há sistema, mesmo que essa sistema seja na antiestrutura, já que “Toda cultura [...] é um sistema

³⁹ Essa relação entre *chan* enquanto espaço inerentemente perigoso (violento) ganha outras facetas quando analisamos a problemática pela intersecção do anonimato - central na liminaridade e *communitas* - com o perigo (categoria antropológica). O perigo, assim, não se daria apenas por ser um espaço que há, de fato, discursos de ódio e extremismo, mas também pela ambiguidade que o anonimato oferece.

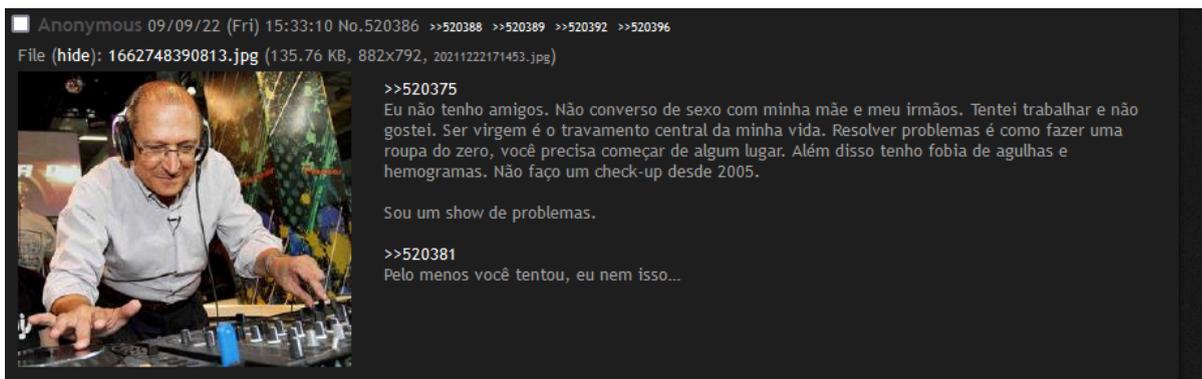
neguentrópico: só pode existir delimitando fronteiras do concebível ou do dizível” (Cesarino, 2022, p.65).

Por estarmos falando da relação entre dois ou mais ambientes em contato, próximos às antiestruturas, para construção de seus códigos de impureza e fronteira, a dinâmica é relativamente diferente. Os escritos de Turner, resumidos acima por DaMatta, referem-se à visão da estrutura acerca da antiestrutura. A antiestrutura, no nosso caso, os chans, não vão se identificar como impuros ou se atribuir categorias antissociais. Contudo, na construção de fronteira, em oposição com aqueles considerados “inimigos”, utilizam-se códigos tipicamente associados ao perigo e à impureza, como dejetos biológicos e categorias não classificáveis.

Ainda nas similaridades, outro aspecto que devemos observar é que, segundo Turner, as *communitas* estão normalmente associadas com os fracos e marginalizados. Nos casos dos *chans* temos algumas dificuldades para afirmar as condições dos usuários devido à condição de anonimato imposto pela interface. Ainda assim, durante diversos momentos durante o trabalho de campo identificamos relatos de pessoas, sobretudo no VHSChan, buscando auxílio de outros *anões*.

Em um dos casos, um *anão* na postagem original relata estar indo para um Centro de Apoio Psicossocial (CAPS), dizendo “Então era isso que vocês queriam de mim? Meu medo é começar a frequentar e mesmo sem ser viado me tornar uma mulher trans. Uma vez que a maioria dos psicólogos são canhotos”. No decorrer do *fió*, mais relatos aparecem, possivelmente do *original poster* (OP) - pessoa inicia um *fió* no chan. Na imagem 14, o *anão* indica que tentou trabalhar, mas não gostou, relatando também ser virgem - o que considera ser o maior problema de sua vida. Em outra publicação respondendo um comentário, possivelmente da mesma pessoa, indica ter crises psicológicas, com repetições de palavras. Nessa mesma publicação, indica que aos 34 anos, na pandemia, começou a beber álcool, mas não se considera alcoólatra, mas que seu verdadeiro problema é a virgindade, desejando conversar com alguém na “vida real” sobre o tópico.

Imagem 14 - *Anão* relata dificuldade social



Fonte: Coleta própria

Em outro *fio* observado durante o trabalho de campo, um *anão* indica ser depressivo e estar passando por necessidades financeiras. Sua alimentação estaria se baseando em apenas miojo, cozinhado no álcool, já que não tem dinheiro para gás de cozinha. Já em outra postagem, um usuário questiona como os outros lidam com sintomas negativos de esquizofrenia, se sentindo um robô, sem alma, nem sentimentos. No 1500chan, um *anão* deseja mudar de vida após os 30 anos, não querendo ser mais um NEET, termo em inglês para o equivalente à geração nem trabalha, nem estuda (nem-nem), sendo menos depressivo.

Todos esses casos apontam para uma parcela de usuários que se encontram em posição de marginalização social nas relações estruturais, buscando apoio nas relações antiestruturais. Essa marginalização pode ser tanto de cunho psicológico, como alguns dos casos trazidos aqui de pessoas neurodivergentes, sofrendo com depressão, ansiedade, esquizofrenia e outros tipos de questões que envolvem saúde mental. Também pode ter origem na situação financeira, isto é, pessoas nos estratos sociais mais baixos, desempregadas, passando vulnerabilidade. A categoria de NEET foi frequente durante o trabalho de campo, com diversos *anões* relatando estarem nessa situação, posição que internamente, entre os próprios *anões* não é bem vista.

Entretanto, há outro não tão aparente desse processo que chamaremos aqui, por falta de melhor nome, de automarginalização⁴⁰. Nessa dinâmica, os *anões* se colocam em situação de margem social, ainda que, na realidade, não estejam. Um dos exemplos mais clássicos envolvendo a *chanosfera* - termo normalmente utilizado para denominar o conjunto dos chans - é posição de opressoras com que mulheres e o movimento feminista são colocadas, sobretudo em *imageboards* mais próximos ao espectro da alt-right.

⁴⁰ Prefiro utilizar auto marginalização, em oposição a vitimização, considerando a referência teórica em Victor Turner e a importância dos marginais.

Neste sentido, os chans com prática de automarginalização fortalecem a difusão da subcultura digital da *machosfera*. Esse termo guarda-chuva envolve uma gama de movimentos, como ativista pelos direitos dos homens, Incels⁴¹, Men Go Their Own Way (MGTOW)⁴², entre outros (CANNITO et al, 2021; GING 2017; LIN, 2017; MARWICK, CAPLAN, 2018; NAGLE, 2017; O'MALLEY, 2020). Esses grupos compartilham características em comum como objetificação e desumanização de mulheres, desenvolvimento de terminologias para discurso de ódio, bem como hierarquias entre homens pautadas em discursos biologizantes. (CANNITO et al, 2021) Isso é exemplificado, por exemplo, com as categorias “alpha” e “beta”, derivada de uma psicologia evolucionista determinística, que coloca uns em um espaço de poder (alpha) e outros como mais fraco no jogo sexual (betas), enquanto mulheres são sempre sujeitos irracionais, hipergâmicas que devem ser dominadas. (GING, 2017).

Também central para os valores da *machosfera* está o compartilhamento de que o mundo está sendo dominado pelo feminismo, oprimindo a existência dos homens e sua masculinidade (MARWICK, CAPLAN, 2018; NAGLE, 2017). Durante a ascensão do bolsonarismo, pré-eleições de 2018, Rosana Pinheiro Machado e Lucy Mury Scalco (2020) identificaram essas mesmas características em homens, que enxergavam no movimento de Jair Bolsonaro uma forma de reação contra perda de protagonismo e controle, de forma que a crise econômica e masculina se retroalimentam. Como veremos posteriormente por meio de um relato etnográfico, a *machosfera* do Brasil e a defesa de Jair Bolsonaro mantêm fortes vínculos.

Em postagens observadas durante o trabalho de campo, mulheres eram frequentemente colocadas em posição de objetificação pelos *anões* dos chans. Dentre as diversas possibilidades de desumanização estavam a de simples objetos sexuais, ou como manipuladores. Um *anão* clamava que os homens do chan não fossem nunca enganados por nenhuma mulher, não se iludirem, já que elas seriam falsas, dissumuladas, interesseiras, arrogantes e diversos outros adjetivos.

Talvez a publicação que possivelmente mais foi impactante durante meu tempo no campo, foi justamente uma das primeiras observadas no VHSChan. Nela, um *anão* dizia que

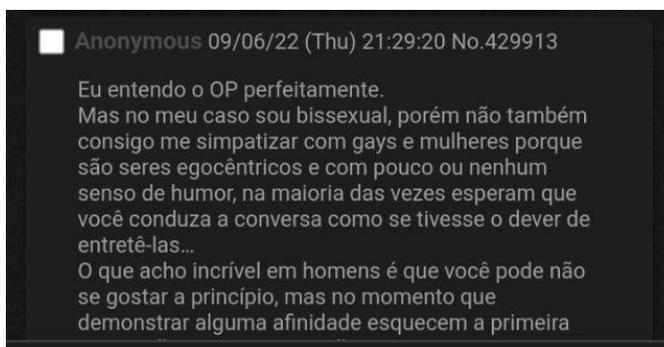
⁴¹ Sigla para celibato involuntário, grupo de homens que se consideram incapazes de adentrar em um relacionamento romântico/sexual com mulheres. O celibato, assim, seria involuntário, pois ainda que queiram se relacionar, não conseguem por haver, na visão deles, fatores externos que impedem isso - que vão desde culpabilizar mulheres até outros homens. (O'Malley et al, 2020)

⁴² MGTOW também se pauta por uma percepção misógina do mundo. Segundo Lin (2017), MGTOW acreditam serem vítimas de ginocentrismo, no qual o feminismo levaria a um colapso social. Defendem, com isso, separarem-se de tais influências e criar um apoio de masculinidade com outros homens.

odiava a personalidade feminina, equiparando com a de homens homossexuais, considerando-as superficiais, apenas conseguindo manter amizade com “macho”. A postagem seguiu com a concordância de uma pessoa que se autointitulou bissexual abaixo.

Essa publicação me impactou não pelo teor do conteúdo, o que era algo esperado por mim, mas sim pela forma com que pessoas LGBTQIA+ discorriam sobre mulheres e outros LGBTQIA+. Ainda que dentro desse espectro minoritário, as características centrais da machosfera - misoginia, diferenciação entre homens (“macho” vs “não-macho”; alpha vs beta) - ainda estavam presentes.

Imagem 15 - Machosfera



Fonte: Coleta própria

Por último, mas não menos importante, é importante fazer uma reflexão sobre a posição dos chans nas tipologias propostas com Turner. Caso a pessoa leitora tenha observado, tentamos indicar ao associar chans com *communitas* enquanto uma situação próxima das antiestruturas. Conforme buscamos descrever, é inegável a aproximação dos *imageboards* nos quais a pesquisa foi desenvolvida com esse tipo de dinâmica. Ainda assim, se pudessemos aproximar ainda mais os *chans* de um dos três tipos de *communitas* propostas por Turner ela estaria mais próxima das *communitas* normativas.

Como indica Turner (1974), o tipo normativo já se encontra dentro do reino da estrutura, sendo, por essa razão, que optamos descrever como uma experiência próxima da antiestrutura. Chans, normalmente, possuem regras aplicadas por seus administradores, havendo, conseqüentemente, uma diferenciação na hierarquia em comparação aos *anões* - ainda que eles não realizem o processo de inserção dos valores culturais no rito de passagem, como descrito por Turner.

Essa diferenciação é causadora de diversas reações por parte dos usuários, indicando a relação dos *chans* com outros tipos de *communitas*, isto é, numa dinâmica interchans. Não é raro o movimento de criação de chans novos por insatisfação dos *anões* com a moderação de conteúdo. A própria relação interchans entre 4chan e 8kun veio disso, na qual, conforme relatamos no segundo capítulo, os *anons* que criaram o segundo *imageboard* acreditava que a moderação estava restringindo a liberdade de expressão de outros participantes do fórum.

Esse movimento de idealização inicia a criação de uma *communitas ideológica*, na qual os *anons* realizam uma:

[...] tentativa de descrição de efeitos externos e visíveis [...] de uma experiência interior da ‘communitas’ existencial, e numa tentativa de enunciar claramente as condições sociais ótimas nas quais seria lícito esperar que essas experiências floresçam e se multipliquem (Turner, 1974, p.161)

Nesse processo de buscar identificar utopicamente as características da *communitas* existencial e seu retorno. No caso anterior, os usuários insatisfeitos com o 4chan, criando *communitas* ideológicas, desejando um retorno dos *imageboards* com a “verdadeira” liberdade de expressão, criam novos espaços, neste caso, o 8kun, uma nova *communitas* existencial ou espontânea. Mas como destaca Aldenor Soares (2015), esse momento é passageiro e momentâneo, e para perdurar no tempo, necessita-se sua configuração normativa, entrando no campo da estrutura.

3.2 - CHANS E SUAS AFFORDANCES: LARP E AVATARFAG

Na introdução fizemos uma breve descrição do funcionamento dos chans. Enquanto um espaço próximo da antiestruturalidade, configurado no campo digital, precisamos ter ciência das dinâmicas em nível de interação humano-computador, as agências envolvidas e outras relações significativas.

Neste tópico, buscamos identificar como em um espaço de *communitas*, pautado pelo anonimato, usuários promovem tentativas de construção de identidade e as formas que isso são possíveis na dinâmica intrachan antiestrutural.

Todos os casos citados no início do trabalho demonstram a enorme flexibilidade que os chans podem ter em sua interface e usabilidade. Elementos, funcionalidades, quadros e outros aspectos podem ser introduzidos ou retirados a depender da vontade do(s) administrador(es), da base de usuários, da subcultura do chan, entre outros fatores.

Faço questão de pontuar isso, pois, não podemos considerar esse tipo de organização de interface do usuário (UI) como coincidência. Em rápidas pesquisas com termo de busca “4chan bad UI” identificamos diversas pessoas relatando e reclamando de que chans possuem uma interface que consideram “feias” para os padrões atuais. Micah Soto (2019) publicou um artigo no site TipsMake buscando compreender o porquê diversos sites possuem interfaces consideradas desagradáveis são altamente populares. Destacou que um bom design vai além do agrado visual, mas também como está relacionado com a experiência e com o que os usuários buscam encontrar.

O antropólogo Daniel Miller (2000) demonstra muito bem como, além de oferecer uma boa experiência, os sites podem funcionar como armadilhas da atenção do usuário. Apoiando-se na teoria da arte de Alfred Gell, Miller desenvolve um trabalho etnográfico em sites pessoais e comerciais de Trinidad & Tobago. Miller argumenta que sites considerados “feios” de empresas que possuíam recursos para produzirem sites mais elaborados deviam ter sua estética - definida pelo autor enquanto propriedades visuais como forma de uma eficácia social - entendida mais amplamente. Miller, assim, discorre apontando que a aparência do site justamente informa se o seu produtor considera o público apropriado ou não para frequentar ali. Nos casos dos sites comerciais analisados, afirma o autor:

O panfleto e o escritório jurídico de aparência primorosa são formas estéticas que ajudam a orientar a teia como uma armadilha para suas vítimas específicas - aqueles que seriam atraídos por tais serviços. A estética representa uma tentativa de alinhar o criador da web e o possível navegante no tempo e no espaço, de modo que cada um possa, por assim dizer,

ancorar-se ao lado do outro no ciberespaço. (Miller, 2000, p.17. Tradução livre)⁴³

Esse achado de Miller oferece para o nosso trabalho uma dimensão para uma prática identificada ao longo do trabalho de campo. Conforme é relatado no capítulo 4, o 1500chan após às denúncias pelo site Congresso em Foco (Neiva, 2022), o administrador do site introduziu uma camada extra de proteção para adentrar o site (Imagem 22). Em ideogramas coreanos, a página demandava que quem acessasse inserisse uma sequência exata de palavras, colocadas nos espaços corretos, para acessar o site. Trata-se de um mecanismo de interface deliberadamente utilizado para afastar pessoas curiosas e não usuárias do chan de acessar o fórum.

Entretanto, é importante ter em mente um aspecto menos explícito desse mecanismo de armadilha dos sites. A própria organização de informação e da interface pode levar a um processo de afastamento de usuários casuais do espaço e curiosos justamente pela dificuldade de adaptação e entendimento das dinâmicas. Destaco minha própria experiência durante o trabalho de campo, que tive grande dificuldade para compreender tais mecanismos expostos anteriormente, já que não tinha nenhuma experiência prévia enquanto usuário de chan. Em diversos momentos da pesquisa, necessitei do apoio de meu interlocutor. Tudo parecia bastante confuso, sem uma “ordem”, com uma interface extremamente simples, que lembrava sites do início dos anos 2000. Consequentemente, a interface deliberadamente confusa e antiquada, funciona como um mecanismo de repulsa para usuários não intencionados para estar naquele espaço, sobretudo os curiosos, como pesquisadores e jornalistas, que buscam interfaces mais familiares ao acessar fóruns.

Durante o trabalho de campo, algumas interações foram bastante significativas, que demonstravam a capacidade dos *anões* de manipularem a construção e estrutura do *imageboard* para seus próprios fins. Entretanto, precisamos ter ciência de que essas manipulações não se dão unicamente pela agência humana, mas precisamos identificar como a agência não-humana ocorre nessa relação e vai afetar como a própria manipulação é efetuada. Os casos citados posteriormente se deram no VHSChan, o que reflete um aspecto de como o ambiente impacta na construção de práticas, favorecendo o surgimento de umas e a inibição de outras.

⁴³ Do original: The flyer and the prim legal office are aesthetic forms that help orientate the web as trap to their specific victims – those who would be drawn to such services. The aesthetic represents an attempt to align web creator and potential surfer in time and space, so that each can, as it were, dock alongside the other in cyberspace.

Em uma das postagens observadas, o *original poster* (OP), aquele que inicia um *fito* no chan, perguntou aos *anões* “Você já se fingiu de gay?”, acompanhado com uma figura de anime (Imagem 16). O *fito* tem respostas com mais figuras de animes, com usuários falando que já realizaram a prática. Dentre uma das respostas, a *anão* afirma que “Já. Até pesco um ou outro que chega até a postar o balado⁴⁴ no discord.”. A postagem causa reações em outros *anões*, que perguntam porque ele faz isso ou afirmando que ele já praticou sexo anal para enganar os “machobobos”.

Imagem 16 - Fingir ser gay

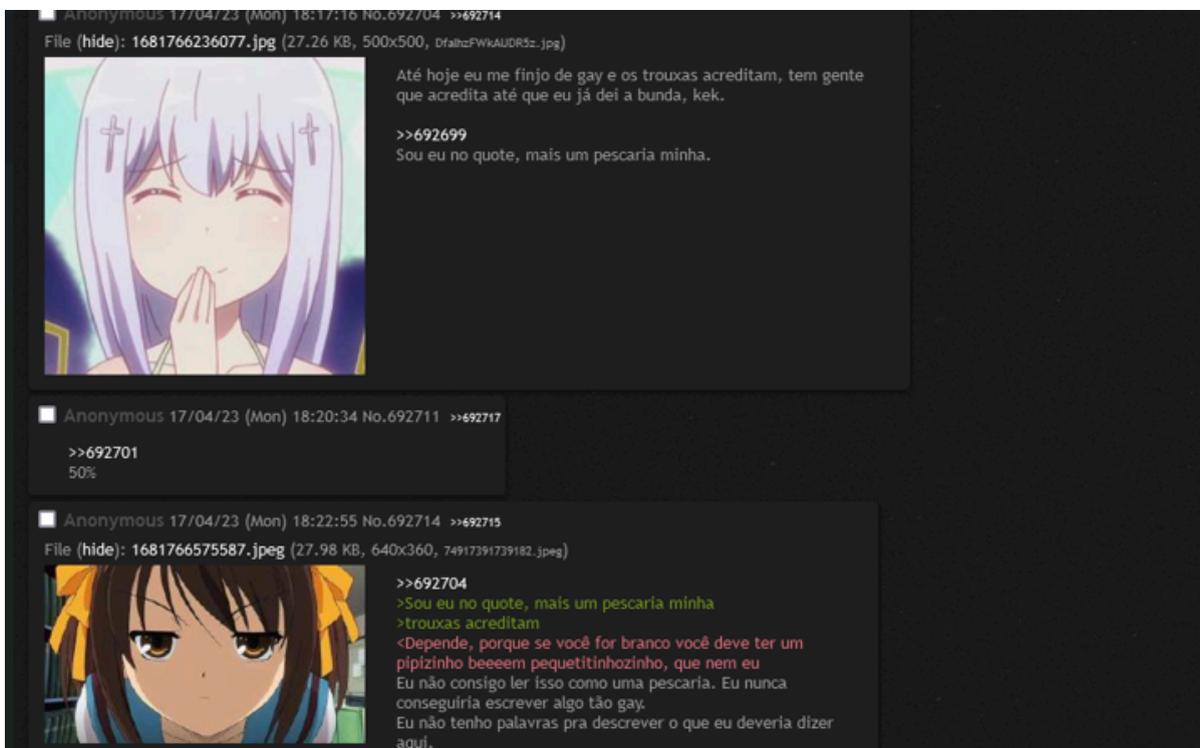


Fonte: Coleta própria

O *fito* cresce e em uma das respostas, um *anão* publica uma foto de anime acompanhado com “Sou eu no quote, mais uma pescaria minha.”. Essa publicação é reagida com outro *anão*, realizando o mesmo movimento de publicação de foto de anime, reescrevendo as palavras da postagem anterior em forma topificada, sintetizando em verde o que o *anão* anterior escreveu, escrevendo seu comentário sobre os tópicos em vermelho da situação, e adicionando em branco “Eu não consigo ler isso como uma pescaria. Eu nunca conseguiria escrever algo tão gay. Eu não tenho palavras pra descrever o que eu deveria dizer aqui”. Essa última postagem, por sua vez, é reagida por outro participante do *fito*, que afirma ser “larpador profissional”.(Imagem 17). Dentro dessa interação, pouco após essas postagens, um aparentemente terceiro usuário indaga “Só pra saber mesmo, mas você não é o >>692541 também, né?”.

⁴⁴ Gíria para penis

Imagem 17 - Debate sobre pescaria (bait)



Fonte: Coleta própria

Quando abordamos a relação entre usuários com algum objeto, o conceito de *affordance* é central para a compreensão, sendo importante realizar uma breve revisão sobre o conceito e sua utilização em diversos campos. O conceito foi inicialmente proposto por James Gibson, psicólogo estadunidense, dedicado ao campo da percepção visual e da psicologia ecológica. Anthony Chemero (2003) discorre sobre duas abordagens nas teorias da percepção, uma inferencial, na qual os significados estariam dentro do animal, pautados na interação com o ambiente, e uma da percepção direta, a qual se dedica a afirmar que o significado está no ambiente, com o animal coletando informação de um ambiente que possui significados. Contudo, Chemero pontua que esse tipo de abordagem demanda uma ontologia que seja capaz de afirmar sobre o que constitui o mundo com o qual o animal interage. Gibson, segundo o autor, ao desenvolver a teoria das *affordances* oferece essa ontologia necessária para uma abordagem direta da percepção. Assim, na definição do autor: “As *affordances* do ambiente

são o que ele oferece ao animal, o que ele proporciona ou fornece, tanto para o bem quanto para o mal.” (Gibson, 1986, p.127. Tradução livre)⁴⁵.

A definição de Gibson se aprofunda, o que desencadeia críticas de outros autores:

Uma *affordance* não é nem uma propriedade objetiva nem uma propriedade subjetiva; ou é ambos, se preferir. Uma *affordance* corta através da dicotomia entre subjetivo e objetivo e nos ajuda a entender sua inadequação. É igualmente um fato do ambiente e um fato do comportamento. É tanto físico quanto psíquico, ainda que nenhum dos dois. Uma *affordance* aponta para ambas as direções, para o ambiente e para o observador. (Gibson, 1986, p.129. Tradução livre)⁴⁶

Apesar de relevante, não pretendemos neste trabalho seguir a vertente psicológica das *affordances*. Mesmo de origem nesse campo, o conceito de Gibson teve um impacto para além da psicologia, graças à adaptação do conceito para o design, esforço empreendido por Don Norman em *Psychology of Everyday Things* (relançado como *The Design of Everyday Things*). Para os achados durante a pesquisa de campo, os desenvolvimentos realizados no design e no campo da interação humano-computador parecem mais relevantes para nós no momento.

Don Norman (2013) na publicação estava preocupado com a utilização de artefatos do cotidiano das pessoas. Ele começa o livro falando dos seus problemas com portas, na qual em alguns casos encontrava dificuldade para abrir elas, puxando portas que devem ser empurradas e vice-versa. Para o autor, um bom design de porta deve indicar como ela deveria funcionar, sem precisar de sinais e erros.

Para a relação entre produto e usuário, Norman busca adaptar o conceito trazido por Gibson, com o qual dialoga no desenvolvimento de sua abordagem. O autor coloca que:

O termo *affordance* refere-se à relação entre um objeto físico e uma pessoa (ou, para esse assunto, qualquer agente interagente, seja animal ou humano, ou até mesmo máquinas e robôs). Uma *affordance* é uma relação entre as propriedades de um objeto e as capacidades do agente que determinam como o objeto poderia ser possivelmente usado. (Norman, 2013, p.11. Grifos do autor. Tradução livre).⁴⁷

⁴⁵ Do original: The *affordances* of the environment are what it *offers* the animal, what it *provides* or *furnishes*, either for good or ill.

⁴⁶ Do original: An *affordance* is neither an objective property nor a subjective property; or it is both if you like. An *affordance* cuts across the dichotomy of subjective - objective and helps us to understand its inadequacy. It is equally a fact of the environment and a fact of behavior. It is both physical and psychical, yet neither. An *affordance* points both ways, to the environment and to the observer

⁴⁷ Do original: The term *affordance* refers to the relationship between a physical object and a person (or for that matter, any interacting agent, whether animal or human, or even machines and robots). An *affordance* is a relationship between the properties of an object and the capabilities of the agent that determine just how the object could possibly be used

Como exemplo para isso, Norman (2013) utiliza o caso de uma cadeira. A cadeira permite⁴⁸ suporte, possibilitando que a pessoa sente. Entretanto, para ser carregada, demanda que a pessoa que interaja seja forte o suficiente para carregar ela. Dessa forma, na interação usuário-objeto, para aquele que tem força, a cadeira permite ser carregada, mas para aquela pessoa que não tem a força a cadeira não permite ser carregada.

O conceito de *affordance* anda lado a lado com o de *signifiers*. As *affordances* de um objeto, segundo o autor, oferece as possibilidades de ações que são possíveis ao utilizar um objeto, enquanto os *signifiers* comunicam em qual local as ações do sujeito devem ocorrer, oferecendo direcionamentos para uma utilização esperada do objeto - por exemplo, um aviso de que a porta é para puxar, não empurrar. Na visão de Norman, os *signifiers* interessam mais aos designers, já que é por meio dele que os desenhistas podem comunicar como determinado produto deve ser utilizado.

Norman (2013) adentra também em outros pontos, que acredito aqui não serem necessários de mencionar, exceto os quatro tipos de limitações (*constrains*) na utilização de um produto. A primeira é a limitação física, na qual se refere às propriedades físicas do objeto, como tamanho. O segundo tipo envolve as limitações culturais, que restringe o sujeito a formas de agir em determinadas situações sociais. A terceira pontuada é a limitação semântica, na qual se baseiam no significado da situação para limitar as ações possíveis, como, por exemplo, a viseira do motoqueiro ficar na frente em virtude de que a única forma de ser utilizada é com o motorista olhando para frente. Já a última é a restrição lógica, na qual o usuário é restringido por meio de uma situação na qual se depara não fazer sentido logicamente e a partir dela realiza ações.

O desenvolvimento do conceito levou a caminhos que muito se distanciam da proposta inicial de Gibson. Oliver (2005) pontua isso na sua crítica do desenvolvimento de Norman, que adiciona novamente os aspectos de ausência de objetividade de tal conceito, já que seu desenvolvimento caminha para uma visão subjetiva e interpretativa - algo que ele discorda como possível solução para o conceito.

Para o debate antropológico, a forma com que as pessoas interagem e se (re)apropriam de ferramentas e tecnologias interessam mais que um viés objetivista. Por isso, a abordagem considerada interpretativa das *affordances* é de maior interesse para os debates que o presente trabalho pretende realizar. Por meio do trabalho de campo, conseguimos observar que forma ferramentas tecnológicas são mobilizadas para usos por vezes não intencionais do designer.

⁴⁸ No original, o autor utiliza *affords*

Esse é o caminho que Dhaval Vyas, Cristina M. Chisalita e Gerrit C. van der Veer (2006), Leonardo Burlamaqui e Andy Dong (2015), assim como por Elisabetta Costa (2018). Burlamaqui e Dong (2015) realizaram uma revisão bibliográfica dos usos de *affordance* e chegaram à conclusão de que existem quatro elementos em comuns: artefato, objeto produzido por humanos utilizado para uma ação específica ou alvo da ação; agente, capaz de perceber uma *affordance* e agir em relação a um artefato, movido por motivações, possuindo *conhecimento*, que é a soma do que é percebido, descoberto e apreendido; ambiente, local onde ocorre a relação agente e artefato; percepção, sentidos sensoriais do agente; e uso potencial, sendo as possíveis formas que se pode a utilização do artefato.

Os autores ainda destacam que a ação do agente pode ter efeitos não intencionais, dialogando, ainda que não mencionado, com a proposta de Vays, Chisalita e van der Veer (2006), Burlamaqui e Dong (2015) estão mais interessados no termo uso, já que significa aplicar algo para um propósito específico, que dialoga diretamente com a noção de propósito atribuído. Postulam os autores:

Portanto, o conceito de uso potencial deve ser visto como as ações necessárias para alcançar um propósito que, eventualmente, pode ser atribuído a um artefato por um agente. Em outras palavras, colocar um artefato em uso é iniciar o propósito que se atribui a ele, o que chamamos de *propósito atribuído*. (Burlamaqui, Dong, 2015, p.304. Grifos dos autores. Tradução livre)⁴⁹

Aprofundando sobre o conceito, os autores pontuam que designers colocam em artefatos os *propósitos desenhados* para atingir um determinado objetivo, que só pode ser atingido se realizado por agentes que vão atribuir propósitos. Por diversas vezes, os agentes dão aos artefatos propósitos diferentes dos desenhados, que Burlamaqui e Dong intitulam como *propósitos não desenhados*.

Após essa sistematização sobre conceitos presentes nas *affordances*, os autores definem elas como “[...] *cues of the potential uses of an artefact by an agent in a given environment*” (Burlamaqui, Dong, 2015. P.305). De certo modo, essa definição se aproxima bastante da proposta por Norman, citada anteriormente, mas é mais explícito no que concerne à atribuição de propósitos e propósitos não desenhados, que, na nossa leitura, encontra-se implícita. Assim,

Portanto, as *affordances* estão fortemente relacionadas não apenas ao propósito projetado de um artefato, mas também aos latentes, ou seja, aos

⁴⁹ Do original: Thus, the concept of potential use has to be viewed as the necessary actions for achieving a purpose that, by any chance, can be assigned to an artefact by an agent. In other words, to put an artefact into use is to set the purpose one assigns to it, which we call assigned purpose, in motion.

propósitos atribuídos. Então, se deixarmos o agente de lado, quando um artefato é usado de maneira diferente do esperado, isso se deve ao que ele permite, já que as *affordances* indicam seus propósitos latentes. (Burlamarqui, Dong. 2015. p.306)⁵⁰

Duas outras perspectivas do conceito ainda trazem bases para uma melhor compreensão das *affordances*, a qual será adotada aqui. No artigo *Affordance in Interaction*, Vays, Chisalita e van der Veer (2006) buscam oferecer uma abordagem interacionista, que mesmo sendo a base do conceito, segundo os autores, não oferece de fato uma visão fluida do conceito. Assim, postulam o autor que “Nós consideramos as *affordances* de um artefato como as possibilidades (tanto para pensar quanto para fazer) significadas pelos usuários durante sua interação com o artefato.” (Vays, Chisalita, van der Veer. 2006, p. 92. Tradução livre).⁵¹

O conceito de *affordances* dos autores é próximo às preocupações de Burlamaqui e Dong acerca dos propósitos atribuídos a um artefato. Para Vays, Chisalita e van der Veer (2006), as *affordances* são as relações que são social e culturalmente construídas pelos usuários e o artefato no mundo vivido. Nessa abordagem, os autores remontam ao trabalho de Wanda Orlikowski e sua aplicação teoria da estruturação de Anthony Giddens para reforçar o processo de seres humanos serem tanto habilitados como restringidos pelas estruturas sociais no que refere ao uso de tecnologias.

Giddens é a base teórica que Elisabetta Costa (2018) utiliza para conceitualizar o que busca cunhar de *affordances-in-practice*, ao realizar uma crítica ao uso do conceito por estudiosos de mídia, que utilizam o conceito como propriedades ou características fixas de redes sociais, ou outras plataformas estudadas. Costa, por sua vez, oferece do trabalho de campo antropológico para demonstrar como usuários do Facebook na cidade de Mardin se apropriam da plataforma para ter contas diferentes para grupos sociais diferentes.

O ponto com todas essas abordagens citadas anteriormente é que, por meio da noção de *affordances*, apesar das diferentes conceitualizações, conseguimos ter uma melhor compreensão da forma com que agentes interagem com interfaces. Ainda cabe destacar que outros campos utilizam o conceito de *affordance*, como, por exemplo, os estudos de mídia (Boyd, 2010; Bucher; Helmond, 2018), aplicados para o estudo antropológico por Leticia Cesarino (2022) para a compreensão do fenômeno de extrema-direita. O foco aqui estaria no

⁵⁰ Do original: [...] *affordances* are, thus, strongly related not only to the designed purpose of an artefact, but also to the latent ones, i.e., assigned purposes. So, if we put the agent aside, when an artefact is used differently from its expected use, this is because of what it affords, as *affordances* are indicative of its latents purposes

⁵¹ Do original: We view the *affordances* of an artefact as the possibilities (for both: thinking and doing) that are signified by the users during their interaction with the artefact

que Bucher e Helmond (2018) intitulam de *low-level affordances*, isto é, focando nas características e funcionalidades do meio.

Como pode ter sido notado, as referências trazidas aqui, apesar da presença do artefato, priorizam enquanto agente entidades humanas - por mais que os autores busquem enfatizar que agentes também englobam sujeitos não-humanos. Para o debate antropológico, faz-se necessário observar como na rede ou teia de relações, tanto usuários, artefatos e contexto são capazes de afetar as relações e as ações de outras entidades, isto é, no final das contas, agência.

Nesse sentido, a teoria da arte de Alfred Gell é um bom diálogo e parece oferecer ainda mais suporte teórico nas compreensões das *affordances*. Em *Arte e Agência*, Gell (2018) promove uma conceitualização do campo da antropologia da arte, ainda prematuro na época de sua escrita. Gell faz uma defesa, destacando a necessidade da composição dessa área. O ponto central do seu trabalho para a presente pesquisa é a compreensão e defesa objetos artísticos - ou de forma mais geral, artefatos não humanos, funcionam como agentes sociais, já que em sua teoria da arte se definiria como “as relações sociais que acontecem no entorno de objetos que atuam como mediadores da agência social” (Gell, 2018, p.32).

A teoria gelliana dialoga, em muitos sentidos, com a teoria das *affordances*, que foi trazida aqui em diversas perspectivas. Em Gell, os objetos são colocados como índice, que permite uma abdução da agência. Um índice, que o autor utiliza como exemplo recorrente a fumaça, indica algo, como, por exemplo, fogo - ainda que índices possam enganar. Mizrahi (2019) destaca que a utilização da categoria índice foge do enquadro analítico exclusivamente de objetos artísticos para os padrões institucionais do campo da arte e permite a introdução da noção de abdução, isto é, a inferência da agência social de objetos não humanos. Assim, o índice é “*ele próprio visto como o resultado e/ou o instrumento da agência social*” (Gell, 2018, p.44). Essa agência não é meramente fruto do que um agente humano direciona a um objeto, mas sim surgindo da relação que desencadeiam sequências de ações - intencionais ou não. Consequentemente, em Gell, a agência também pode ser exercida por coisas.

Gell, na sua descrição, coloca que pessoas e objetos podem estar em posição de agente e paciente, dependendo de sua posição no feixe de relações formadas. Os esquemas formados pelo autor em seu livro são unidirecionais, isto é, vão de $A \rightarrow B$. Entretanto, aqui precisamos destacar que a direção não é tão simples assim. Utilizando o exemplo do carro em relação ao seu dono, no qual o carro pode ser *locus* da agência, isso é, paciente em relação ao agente (motorista), em diversos momentos, o carro funciona como uma extensão do seu dono e qualquer impacto nele, impacta seu dono. De um ponto de vista analítico, a

unidirecionalidade é algo mais facilmente apreendido. Entretanto, na realidade, essa relação de agência é bi, tri ou multidirecional (dependendo dos elementos na relação). Ou seja, no caso do carro, durante a construção da relação do carro e seu dono, ambos estão agindo um sobre o outro. Em uma batida, o motorista fica dolorido por ver seu carro danificado, sendo o veículo agente dessa dor no seu dono, enquanto o dono agencia seu sentimento, criando ainda mais vínculo em relação ao carro.

Tomando de empréstimo todos esses aprendizados, as *affordances* para os fins deste trabalho serão entendidas como práticas que emergem na relação entre agentes humanos e não humanos - em especial uma interface digital - ocorridas em determinado ambiente. Cabe identificar nessas práticas, como na relação humano não-humano, a agência emergida de cada uma das partes, identificando, seguindo os escritos de Burlamaqui e Dong (2015), de que forma propósitos são atribuídos, que nem sempre são alinhados com os propósitos desenhados por designers. Também devemos ter como central o impacto do ambiente, em termos sócio-culturais, de como o local no qual a relação em questão se dá afeta as *affordances* que irão emergir na interação usuário-artefato.

Nesse sentido, a postagem que abre esse tópico ganha novos significados. Não se trata de uma publicação isolada, mas de *affordances* criadas por usuários no VHSChan. Nesse caso, o ambiente no qual a relação entre a estrutura de interface, pautada pelo anonimato, com usuários, possibilita com que as *affordances* surjam, que não são possíveis ou são dificultadas em outros *imageboards*, como, por exemplo, no 1500chan.

Dentre as *affordances* que foram identificadas, estão a de *re* e *avatarfag* - ambas categorias êmicas surgidas do processo interacional de reapropriação das ferramentas de texto e imagem do fórum. A prática de *larp*, sigla para *live action roleplay*, envolve a encenação na postagem de algo ou alguém - por exemplo, identificou-se ao longo do trabalho de campo pessoas emulando a linguagem culta do século XIX.

Por sua vez, *avatarfag*⁵² envolve a publicação de imagens de algo ou alguém de forma fixa, ou seja, toda vez que o *anão* realiza uma publicação no chan, ele utilizaria essas imagens daquilo que ele escolhe que será identificável como ele. Voltando para as imagens 16 e 17, observamos duas publicações diferentes no qual se faz a utilização de determinada personagem de anime de cabelo vermelho, na qual, busca-se sinalizar para outros *anões* de que se trata da mesma pessoa. Outro caso de *avatarfag* exemplo recorrente foi a presença de

⁵² União das palavras “avatar”, para representar o aspecto imagético, e “fag”, termo homofônico em inglês para pessoas homossexuais. A utilização do termo “fag” sinaliza que a prática pode ser mal vista, já que é uma quebra de anonimato.

um *anão* que utilizava imagens da atriz Anna Karina para se fazer presente no chan (Imagem 18), mas já sendo encontrados exemplos do protagonista do anime Gintama e a atriz Chantal Goya. A utilização de um avatar pode estar associada com a prática de utilização de variações de expressões de seu avatar para expressar uma reação emocional visual a um post.

Imagem 18 - Avatar Anna Karina



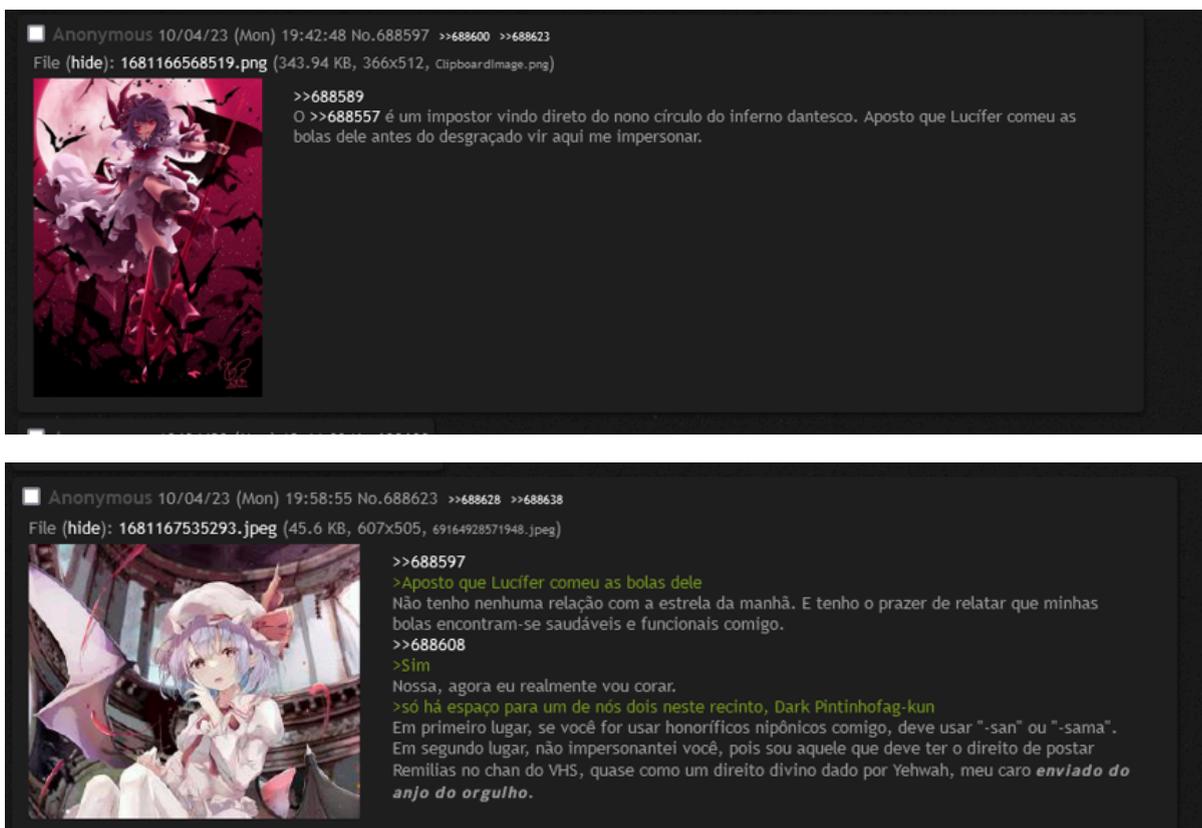
Fonte: Coleta própria

Pode-se praticar o *larp* de algumas formas possíveis. O *anão* pode, por exemplo, acessar outro *chan* e se passar por alguém ou algo. Um caso significativo foi a fala de um participante do VHSChan que afirmava que acessava outro *imageboard*, o Magalichan, conhecido por ser um espaço dedicado para mulheres. Na postagem ele informou que nunca havia sido banido do Magali, pois sabia “*larpar* de mulher”.

Outra forma possível é por meio da conjunção da prática de *avatarfag*. A estrutura de anonimato possibilita com que o *anão* possa *larpar* deliberadamente como outro usuário do *imageboard*. As motivações podem ir até para humor ou até mesmo para destruir a reputação do outro *anão*. Um exemplo marcante durante o trabalho de campo ocorreu no mesmo *fo* sobre o Magalichan, no qual dois *anões* trocavam acusações sobre quem era a “real” pessoa por trás do avatar da personagem da série de jogos Touhou Project, Remilia Scarlet. Toda dinâmica é acompanhada, além da publicação dos avatares, de construções linguísticas

coerentes com as personagens que se pratica o *larp*. Outros avatares entram na dinâmica, não sabendo se tratam das mesmas pessoas ou de outros *anões*, tudo acompanhado de uma consistência linguística. (Imagem 19)

Imagem 19 - Prática de *larp* com avatarfag



Fonte: Coleta própria

Algo importante para destacar no surgimento dessas *affordances* é como o próprio sistema e construção dos chans enquanto espaço anônimo na qual as relações construídas pelos usuários vão moldar as interações. Ter atenção a isso é necessário para sinalizar a própria agência de não-humanos nas redes formadas com os *anões*.

O anonimato dos *chans* promovem o colapso de contexto, isto é, a desestruturação dos metacódigos de comunicação (Cesarino, 2022), durante a interação entre os *anões*. A ausência de perfis, imagens ou qualquer identificador fortalecem ainda mais a incerteza sobre algo falado é sério, ou apenas *for the lulz* (Nagle, 2018), isto é, enganar (*trollar*) com o outro.

No caso do *larp* e *avatarfag*, a estrutura de anonimato e esse colapso tem centralidade para desestabilizar outros códigos. Caso as práticas sejam utilizadas de forma para de passar

por outra pessoa, os *anões* buscam na sua utilização fazer o outro questionar: é ou não é essa pessoa?

Isso passa, também, pelo que a interface vai possibilitar ou limitar a agência do usuário. No 1500chan, a interface é limitadora. No caso do *caravela*, apelido para o 1500, há um “ID” que vai identificar quem realizou a postagem em determinado *fio*, que mudará caso o *fio* seja outro. Como se observa na imagem abaixo, o ID f912c publicou duas vezes e se refere a mesma pessoa na postagem, enquanto as duas publicações anteriores a dele são referentes a pessoas diferentes. Neste caso, o *anão* f912c foi notificado pelo administrador, que inseriu na sua publicação “Não floode”, isto é, pedindo para ele não publicar muitas mensagens em um espaço curto de tempo - ação conhecida como floodar. Isso traz implicações significativas nas dinâmicas que vão poder surgir no 1500chan. A interface do VHSChan, por sua vez, é possibilitadora das *affordances*. No caso do *fita*, a ausência das tags, modifica as ações possíveis do *anão*, criando a possibilidade de atribuição de propósito de imagem e texto para criação ou emulação de símbolos de uma identidade anônima, adaptando o mecanismo de postar mensagens e imagens.

Imagem 20 - ID no 1500chan



Fonte: Coleta própria

Infelizmente, não temos como identificar o propósito desenhado da funcionalidade de envio dessas duas formas de comunicação. Entretanto, não se deve deixar notar o processo de envio de mensagens e imagens nos chans para além da ilustração do conteúdo textual da

postagem. Dentre uma das formas, além da construção de uma identidade anônima, está o uso de imagem nos chans nas publicações para representar visualmente a emoção do *anão* no *fio*.

As práticas buscam, de alguma forma, reduzir o anonimato do usuário na plataforma, por práticas que buscam criar e sinalizar uma identidade anônima. Aqui estamos falando da tensão entre individualidade e anonimato. Como uma pessoa, indivíduo, pode se fazer presente em um espaço de antiestrutura?

Esse aparente conflito foi um dos tópicos que o estudo realizado por Berenstein et al (2011) versou, buscando compreender o anonimato no 4chan em um viés quantitativo. Apesar dessa abordagem, os autores destacam que o *imageboard* oferece formas mais fluidas de sinalizar identidade e status, citando o exemplo de utilização de fotografias de si próprios, com data e horário do momento, buscando sinalizar a autenticidade.

Nos casos que identificamos, os *anões* utilizam de mecanismos imagéticos e textuais para sinalizar uma identidade estável, ainda que anônima. Assim, outros *anões* ao identificarem a imagem e tipo textual podem inferir se por caso se trata da mesma pessoa, ainda que não haja garantia de tal inferência. Para o processo avaliativo, os usuários realizam um processo avaliativo, por meio de indicadores como tipo de escrita e imagens utilizadas para de fato entenderem se é a pessoa “original” por trás do *avatarfag* ou se trata de alguém *larpando* essa pessoa.

Em um dos *firos* observados, o OP da *thread* falava de alguém chamado “Pintinho” que estaria “forçando” e “agindo como viado” no 1500chan. A resposta imediata dizia que na realidade se trataria de “Cucu”, outro *anão*, já que o “Pintinho” não fazia *avatarfag* com a personagem de anime realizada. Já outro *anão* concorda com a pessoa que postou a mensagem original sobre “Pintinho” estar “forçando e agindo como viado”, pois dizia que ele tinha uma pasta com fotos dessa personagem e havia publicado a mesma imagem no VHSChan semana passada.

Há uma relação complexa entre esses usuários, que em um espaço anônimo buscam de alguma forma serem identificados e reivindicam o avatar, caso alguém esteja se apropriando de forma indevida. No *grafitti*, por exemplo, no qual anonimato e identidade andam lado a lado, mecanismos similares também são reivindicados para que a autoria de determinada intervenção seja identificável pelos círculos internos de grafiteiros, mas desconhecido para os campos externos. (Campos, 2009). Ainda nas similaridades, Campos (2009) pontua que as *tags*, que identificam os praticantes, podem ser únicas ou múltiplas, que vão identificar diferentes alter-egos.

Existe conseqüentemente uma dinâmica entre a individualidade e os espaços das *communitas*, tema que Roberto DaMatta buscou refletir em um artigo revisitando o trabalho de Victor Turner. DaMatta (2000) inicia sua reflexão realizando uma diferenciação entre indivíduo, enquanto ser dotado de independência e autonomia, foco do seu trabalho, do individualismo, perspectiva ideológica particular do “Ocidente”.

O autor faz uma leitura crítica do trabalho de Turner. Por meio da noção de coletivização das *communitas*, DaMatta aponta que a visão do antropólogo escocês não seria variável de sistema para sistema. Utilizando seu grande campo como exemplo, o carnaval, aponta que:

No caso do Brasil, por exemplo, uma sociedade na qual valores hierárquicos são importantes no cotidiano, a produção da liminaridade carnavalesca abre um espaço dentro do qual as pessoas podem sair de um universo marcado pela gradação e pela hierarquia, para experimentar a individualização, por meio de um conjunto de escolhas pessoais, bem como pela competição. Nesse sentido, a liminaridade carnavalesca brasileira promoveria uma experiência com um ‘eu essencial’ e não com um ‘nós essencial’ [...] (DaMatta, 2000, p.16)

Apesar de inicialmente aparentemente contraditório a tentativa de construção de identidade em um espaço anônimo, esse apontamento de DaMatta ajuda a compreender como espaços próximos da antiestrutura podem promover a construção desse “eu essencial” ou a individualidade do indivíduo. Ao adentrar nesse espaço liminar, segundo DaMatta, as pessoas são libertas de laços sociais e de suas obrigações, transformando elas em indivíduos fora-do-mundo. Cita o autor, mitos sobre a aquisição de elementos como o fogo, no qual personagens se isolam da sociedade, se individualizam, mas retornam integrando uma posição diferente da original.

A *affordance* de *avatarfag* pode, assim, ser compreendida como uma das maneiras com que esse “eu essencial” busca ser construído em *imageboards*. O isolamento do *anão* em um espaço não estrutural e a tentativa de construção de sua identificação nesse espaço, em uma posição diferenciada, como personagem relevante - por exemplo, “Pintinho”, “Cucu” ou outro termo para si.

De outra forma, esse “eu essencial” pode se manifestar pela tentativa de originalidade do pensamento, muito forte em espaços antiestruturais como o bolsonarismo e os chans. Um dos casos é justamente a categoria de *red pill*, no qual a pessoa afirma ter se libertado das amarras do pensamento e após tomar a pílula vermelha, em referência ao filme Matrix, consegue ver a realidade das coisas. Uma das formas que isso aparece é por meio da machosfera, que após terem tomado a pílula, eles conseguem perceber como mulheres são

interesseiras, “rechaçando qualquer acusação de manipulação e devolvendo-a prontamente ao ‘inimigo’” (Cesarino, 2022, p.137).

Contudo, essa busca do “eu essencial” pode atingir cenários ainda mais extremos e trágicos. A figura dos renunciadores têm centralidade na obra de DaMatta (1997) sobre o carnaval e a liminaridade. Nas figuras brasileiras analisadas por DaMatta, como Lampião e Augusto Matraga, há uma passagem de ser passivo para um sujeito ativo, que faz seu próprio destino. Há uma renúncia da posição na estrutura social que eles ocupam para uma posição de individualidade e marginalidade, transformando-os em heróis. Nessa renúncia, DaMatta analisa obras literárias e identifica dois caminhos: ou a pessoa vai em direção aos grupos de poder da estrutura social; ou ela caminha para espaços fora da estrutura social, entrando em uma liminaridade.

Não podemos dizer que todos dentro dos chans são, de fato, renunciadores. Em diversos casos, alguns relatados aqui neste capítulo, há um conflito de pessoas que, de uma forma ou de outra, buscam um espaço dentro da estrutura social. Entretanto, autores de massacres, como o do Neomigucha no Japão, ou em Suzano, no Brasil, poderiam ser enquadrados nesses renunciadores da estrutura social.

O estado de plena liminaridade é o momento em que o herói fica destacado do seu fundo social, do seu meio, de sua classe e, conseqüentemente, fica *individualizado*. Isto é, fica em oposição total à sua sociedade, apresentando-se como uma alternativa para o comportamento social. Suas ações, assim, ganham peso formidável, podendo ser generalizadas e transformadas em atos modelares. (DaMatta, 1997, p.322)

O massacre de Suzano foi amplamente comemorado em alguns chans (Declerq, 2019), com os autores sendo tratados como heróis. Neonazistas utilizam esse caso como grande inspiração (Lemos, 2021). Os últimos atentados no Brasil, ocorridos em 2023, um deles teve referência direta e inspiração ao massacre de Suzano (Mori; Lemos, 2023).

Nessa busca pelo “eu essencial” e a individualização na antiestrutura, a parte coletiva, que aparecem em situações de crise nos *chans*, não deixa de existir. Conforme veremos no próximo capítulo, a situação de quedas e migrações de usuários faz com que categorias para fronteiras sejam mobilizadas e estratégias desenvolvidas que, de alguma forma, falam de uma identidade coletiva.

4 - DRAMAS SOCIAIS NA CHANOSFERA BRASILEIRA

A grande riqueza - e dificuldade - do trabalho etnográfico é desempenhar o processo de análise de uma ampla gama de dados coletados durante o trabalho de campo. Por vezes, no decorrer da pesquisa, as informações que observava pareciam dispersas, sem coerência ou sentido. A partir das leituras de obras turnerianas, no entanto, uma coerência se formou ao longo do trabalho. Como vimos no capítulo anterior, os chans estão extremamente próximos de relações antiestruturais, marcadas, dentre muitas coisas, pela ausência de hierarquias sociais e distinções.

Neste capítulo, iremos seguir a proposta de Turner, por meio de outro conceito: o de drama social. Considerando a capacidade e flexibilidade analítica do conceito essencial, identificamos diversos elementos dessa categoria nas situações de queda de chans que será mobilizado para entender as dinâmicas intrachan e interchans. A primeira ocorreu a queda do 1500chan em 2022 e a segunda ocorreu no VHSChan em 2023.

4.1 - QUEDA DO 1500CHAN

O 1500chan é o principal chan em atividade no Brasil, no momento de escrita deste trabalho (2024). O alinhamento político-ideológico de parte dos usuários, apesar de difícil identificação, estaria mais próximos aos valores compartilhados pela extrema-direita tradicional e direita alternativa⁵³. Dentre os fatos que corroboram para a identificação desse posicionamento em usuários do 1500chan, esteve a organização de uma estratégia de produção de *fake news* que visava favorecer Jair Bolsonaro no pleito eleitoral presidencial de 2022. Neste ano, a disputa estava concentrada em duas figuras, o então presidente Jair Bolsonaro, e o atual Presidente da República, vencedor da disputa, Luiz Inácio Lula da Silva.

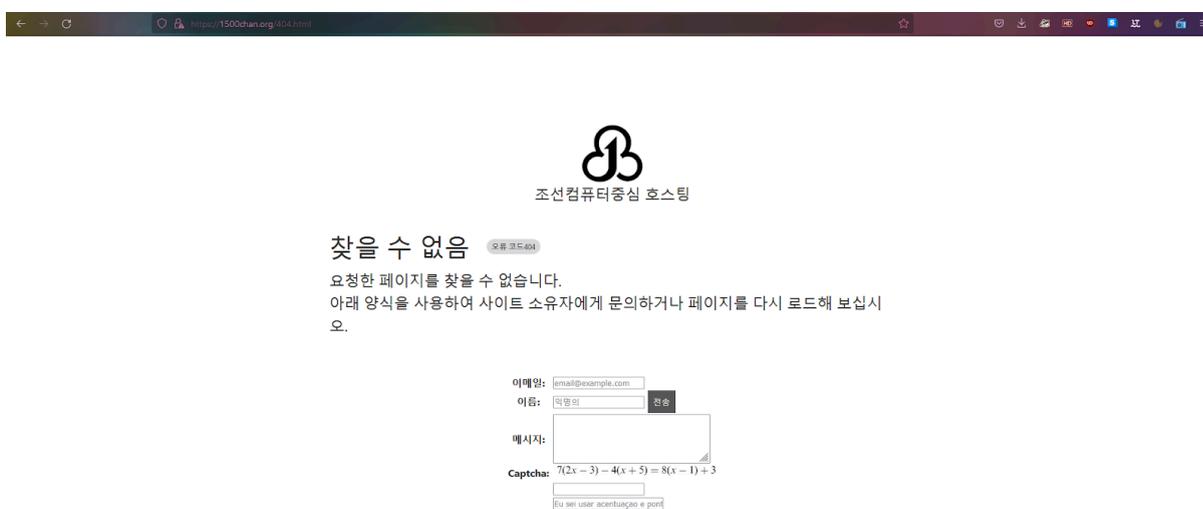
Não acompanhei de perto esse momento, mas tomei conhecimento após a matéria publicada por Lucas Neiva (2022) no site Congresso em Foco, no qual ele relata postagens de *anões* visando e organizando tais táticas. Na matéria, o jornalista destaca algumas imagens nos quais foram capturadas no fórum, que cabe destaque aqui.

⁵³ A extrema direita e a direita alternativa por vezes são utilizados enquanto sinônimos. Isso se dá em virtude de que a direita alternativa é um espectro dentro da extrema direita. De teor extremamente heterogêneo, o termo direita alternativa foi criado por Richard Spencer, em 2008 e teve seu desenvolvimento muito associado ao digital, como websites. Em nível ideológico, abraça desde de neonazistas, antimodernistas, supremacistas brancos e a machosfera (Winter, 2019; Taylor, 2020).

Ao tomarem conhecimento da denúncia do Congresso em Foco, os *anões* realizaram ameaças de morte ao jornalista e aos editores do jornal (Congresso em Foco, 2022). Dentre as diversas postagens, um dos usuários afirmou que “alguém vai amanhecer morto”. Outro *anão* realizou uma exposição das redes sociais do Lucas Neiva e da editora do jornal, Vanessa Lippelto, qual ele afirma “certamente tem um dedo”, isto é, teria envolvimento com a publicação da matéria. Alguns outros também destacam “ligar a máquina de ódio e assassinar a reputação dele”.

O 1500chan já era um local que estava considerando para realização do campo de pesquisa. Por isso, após me inteirar dos fatos, tentei adentrar novamente no chan, mas me deparei com a imagem 22. Em ideogramas coreanos, informa-se que o endereço não poderia ser encontrado, cabendo entrar em contato com o proprietário do site utilizando o formulário presente na imagem. Até o momento da escrita deste trecho, 02 de fevereiro de 2024, ao tentar adentrar o *imageboard*, ainda se encontra tal aviso em coreano.

Imagem 22 - 1500chan após fato jornalístico



Fonte: Coleta própria

O fato imediatamente me levantou uma preocupação enorme, pois, aparentemente, o meu campo não estava mais disponível para pesquisa. Logo entrei em contato com meu interlocutor para informar que o chan tinha caído e sobre o que eu poderia fazer durante esse processo. Minha primeira reação foi migrar para outro chan e realizar a pesquisa nele, ou

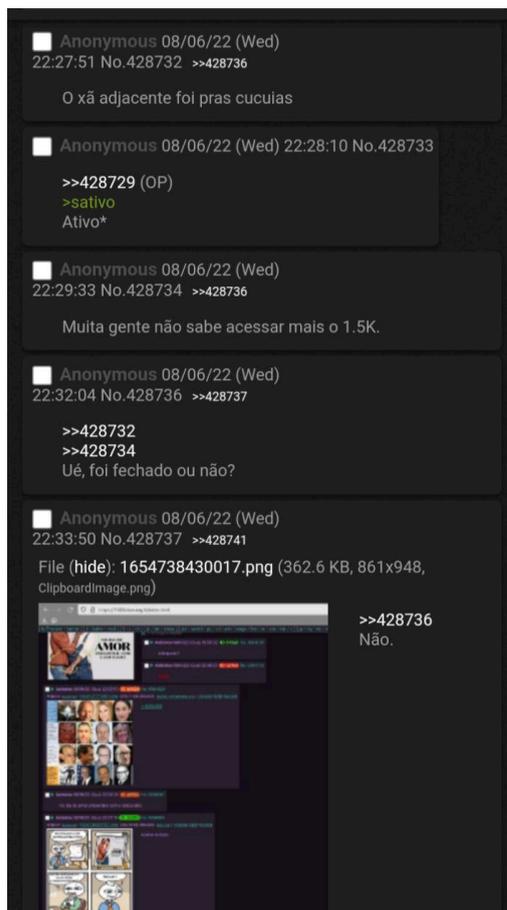
mesmo mudar de tema. Durante a conversa, ele citou a possibilidade de em outro chan haver postagens falando sobre a queda do 1500chan, em especial, sobre a migração do 1500chan para um outro novo, algo que deveria acontecer em breve, segundo sua experiência. Inicialmente questionei sobre isso de fato ocorrer, visto que, há um clima de rivalidade entre chans brasileiros. Ainda com receio, afirmei que seguiria sua informação e observaria no VHSChan se haveria algum comentário sobre a queda do 1500chan.

Ao entrar pela primeira vez no VHSChan, fui recebido com uma postagem em uma estética *vaporwave* e com uma música sintetizada.⁵⁵ O *fita*, outra forma de chamar o imageboard, foi possivelmente o segundo maior chan em atividade durante a realização da pesquisa (2022-2024), atrás apenas do 1500chan. Ainda assim, seu fluxo de postagens é consideravelmente inferior ao do 1500chan.

Por tal razão, nesse dia haviam algumas postagens questionando o alto nível de atividade que o chan em questão estava presenciando. Muitas delas, conforme bem pontuou meu informante, estavam relacionadas à queda do 1500chan. Em um dos *fiões* observados os usuários comentavam sobre esse fato. Em resposta à indagação de outro *anão*, responde que o “xã adjacente foi pras cucuias”. Outro, por sua vez, diz que na realidade “Muita gente não sabe acessar mais o 1.5K”. Confuso com as informações contraditórias, um terceiro pergunta se de fato houve ou não o fechamento, que tem como réplica um terceiro enviando um print do dia com o 1500chan em pleno funcionamento. (Imagem 23)

⁵⁵ Vaporwave é uma estética que utiliza composições retro, mas futuristas, assemelhando à VHS. (Meireles, 2019)

Imagem 23 - Postagem sobre a queda do 1500chan.



Fonte: coleta própria

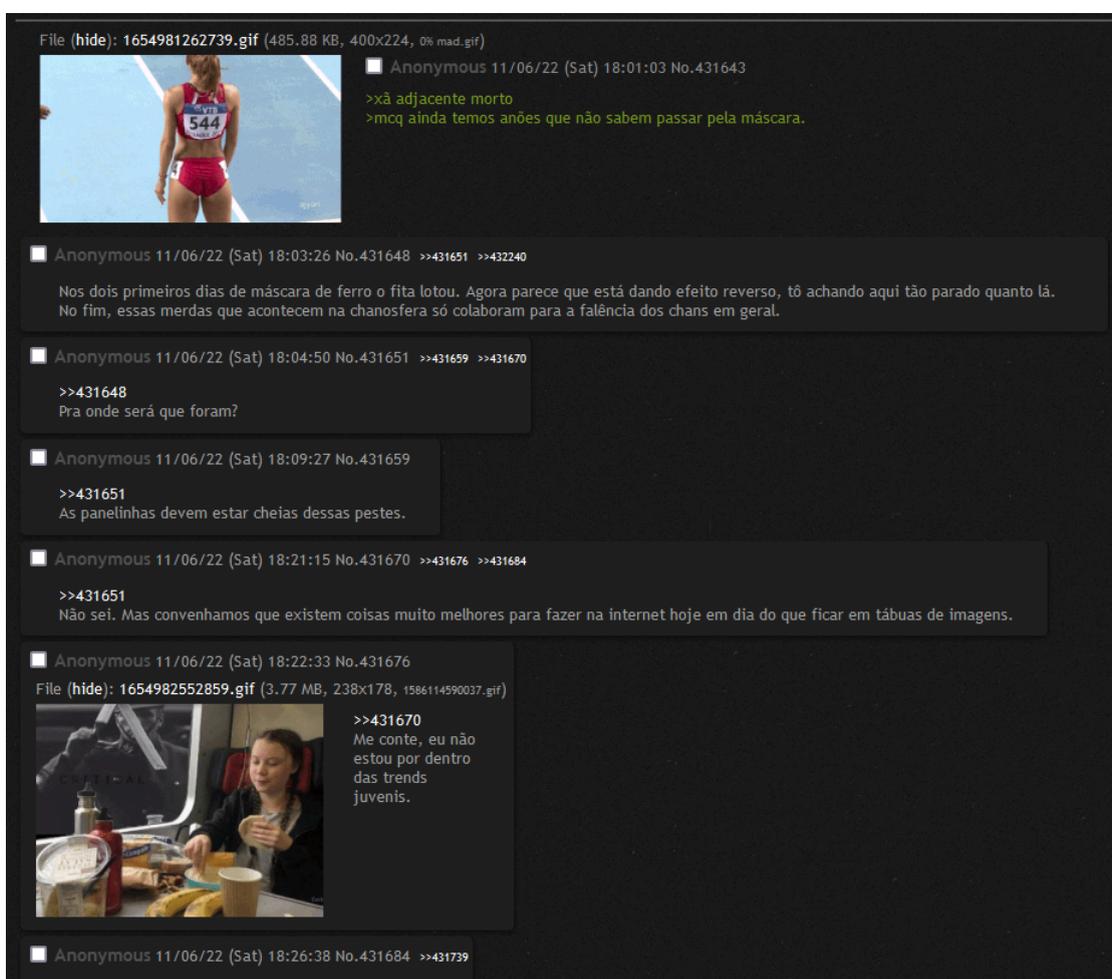
Tomar conhecimento disso, por um lado, acalmou meus anseios, mas por outro aguçou a curiosidade sobre o que de fato estava acontecendo. Quando repassei a descoberta para meu interlocutor, ele disse que já havia visto um “êxodo” como esse antes. Ainda não estava claro para mim, contudo, qual o mecanismo que estava por trás dessa “suposta queda”.

Outros *anões* falando sobre a “queda” começaram a debater sobre uma *máscara de ferro*. Este é o termo utilizado pelos *anões* para a tática utilizada pelo 1500chan visando impedir o acesso de outras pessoas. Na Imagem 24, o original poster (OP), termo utilizado para o *anão* que inicia o *fiô*, faz uma postagem em tópicos⁵⁶, afirmando que o “xã adjacente morto” e “mcq ainda temos anões que não sabem passar pela máscara”. O OP está expressando sua reação sobre o fato do *xã adjacente* ter “caído” por meio da expressão “mcq” - minha cara quando. Em outras palavras, o *anão* está surpreso, ou perplexo, por ainda existir outros *anões* que não saberiam passar pela *máscara de ferro*.

⁵⁶ Esse estilo de escrita em tópicos foi adotada, por exemplo, pelo ex-Presidente da República, Jair Bolsonaro. Cf. <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1701186358625087733>

A partir dessa afirmação topificada, outros *anões* entram no debate sobre a *máscara de ferro*. Um *anão* afirma que nos primeiros dias da implementação da *máscara*, o VHSChan lotou, mas que no momento de sua postagem está dando o efeito reverso, isto é, diminuindo a atividade. Segundo ele, ainda, esses fatos que ocorrem na chanosfera estariam caminhando para a “falência dos chans”. Questionado por onde foram os *anões*, obtem-se a resposta de que possivelmente eles possam ter ido para as “panelinhas” - grupos fechados de pessoas, criado em espaços como Facebook e Discord⁵⁷.

Imagem 24 - Postagens sobre "máscara de ferro"



Fonte: coleta própria

Já outro *anão*, na imagem 25, busca ajuda para passar pela *máscara*, informando não aguentar mais uma “noite solitária”. Em seguida, outro participante do *fita*, afirma que não se

⁵⁷ Cf. Péchy, Amanda; Mathias, Lucas. O sinistro submundo do Discord, plataforma em alta entre crianças e jovens. **Veja.** Disponível em <
<https://veja.abril.com.br/comportamento/o-sinistro-submundo-do-discord-em-alta-entre-criancas-e-adolescentes>
>. Acesso em 11/09/2023

trata apenas de passar da *máscara*, mas é a preguiça que ele tem de realizar esse tipo de tarefa, visto que trabalha mais de 10 horas por dia e não quer se esforçar para acessar o chan.

Imagem 25 - Dificuldade de passar pela máscara



Fonte: coleta própria

Após ter conhecimento de que havia uma barreira impedindo o acesso de pessoas acessar o *imageboard*, fiquei questionando se tentava ingressar ou manter meu campo no *fita*. Naquele momento, optei por ficar no *fita*, mas em todo momento estava questionando se deveria tentar acessar o 1500chan. Infelizmente, ainda não sabia como passar pela *máscara de ferro*, então não tentei durante muito tempo.

4.2 - QUEDA DO VHSCHAN

Outro caso de queda significativa foi a do VHSChan. No decorrer do trabalho de campo, o administrador do VHSChan fixou uma postagem no dia 01/06/2023 informando que o *fita* entraria em manutenção, seguido de uma pausa. Como justificativa, informou que a

equipe iria tirar “um tempo para gente”, repensando o chan e preparar para comemoração de 10 anos do *imageboard*. Buscando alternativa para os usuários, sugeriu a utilização do *Internet Relay Chat*, ou mais conhecido como IRC, sistema de bate-papo em canais, no qual tem sua origem no final dos anos 80 - e, hoje em dia, pouco utilizado pela grande maioria da população.

A informação, inevitavelmente, movimentou o *fio* e prontamente diversos *anões* responderam. Dentre as reações, estava, por exemplo, um usuário informando que era muito velho para isso e que preferia esperar o chan voltar. Outro disse que vai aproveitar o tempo para ficar sozinho.

Ainda com esses comentários mais avulsos, rapidamente, iniciou-se debates sobre onde os *anões* iriam ficar, se era de fato no IRC proposto pelo administrador ou se migraram para um chan novo. Um *anão* sugeriu a utilização de um chan alternativo enquanto o *fita* não voltava ao ar, argumentando que pensa que a maioria gosta do modelo *imageboards* e que ele, particularmente, não gostava de utilizar chats. Ele foi respondido por quatro pessoas, na qual destaque três.

A primeira disse que o “p’xã adjacente seria uma boa” - referindo, de forma codificada, ao ptchan⁵⁸, chan lusofono, focado no público português. Entretanto, em sua avaliação, as pessoas iriam ou para o “barca”⁵⁹ ou para o “4falhas”⁶⁰. Em seguida, um *anão* informa que não sabe onde ficar, pois gostava do *fita* por ser diferente dos outros. O terceiro oferece como alternativa ir para o 84chan⁶¹.

Esse último comentário recebe maior atenção que os demais. Um, imediatamente, rejeita a ideia. Outro também concorda, dizendo que é o primeiro que vem à sua mente. Ainda, relembra que fizeram um novo BRchan, mas que na sua avaliação era ruim. Levantando outra opção, cita ainda o “mil500”, mas que considera intolerável. Outro afirma que irá para o 84chan mesmo, como alternativa ao VHSChan. Um *anão* considera que o 84chan é legal, mas que há, por vezes, *jorges* aparecendo - termo para se referir a pessoas que buscam chocar, seja por uma atitude considerada extrema, politicamente incorreta ou mesma criminosa, reforçando ou mesmo cometendo racismo, misoginia e pedofilia, para citar alguns exemplos.

O fato é que, apesar do debate sobre utilização de IRC, migração para outro chan ou não utilização de uma alternativa, o *fita* de fato ficou fora do ar tempos depois dessa

⁵⁸ ptchan.org

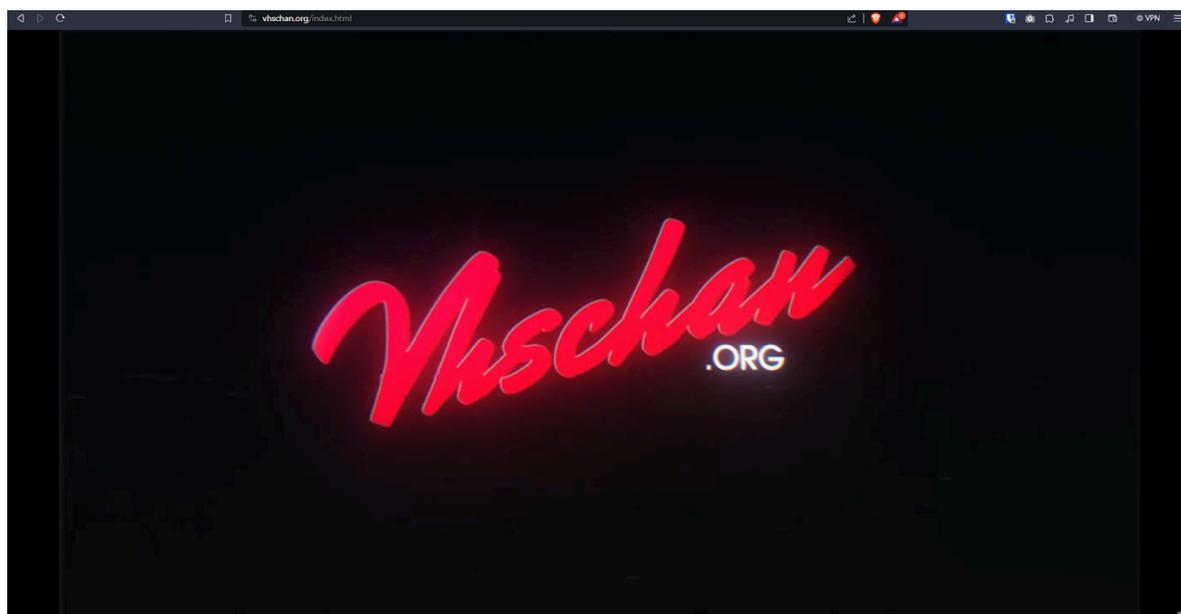
⁵⁹ Possivelmente refere-se ao 1500chan, também conhecido como Caravela.

⁶⁰ 4chan

⁶¹ <https://84ch.in/>

publicação. Hoje, no período da escrita desse trecho (setembro de 2023) o chan continua desativado (Imagem 26). Mais uma vez eu me encontrava diante de um dilema: como continuar a pesquisa de campo? Se no primeiro caso eu observei a imigração de uma base de usuários para de um chan para outro, agora eu observada a emigração. Graças a primeira experiência, a decisão parecia mais fácil: ou eu iria para o IRC; ou eu iria observar o 84chan. Optei pela segunda, para manter a pesquisa em *imageboards*.

Imagem 26 - Página desativada do VHSChan



Fonte: Coleta própria

Em oposição ao 1500chan e VHSChan, o 84chan é bem menos movimentado. Como consequência, mesmo com a efemeridade desses tipos de sites, era possível acessar as primeiras publicações do *imageboard*. Dentre as poucas postagens do 84, duas delas enfatizava justamente a queda do VHSChan, e pretendo dar um destaque a cada uma delas, por sua relevância para a situação.

Dois dias depois da publicação no VHSChan, um *anão* no 84chan realizou o que ele intitulou “Desabafo de um anão (Ou: Manifesto contra o mundo moderno)” (Imagem 27). Nele, o *OP* informava que o VHS entrará em “reclusão”, o que ocasionaria em um aumento de usuários, podendo significar uma nova era para o chan que ele fazia parte. Ele informa a prática frequente dos anões do *fita* de *avatarfaggear*, isto é, utilizar de imagens recorrentemente como forma de se identificar no fórum - o que o *OP* considera uma aspecto de desvirtuar a mecânica do próprio fórum.

O *OP* ainda faz uma diferenciação entre o channers e paineleiros, sendo este último não respeitador da “cultura dos chans”, que tenta importunar o fórum com ideias dos “sábios do Vale do Silício” - que na visão dele seria: “Viadagam é normal” - sendo muita das vezes quem propaga esse tipo de perspectiva no chan “favelados”. Em suma, ele acredita que o movimento LGBT fez a degeneração ficar fora de controle - adentrando no chan - e clama os outros *anões* lutarem pelo espaço.

Em uma das respostas, um *anão* afirma que “gore, estupro pedofilia e demais negróides só agregam panela de adolescentes desempregados querendo fazer merda” e manda ele ir para uma “panela do discord chorar que nem um viado”. Ele recebe enquanto resposta que “gore, estupro e pedofilia são naturais de todo ser humano de menta saudável”.

Em uma das poucas respostas sobre o assunto da migração do VHSchan, um dos *anões* responde que caso todos os *anões* do *fita* forem para o 84, este morreria. Segundo ele lá só tem “mangina⁶² escravocetas que defendem vagabundas e gays que pensam que são mulheres”. Ele fala da moderadora Inu, de nome Anzu, a qual se for xingada, o acusador recebe banimento automático. Na análise do *anão*, o VHSchan é um espaço “cheio de avatarfags attwhores (como o cogu) e panelas que ela [Inu] protege e bane quem for contra as panelas. Enfim, é um chan de paineleiros, viados, manginas, sojados⁶³, a maior escória da internet brasileira (e talvez do mundo) está lá [...]”

Imagem 27 - “Manifesto contra o mundo moderno”

File (foto): 1685762320211 (img) 05:49:18: 472044: images - 2023-06-03T00:07:4... (img)

Desafio de um anão (Ou: Manifesto contra o mundo moderno) Anonymous 06/03/23 (Sat) 03:18:40 No.3076 223021 223150

Serei breve.
O VHS entrará em reclusão daqui a pouco, e isso significa um aumento de usuários nesta recinto, o que pode significar uma nova era para este chan.
Sabem que o VHS como é notório, possui muitos AVATARFAGS: ou sinceramente, já tive vontade de eu mesmo ser um avatarfag lá no fita, porém sempre abduzi disso, porque creio que destruí a própria mecânica do chan, transformando-o em um fórum, e sinceramente, sempre odiar ter um "histórico" na internet, isso é horrível, enfim, não sei se os MODS deste chan aceitarão os avatarfags, ou se sentarão o martelo neles.
Mas mesmo assim, por mais idiota que possa parecer, sempre considerei os chans que acesso como parte de minha "família", há alguns familiares que eu odeio, outros que amo, mas no fim, são todos família, menos os PANELEIROS, que não são *anões*, e sim, câncer.
Não considero todos avatarfags como paineleiros, pra mim paineleiro, é quem não respeita a cultura dos chans, tenta subverter o local ao ponto de que o chan pare de ser um local onde a sanidade reina, e a ele importunar as macabras ideias dos sábios do Vale do Silício, ou seja, dizer que VIADAGEM É NORMAL, ou que o gramscismo é bom, estes paineleiros muitas vezes são a verdadeira escória, e já não estou falando apenas do ideológico, pois se vocês forem ver, vários paineleiros são literais favelados, eles tentarão provar que ter QI acima de 100 é coisa de "merda", tentarão dizer que a galera deles (SAHHA) é uma merda pelo "neoliberalismo", enfim.
Eu não odeio por si só, um favelado. Afinal, eu há mais de 10 anos, assisto gore brasileiro. E eu considero os sites gore como minha segunda casa, atrás do chan. E como eu considero os usuários de sites de gore como "família", eu não odeio eles, mesmo muitos deles sendo favelados. Porém, estes favelados estão em seu ambiente natural, não estão tentando subverter a ordem nacional. Se você perceber, Evolve não defendeu o sistema de castas por ser cruel, mas sim, por ser misericordioso, afinal, não há maior crueldade que tentar forçar o shudra a ser um bramane.
Enfim, isso é o que eu tenho a dizer, quero dizer que, graças ao movimento LGBT, a degeneração está fora de controle, e por isso pra mim a internet está cada vez mais concentrada em CHAN e SITE DE GORE, hui. Porque, mesmo se você sair um pouquinho desse ambiente, a chance de você se deparar com um liberal travesso de 20 anos, ou uma lesbica sem paci, essas chances, são altíssimas, meus amigos.
Por isso, devemos lutar pelos chans, até o fim.

Anonymous 06/03/23 (Sat) 03:20:56 No.3077

OP aqui, gostaria de dizer, creio que esse chan será superior ao fita por permitir gore, lá no fita, a simples menção aos sites gore, e as brutais redpills que vem com eles, já era motivo pra exclusão do fita.

Anonymous 06/03/23 (Sat) 03:28:10 No.3078 223150

>O VHS entrará em reclusão daqui a pouco
De onde tirou isso?

Anonymous 06/03/23 (Sat) 03:30:34 No.3079 223000

>>3078
É só ir lá, *anão*, os mods vão desativar o VHS nesse fim de semana.

Anonymous 06/03/23 (Sat) 03:40:07 No.3080

>>3079
Nosso recinto é bem reservado e já faz tempo que não bumbo nossas threads de divulgação nos outros IBS, provavelmente a onda de merda vai acabar batendo em primeiro lá no rchan. Em todo caso espero que não aconteça nada de ruim.
Aqui nos seguiremos firme e somente o CP será excluído.

Anonymous 06/03/23 (Sat) 03:44:05 No.3081

Fonte: Coleta própria

A segunda, por sua vez, informava justamente sobre a queda do VHS e questionava aos *anões* do 84 o que acharam de lá durante o tempo que frequentavam o local. O *OP*, ao

⁶² Homens que se “rebaixaram” por atenção de mulher, sem orgulho próprio.

⁶³ Homens que não teriam características físicas masculinas muito bem desenvolvidas.

contrário do anterior, traz uma visão mais positiva do *fita*, dizendo que gostava bastante do local, que dava para postar *shitpost* à vontade, ainda que tivesse *paneleiros* no local. Ainda assim, como o *OP* do *fio* anterior, ele realiza críticas à Anzu, que começou a “moldar fortemente o conteúdo arrumando motivos arbitrários pra banir quem ela não gostasse ou falasse mal diretamente dela ou da panela dela, mesmo que fossem em defesa da própria honra”. Justamente por isso, a pessoa que realizou a postagem não conseguia ver uma diferença entre o *fita* e o *caravela*.

Com o *fio* aberto, outros *anões* opinam sobre o VHS. Ainda na temática dos banimentos, outros opinam. Um deles afirma que os banimentos ocorriam pouco, uma vez ao mês, enquanto um afirmou que qualquer um que falasse mal da Azul e sua panela, levaria ban, mas caso não falasse nada, tudo ocorreria bem. Segundo um dos *anões*, o banimento no VHSChan era permanente e diferente dos outros, que, ao invés de informar que o usuário foi banido, a postagem desaparecia e ao tentar postar informava que o motivo do banimento era “cringefag”, já que não havia explicação para o banimento.

No comportamento, as visões caminhavam para uma perspectiva mais negativa sobre os usuários do *fita*. Por exemplo, um dos *anões* diz que espera não ver os “avatarfags de lá nesse chan”. O mesmo que relatou sobre o banimento permanente, disse que “aquele chan era tão lixo que uma merdalher⁶⁴ é quem mais moderava e controlava os conteúdos de lá [...]. Eu espero que os viados de lá não vão mais estragar chan nenhum, de preferência que morram”. Uma postagem anterior a dele, compartilhou um link do ptchan, que direcionava para um *board* criado para o VHS. Como sugestão, um *anão* sugeriu *raidar* o ptchan, dizendo que odeia “merdalher”.

Esse longo relato de campo levantou minha atenção para um processo de migração entre chans e a reação que isso ocasiona nos usuários. Tal mote foi a perspectiva inicial do projeto, com a queda do VHSChan, que foi posteriormente colocada como secundária, para enfatizar em outros aspectos. Todavia, o andamento da pesquisa mostrou a relevância da temática, fazendo com que eu presenciasse dois processos de migração e as tensões que envolviam esse momento.

4.3 - AS QUEDAS ENQUANTO DRAMAS SOCIAIS

O conceito de drama social foi desenvolvido em *Schism and continuity in an African society : a study of Ndembu village life* de 1957, e utilizado por Victor Turner até o final da

⁶⁴ União do termo merda com mulher.

sua vida intelectual (Turner, 1988; Turner, 1996; Turner, 2008)⁶⁵. A obra se localiza temporalmente antes dos seus trabalhos sobre liminaridade e *communitas*, que utilizamos como base para o capítulo anterior.

Nesse livro, Turner abre espaço para a análise processual que, segundo ele, foca na dinâmica social. Antes, recomenda o autor, a análise de informações que possam basear a pessoa antropóloga em compreender em qual contexto ecológico e demográfico a estrutura social do grupo com o qual se trabalha está sendo construída - realizado por Turner em *Schism and Continuity*, que inicia com descrições demográficas e estatísticas sobre os Ndembu. (Turner, 1996) De certa forma, aqui seguimos, de forma não intencional, esse tipo de orientação metodológica. Por vieses mais qualitativos, tentamos caracterizar os *imageboards* em sua história - isto é, na origem, influências e momentos chaves (capítulo 3) - bem como a forma de organização das relações antiestruturais, pautados dentro de uma relação com a tecnologia, que faz com que práticas venham a emergir e ser coibidas na relação agente humano e não-humano (capítulo 4).

Em *Schism and continuity*, Turner identifica no sistema de parentesco causas para os constantes conflitos entre os Ndembu. De forma muito superficial, para não fugirmos do nosso propósito, os Ndembu possuíam o sistema de casamento virilocal, no qual a esposa se muda para a aldeia do marido, enquanto a organização da linhagem se dava por matrilinearidade. Como destaca Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (2007), a regra virilocal realiza uma separação dos irmãos uterinos com que se conviveu na infância. Desenvolve ainda a autora, a partir de Turner, que mesmo traçando sua ascendência pela linha da mãe, ele terá crescido na rede de lealdade da matrilinearidade do pai e, ao casar, levará a esposa para o local onde ele foi criado. Isso cria uma tensão no campo da lealdade, fazendo com que dramas sociais venham a surgir, afetando a duração geracional das aldeias, chegando em um tempo médio de seis gerações (Cavalcanti, 2007; Turner, 1996).

Essa mudança residencial faz com que o grupo de siblings masculinos, na primeira oportunidade, tenda a entrar em conflito de lealdade com a nova aldeia como um todo. O resultado dessa tensão produz grande autonomia da família matricêntrica – o grupo formado por uma mãe e seus filhos – que funcionaria na prática como a unidade social básica. Nesse quadro, o grupo de siblings uterinos em idade adulta tende a constituir a primeira e mais provável ameaça à manutenção da integridade de uma aldeia, formando, nas palavras de Turner, a “primeira unidade de fissão”.

Por sua vez, as irmãs desse mesmo grupo hipotético – que, quando casam, deslocam-se para a aldeia do marido – manterão, mesmo depois de casadas, um forte laço com seus irmãos. Com seus filhos, elas formam uma base

⁶⁵ The anthropology of performance

potencial importante para os grupos de apoio político a um homem/irmão sênior e aspirante à liderança aldeã. Não é de se estranhar que os divórcios sejam frequentes. (Cavalcanti, 2007, p.131)

Observando essa propensão para o conflito, Victor Turner (1996; 2008) desenvolve o conceito de drama social. Este seria unidades de um processo de desarmonia ou enarmonia em um grupo social, que surge em momentos de conflito (Turner, 2008). Em seu campo, Turner observou que essas situações possuíam momentos públicos que seriam comuns entre os diferentes processos, que cunhou de “formas processuais” ou “unidades processuais”. O drama social foi dividido em quatro etapas: ruptura; crise; ação corretiva; e reintegração.

(1) Uma ruptura das relações sociais normais governadas por normas ocorre entre pessoas ou grupos dentro do mesmo sistema de relações sociais. Tal ruptura é sinalizada pela quebra pública ou não cumprimento de alguma norma crucial que regula o convívio das partes.

(2) Após a ruptura das relações sociais regulares, surge uma fase de intensificação da crise, durante a qual, a menos que o conflito possa ser isolado rapidamente dentro de uma área limitada de interação social, há uma tendência para a quebra se alargar e estender até que se torne coextensiva com alguma divisão dominante no conjunto mais amplo de relações sociais relevantes às quais as partes em conflito pertencem. [...]

(3) Para limitar a propagação da ruptura, certos mecanismos de ajuste e reparação, informais ou formais, são rapidamente acionados pelos principais membros do grupo social relevante. [...]

(4) A fase final que distingui consiste ou na reintegração do grupo social perturbado ou no reconhecimento social da ruptura irreparável entre as partes em disputa. (Turner, 1996, p.91-92. Tradução livre)⁶⁶

Turner não é determinista na sua compreensão de como dramas sociais se sucedem. O autor entende que eles podem ser flexíveis, alterando o processo dependendo da situação, grupo e outros fatores relevantes. Graças a isso, ele reconhece que esses dramas podem não ter as fases tão bem delimitadas ou mesmo não passar por todas elas. Entretanto, afirma que há decisões sobre afiliação, mas sobretudo lealdade e obrigação, que pode atingir uma dramaticidade⁶⁷. (Turner, 2008)

⁶⁶ Do original: (1) Breach of regular norm-governed social relations occurs between persons or groups within the same system of social relations. Such a breach is signalized by the public breach or non-fulfilment of some crucial norm regulating the intercourse of the parties. (2) Following breach of regular social relations, a phase of mounting crisis supervens, during which, unless the conflict can be sealed off quickly within a limited area of social interaction, there is a tendency for the breach to widen and extend until it becomes co-extensive with some dominant cleavage in the widest set of relevant social relations to which the conflicting parties belong. [...] (3) In order to limit the spread of breach certain adjustive and rederessive mechanism, informal or formal, are speedily brought into operation by leading members of the relevant social group. [...] (4) The final phase I have distinguished consists either in the reintegration of the disturbed social group or in the social recognition of irreparable breach between the contesting parties

⁶⁷ “a situação em uma aldeia Ndembu é muito semelhante àquela encontrada no drama grego, testemunhamos o desamparo do indivíduo humano diante dos Fados; mas, neste caso [e também no caso islandês, como descobri] os Fados são as necessidades do processo social (p.94).” (Turner, 2008, p.30)

A partir desses desenvolvimentos, os dois casos de quedas dos chans parecem ganhar mais sentido. Aqui, no entanto, cabem duas ponderações. A primeira é que, diferentemente de Turner, não somos capazes de seguir pessoas em suas estratégias para compreensão dos dramas sociais. Isso se dá, obviamente, pelas limitações do nosso campo, que preza pelo anonimato.

Outro ponto significativo é que, apesar de não ter caído, o 1500chan sofreu uma queda. Essa escolha metodológica se deu pela reação observada por parte dos usuários mediante a implementação da *máscara de ferro* no 1500chan. Para eles, de fato, o *imageboard* havia caído, ainda que em níveis de hospedagem, ele estivesse no ar.

Nos dois casos, o drama se inicia com uma ruptura das relações. Como descrevemos no capítulo anterior, essa relação é pautada pela dinâmica antiestrutural. Turner (2008) ao descrever a ruptura, cita o processo de rompimento das relações sociais formais, ou seja, da estrutura social. No caso do 1500chan, a ruptura ocorre não ocorre em relação a uma norma ou tabu infringido pelo indivíduo no sistema antiestrutural. O processo de organização de esquema de *fake news* e ameaças a jornalistas é considerado aceitável nesse cenário. O que iniciou o drama social foi justamente a impossibilidade de que qualquer tipo de relação social antiestrutural pudesse ser estabelecida. A interface com ideogramas coreanos não negava isso aos *anões* do 1500chan - a menos que soubesse a maneira correta de acessar o *imageboard*.

De forma similar, esse também foi o gatilho para o caso do VHSChan. Neste caso, o drama social se inicia pela sinalização de que tais relações não serão possíveis em um espaço curto de tempo. Contrariamente à situação do 1500chan, a impossibilidade das interações antiestruturais está apenas no futuro - que veio a ser concretizada.

O drama social é seguido pelo processo de ampliação da crise. Segundo Turner “Cada crise pública possui o que eu chamo de características liminares, uma vez que se trata de um limiar entre fases relativamente estáveis do processo social [...]” (Turner, 2008, p.34). Contudo, por estarmos tratando de grupos antiestruturais, a liminaridade é a norma, alterando a dinâmica de dramas sociais.

Nos seus desenvolvimentos em públicos bolsonaristas, Leticia Cesarino defende a hipótese de que “[...] diante do prolongamento do estado liminar, as latências expressas nesses públicos tomam uma forma paradoxal: o que era para ser temporário, como nos Ndembo, nos Iatmul ou nos Lele, se torna permanente”. (Cesarino, 2022, p.137). Ainda sinaliza a autora que nesses sistemas, é como se, ao invés de ritos de passagem com fases bem delimitadas, houvesse uma organização caótica e não-linear das etapas - tudo ocorrendo ao mesmo tempo (Cesarino, 2022).

No nosso trabalho de campo, com os dramas sociais citados anteriormente, tal hipótese pareceu verdadeira - ainda que precisasse haver um estopim para o início deles. A partir desse estímulo, as fases pareciam misturadas e ocorrendo a todo momento. No caso do drama do 1500chan, a crise se alargou atingindo outros campos de interação - nessa situação o VHSChan. A nossa observação apenas conseguiu, por limitações na época da pesquisa, verificar como o segundo foi afetado pelo alargamento da crise do 1500chan.

Essa ampliação da crise é algo frequente. Como explicitamos anteriormente, a queda de um chan insere outros *imageboards* na dinâmica do drama social. Como reforçou o interlocutor da pesquisa, confirmado pelos dados da pesquisa, *anões* vão até outros chans para buscar compreender o que veio a ocorrer com o chan que eles utilizavam primariamente.

Essa situação de contato entre os chans fruto do aumento do drama social mobilizou, ao mesmo tempo, uma ação corretiva. Este é o momento em que se opera mecanismos de ajuste, formais ou não, que visam conter a escalada da crise (Turner, 2008). Por se tratar um sistema antiestrutural, esse papel cabia aos próprios *anões* e não a figuras institucionais, como os administradores.

Existem algumas formas com as quais os *anões* buscam corrigir o curso da crise. Uma das maneiras pelas quais esse mecanismo corretivo é aplicado é pelo levantamento de categorias que buscam compreender os *anões* com que se entra em contato - isto é, o “Outro”. Em ambos os dramas observados, havia surgimento de tensões, em razão do comportamento diferente que a base de usuários dos chans possuíam. Nesse contato *interchans* compreendemos que se trata de uma forma de etnocentrismo dentro dos próprios *imageboards*. *Anões* de um chan não conseguem compreender o Outro, o qual é destinado a categorias como do “exótico”, “diferente”, “errado” ou mesmo “não-humano” - no nosso caso, “não-anão” - por possuírem práticas e costumes diferentes.

Retornando ao “Manifesto contra o mundo moderno” (Imagem 28), ainda na dinâmica *interchans*, o *anão* no 84chan repudia práticas de *anões* do VHSChan, visto que iria contra a filosofia do chan de anonimato. Uma das respostas apoia do OP, que além de utilizar categorias próximas às citadas no capítulo anterior e promover discurso de ódio, considera os usuários do VHSChan são “a maior escória da internet brasileira (e talvez do mundo) está lá, por isso eu espero que eles não venham pra cá e nem para chan nenhum, eu queria mesmo é que todos morressem”.

Uma das postagens durante o processo de queda do 1500chan (Imagem 28) questiona justamente a base de usuários do VHSChan. Segundo o *anão*, o *fita* possuía uma interface extremamente agradável, mas a pior base de usuários.

Imagem 28 - Chan com pior userbase



Fonte: Coleta própria

Esses relatos apontam também para uma importante consideração, que é o não isolamento de *anões* em um único *imageboard*. Há uma relação complexa na forma como lealdade e fidelidade, aspectos centrais aos dramas sociais, ocorrem nos fóruns anônimos. Por um lado, processos de estranhamento entre *anões* ocorrem devido a diferentes comportamentos que seus fóruns permitem. Por outro, há constantemente um movimento e deslocamento entre os *chans*. O “Manifesto Contra o Mundo Moderno” só foi possível de ter sido escrito visto que o *anão* visitou, ou recebeu, a informação, de que VHSChan iria ser desligado. No capítulo anterior, citamos debate sobre “Cucu” e “Pintinho”, usuários do VHSChan e suposta prática de avatarfag no 1500chan.

Já no campo das dinâmicas intrachan, um mecanismo corretivo utilizado para tentar sanar a crise é o debate para onde os *anões* migrantes vão, dialogando com tal aspecto de não isolamento dos chans. A tentativa de realização de uma historiografia dos chans no primeiro capítulo indica que esse processo é recorrente em processos de queda. Não sabemos exatamente como se sucedeu o processo de encerramento do 55ch, mas os relatos indicam que houve uma ampla rejeição do fórum sugerido para ser utilizado como substituto, o Favelachan. Como oposição, os *anões* nessa época escolheram migrar para o 1500chan.

Similarmente, esse debate ocorreu durante a queda do VHSChan. Durante o anúncio da pausa do *fita*, o administrador sugeriu com que os *anões* utilizassem IRC. Como relatamos anteriormente, houve um debate sobre se a ida para um sistema de chat era algo bom ou não. Dentre os pontos negativos estava o distanciamento de um sistema de *imageboard*, já que um chat no estilo do IRC leva a quebra de uma comunicação baseada no anonimato na interface.

Diversas opções surgiram como possibilidade de migração, dentre elas o 84chan e o ptchan. Para que essas opções fossem sugeridas, há a necessidade de um conhecimento prévio da existência desses espaços. Todas essas foram consideradas enquanto alternativas, assim como o 1500chan e o 4chan, sendo o primeiro rejeitado por alguns usuários, justamente por ser extremamente diferente no tipo de costumes.

Durante esse momento de ação corretiva, Turner fornece a orientação para quem estuda mudanças sociais de que:

[...] examine cuidadosamente o que acontece na fase três, a suposta fase corretiva dos dramas sociais, e pergunte se a máquina corretiva é capaz de lidar com crises de modo a restaurar relativamente, o *status quo ante*, ou ao menos restaurar a paz entre os grupos contendores. Caso ela seja capaz, pergunta o quão precisamente? E, se não, por quê não? (Turner, 2008, p.36)

Tentando responder os indagamentos de Turner, existem diversas limitações que tal sistema antiestrutural em questão possui na ação corretiva desse caso. Primeiro, por ser um ambiente antinorma, a orientação do administrador na utilização do IRC foi mal recebida na publicação, demonstrando uma fraqueza do seu “poder institucional” na correção dessa crise. Como já esperado, o “todo”, isto é, os usuários, têm mais força nas decisões e na orientação de como executar essa correção.

Retornando ao caso do VHSChan, nos momentos iniciais, as postagens indicam que a ação corretiva dos *anões* em migrar para o 84chan era perceptível neste último. Nele, um *anão*, possivelmente migrante do *fita*, perguntava aos outros *anões* sobre o que estavam achando na nova estadia. No *fio*, ele criticava a moderação forte, que estava banindo usuários por motivos que ele considera arbitrário.

Há, contudo, uma dificuldade que merece ser endereçada na avaliação da ação reparadora. Considerando a migração como uma forma de reparação e solucionamento da crise, não se tem uma forma mensurável de avaliar sua eficácia em longo prazo. A ausência de sinais de identidade e *status* nos chans faz com que não sejamos capazes de identificar de um *anão* veio de um fórum que caiu - a menos que ele indique em sua publicação. Nesses casos de migração, o *anão* normalmente não fica reforçando seu chan de origem e interage com os outros *anões* como se já fosse usuário do *imageboard* que ele é imigrante.

No final do drama social, Turner orienta aos pesquisadores a compreender se houve um cisma ou reintegração. Novamente, o aspecto do anonimato nos leva a uma dificuldade de compreensão se no caso do 1500chan houve de fato uma reintegração dos *anões* que se encontravam fora do espaço. No mesmo dia da publicação, *anões* indicavam que o 1500chan não havia caído, mas sim que uma *máscara de ferro* havia sido inserida para impedir a

entrada de jornalistas. O site Wikinet (s.d)⁶⁸, pouco tempo depois da inserção da *máscara*, já ensinava aos usuários como burlar a barreira e acessar o chan. Nos dias seguintes do VHSChan, as postagens indagando sobre a queda do 1500chan haviam diminuído e uma semana depois já eram nulas. Enquanto hipótese, entendemos que, conforme a informação da *máscara de ferro* foi sendo difundida, houve uma reintegração dos *anões* ao 1500chan.

A *máscara de ferro*, neste caso, pode ser compreendida como uma *sacra* - elementos do sagrado, como máscaras, adornos, estatuetas, presentes em ambientes rituais, no caso de Turner, nos ritos de passagem. Apresentado por Turner (2005) em *Floresta de Símbolos*, o autor problematiza essa categoria apontando três elementos: desproporção, monstruosidade e mistério. No que concerne ao primeiro elemento, Turner analisa sua própria experiência entre os Ndembu e a impressão que teve ao observar *sacra* extremamente desproporcionais em tamanho, sendo ou muito grandes ou muito pequenos. Esse exagero, produz *sacra* próximo da monstruosidade e do grotesco. Na visão do autor, isso sinaliza para os ritos de passagem que:

A partir desse ponto de vista, muito do caráter grotesco e da monstruosidade dos *sacra* liminares pode considerar-se como visando não tanto aterrorizar ou convencer os neófitos à submissão e tirá-los do seu juízo, mas com o intuito de torná-los rápida e vividamente cômicos do que pode ser chamado os ‘fatores’ de sua cultura. [...] Os monstros provocam o espanto dos neófitos, fazendo-os pensar em objetos, pessoas, relações e traços característicos do seu ambiente com que até aqui eles haviam contado. (Turner, 2005, p. 150-151)

Por último, mas não menos importante, o mistério é um elemento central dos *sacra*. Segundo Turner, eles são mistérios últimos, ou seja, neófitos ao estarem à frente desses elementos rituais estão de frente a coisas que dentro da cultura são “formas estabelecidas desde do início das coisas” (Turner, 2005, p.154).

Trazendo esse insight para o nosso trabalho, a *máscara de ferro* inserida pelo administrador do 1500chan consegue evocar esses três elementos. Ao adentrar ao 1500chan, estamos nos deparando com uma interface gráfica que traz aspectos de ideogramas coreanos, além de um código de erro 404, que criam para quem acessa um repúdio pela sua estranheza, tanto na língua como na forma como a página é transmitida para o usuário - uma página de erro. São elementos que evocam, simultaneamente, a desproporcionalidade para o contexto e o grotesco. No primeiro, em relação ao uso de uma linguagem coreana, de difícil compreensão para a grande maioria da população brasileira, que leva ao choque por ser justamente diferente (monstro).

⁶⁸ Página do 1500chan

Imagem 29 - Ultrapassando a máscara de ferro



조선컴퓨터중심 호스팅

찾을 수 없음 오류 코드:404

요청한 페이지를 찾을 수 없습니다.

아래 양식을 사용하여 사이트 소유자에게 문의하거나 페이지를 다시 로드해 보십시오.

이메일: 1

이름: 2 전송

메시지:

Captcha: $7(2x - 3) - 4(x + 5) = 8(x - 1) + 3$

3

4 ENTER

Fonte: Wikinet (s.d)

Ainda na sua monstruosidade, como levantado por Turner, a *máscara de ferro* faz surgir nos *anões* um processo reflexivo do próprio espaço que eles habitavam. Isso é intensificado com a dinâmica migratória e o contato com outros chans. Ao esbarrar com a *máscara*, relações e situações que eram consideradas como dadas, agora não são mais possíveis. De certa forma, remete-se também aos estudos de infraestrutura, na qual a “quebra” da infraestrutura - como energia - torna aparente a materialidade de coisas que consideramos como certa no dia-a-dia (Star, 2021; Larkin, 2021).

No que diz respeito ao seu mistério, a relação é um pouco diferente. Nesse caso, o mistério pode ser identificado sobretudo pelos novos visitantes dos 1500chan. Para esses, a *máscara* surge como elemento misterioso, no qual sua origem é incerta e desconhecida, algo que poderia estar no ambiente desde sempre. Para os *anões* que não têm conhecimento do mecanismo, mantém-se a incerteza da origem, contudo, por serem membros mais antigos do espaço, tem-se a ciência de que se trata de um mecanismo novo e que não era algo que está desde sempre no chan.

No drama social da queda do VHSChan, o anonimato também coloca uma camada de dificuldade no entendimento da resolução do drama. No *fita*, a situação impôs aos *anões* um cisma definitivo, já que o chan foi desativado e eles precisaram buscar um novo fórum para

interagirem. Contudo, o aspecto anônimo dificulta ou mesmo impossibilita com que possamos identificar para qual fórum os *anões* migrantes criaram um novo refúgio, se foi de fato no 84chan ou se eles se direcionaram para outro *imageboard*.

No momento da reintegração ou de cisma, Turner afirma que:

Pode-se descobrir que oposições tornaram-se alianças, e vice-versa. Relações assimétricas podem ter-se tornado igualitárias. *Status* elevado pode ter-se tornado *status* baixo, e vice-versa. O novo poder terá sido canalizado para o antigo, e novas e antigas autoridades defenestradas. (Turner, 2008, p,37)

Precisamos destacar aqui as limitações que a pesquisa possui, pelo próprio escopo dela - em duração e campo - para identificar essas alterações de poder e relações. No que concerne aos problemas do campo, como buscamos destacar, o aspecto anônimo dificulta saber como alianças foram (re)feitas no curso dos dramas sociais estudados.

A esse aspecto, acrescentamos a própria limitação de cronograma de uma dissertação do mestrado, assim como de tempo disponível de pesquisa. Metodologicamente, para ser capaz de tentar observar esse tipo de dinâmica, sem garantia de sucesso, seria necessário uma observação da queda em múltiplos *imageboard*, ao mesmo tempo. Para observar esse tipo de alteração, precisaríamos de um tempo mais longo no campo, além de mais tempo disponível para pesquisa - o que era inviável, considerando as condições nas quais essa dissertação foi construída.

Entretanto, sinalizar esses entraves não significa a inadequação teórica da categoria de drama social para o fenômeno de queda de *chans*. Retornando aos dados históricos com os quais buscamos construir a história dos *imageboards* no Brasil, reconfigurações de influência são observadas constantemente a cada momento que o principal chan cai. No momento em que o 55chan cai, o BRChan assume o posto de *imageboard* principal no Brasil. Já quando o 55ch ficou fora do ar, e houve a tentativa do Favelachan ser seu substituto, a ação corretiva dos administradores não surtiu efeito. O 1500chan foi escolhido pelos *anões* como *imageboard* a ser utilizado enquanto principal, levando ao final de um drama social. Por conseguinte, relações de influência e poder - aqui, o principal chan em atividade no Brasil - foi alterada, conforme o drama social chegou ao fim. Esses dados históricos apontam para reconfigurações que ocorrem no final do drama, sobretudo em casos de cisma - queda definitiva de *chans*. O 55ch caiu, para que o 1500chan pudesse ascender. No futuro, outro poderá tomar o espaço do *caravela* quando um drama social se instalar e causar o cisma do *imageboard*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou identificar ao longo da pesquisa de campo quais as características da sociabilidade que emergem nas relações internas dos chans (intran) e entre os diferentes chans (interchan). Tratou-se de um esforço de compreender os chans por meio de um ponto de vista antropológico, visto que os empreendimentos hoje estão próximos da comunicação social (Fontanella, 2010; Vilaça, Andréa, 2010), psicologia (Lima-Santos, Santos, 2022) e linguagens (Meira, 2021). Nessas palavras de considerações finais aproveitarei o espaço para reflexões sobre o processo da dissertação, mais pessoais e em retrospectiva, que não caberiam inteiramente bem na introdução metodológica e retornar os principais pontos apresentados do trabalho.

Aqui a palavra esforço ganha o mesmo significado de árduo, assim como de empreendimento. Penso que nenhum trabalho etnográfico seja de fácil realização. Cada um tem sua particularidade e desafios que precisam ser endereçados para que seja possível alcançar o resultado final desejado e aqui não foi diferente. Diversas vezes me questioneei a razão da pesquisa existir, se estava fazendo ela corretamente, o que cogitou por várias vezes a desistência do processo de pesquisa. Não obstante às adversidades, chegamos ao final.

No decorrer da pesquisa e da escrita da dissertação algo me marcou fortemente. Um comentário realizado na minha qualificação foi que meu trabalho fosse algo próximo das etnografias clássicas. Óbvio que não se tratava de escrever uma dissertação tão impactante como as monografias de Malinowski, Evans-Pritchard e tantos outros autores importantes para o campo, mas sim, na necessidade de destrinchar ao nível mais basilar dinâmicas, termos, interações, interfaces tão ocultas para grande parte da população e leitores pudesse ter o mínimo acesso a essa complexidade.

Hoje, em retrospectiva, penso que até o objetivo de pesquisa se desenhava para oferecer esse tipo de orientação. Na primeira versão do projeto de pesquisa que foi defendido na qualificação, estava buscando como o processo de construção de fronteira se dava na interação entre diferentes chans, muito a partir da experiência da queda do 1500chan. Entretanto, senti bastante dificuldade para desenvolver esse objetivo, algo que desmotivou o processo de pesquisa. Entre as razões estavam a falta de um conhecimento aprofundado no tema, mas sobretudo uma falta de compreensão sobre como categorizar essas dinâmicas que

ocorriam nesses espaços⁶⁹. Por isso, busquei reformular o objetivo e estratégia do trabalho de campo para esse fim, ou seja, busquei inicialmente categorizar as sociabilidades de forma macro (capítulo 2), para, em seguida, me delimitar a aspectos e fenômenos mais específicos, como os dramas sociais (capítulo 3). Isso, no entanto, não significa que o tema de fronteiras inicialmente proposto tenha desaparecido do trabalho, mas se encontra presente em pequenos fragmentos ao longo da dissertação, como por exemplo, quando os *anões* mobilizam categorias para diferenciação interna, fato apresentado no segundo capítulo, ou mesmo nos dramas sociais apresentados no terceiro capítulo, todas essas práticas envolvem a construção de fronteiras entre grupos.

Essa busca por uma categorização macro permeia a própria estrutura da dissertação. Ao longo do segundo capítulo buscamos oferecer, antes de tudo, uma visão história dos *imageboards* apresentando suas origens técnicas na computação, a introdução dos primeiros fóruns no Japão, ainda enquanto *bulletin board systems*, até chegarem os *textboards* e os *imageboards*, tanto no Japão, como nos Estados Unidos e Brasil. A partir dessa historização dos chans, partimos para, enfim, o objetivo da pesquisa que foi categorizar as sociabilidades.

Neste trabalho, além de tentar categorizar as sociabilidades, que se configurou como um objetivo central, de forma talvez inconsciente, eu talvez tenha me proposto a um objetivo a mais: de tentar desestigmatizar os *imageboards*. Isso me faz retornar ao debate introduzido no trabalho sobre pesquisa de grupos adversos, mas de alguma forma às próprias bases da antropologia.

Minha experiência nesse campo e com esse grupo não me colocava em um nível de alteridade absoluta (Pasioka, 2019), como a maioria das pessoas. Quando respondia “por que não pesquisar?” não era apenas uma indagação enquanto pesquisador, mas também enquanto pessoa que, mesmo não estando em chans durante minha vida, consumia e ainda consome os conteúdos que saem desse espaço. Como reforcei no início, e enfatizo novamente aqui: os memes, piadas, formas de comunicação escrita e visual que não se configuravam enquanto discursos de ódio, ao meu gosto humorístico, eram engraçados. Ademais, por estar presente durante muitos anos em fóruns e jogos, nos quais esse tipo de discursos eram compartilhados, seria impossível isso não impactar minha sensibilidade e gostos. Por isso, quando entro para campo, entro com toda essa bagagem que foi construída durante 26 anos da minha vida. Se tem algo em que essa pesquisa tenha me impactado foi mostrar a riqueza e complexidade das

⁶⁹ Quando realizei meu TCC sobre bolsonarismo e memes, também se tratou de um campo novo, o qual eu não possuía uma bagagem teórica. Entretanto, tive grande apoio em trabalhos prévios na área, os quais ofereciam categorizações de interações e dinâmicas, de um ponto de vista antropológico.

relações existentes nos chans. Para além dos discursos de ódio, impactou ver a quantidade de pessoas buscando ajuda sobre seus problemas, anseios e dúvidas que, no final, parecem apontar para uma busca de uma comunidade.

Essa busca por uma comunidade é materializada, por exemplo, na a própria construção de um acervo histórico pelos usuários. Como relatamos no segundo capítulo, a estigmatização dificulta com que a história desses espaços seja registrada de formas mais tradicionais, como livros e artigos. Como reação, a própria comunidade dos *imageboards* que realizam esse esforço de contar a história dos chans, que é tão efêmera. Por essa razão, senti uma necessidade de registrar e utilizar essas fontes historiográficas, pois além de serem um dos poucos materiais no campo, foi uma forma de ouvir e dar visibilidade a essas trajetórias construídas comunitariamente (Yotsuba Society, 2011b; Anonymous, 2015; History of Ayashii World, s.d).

Como citado anteriormente, esse esforço de desestigmatização me levou de alguma forma para as bases da antropologia e novamente sentia que estava retornando ao conselho do diálogo com meu trabalho com as etnografias clássicas. Durante a escrita, lembrava-me de uma citação de algum autor clássico falando do esforço que a antropologia realizava ao estudar grupos nativos envolvendo expor essas relações complexas, que estavam ocultadas por preconceitos. Populações indígenas de locais colonizados eram considerados selvagens e sem nenhum tipo de organização social coerente aos olhos etnocêntricos da Europa. Os trabalhos etnográficos foram de encontro a essa visão, oferecendo luz a dinâmicas sociais altamente complexas que eram ocultadas pelo olhar colonial preconceituoso. Essa citação havia sido feita por Malinowski, no qual ele afirma:

A ciência moderna, porém, nos mostra que as sociedades nativas têm uma organização bem definida, são governadas por leis, autoridade e ordem em suas relações públicas e particulares, e que estão, além de tudo, sob o controle de laços extremamente complexos de raça e parentesco. De fato, podemos constatar nas sociedades nativas a existência de um entrelaçado de deveres, funções e privilégios intimamente associados a uma organização tribal, comunitária e familiar bastante complexa. (Malinowski, 1978, p.23)

Esse trecho clássico nos mostra que nós, enquanto pessoas praticantes da antropologia, estamos no *front* na luta pela quebra de estigmatização de grupos os quais por muitos são considerados abjetos. Aqui cabe ter uma visão mais ampla sobre quais grupos são esses, que podem ser desde populações indígenas, mas também grupos adversos, como os chans. O que Malinowski propõe com essa fala é para irmos além do senso comum e buscar no trabalho

científico antropológico compreender os grupos com os quais se trabalha por meio de suas próprias categorias e relações.

O que essa pesquisa mostrou é que, além dos já conhecidos discursos de ódio comumente propagados, identificamos uma complexa forma de organização que baseia a interação dos chans. No segundo capítulo do trabalho demonstramos como os *imageboards* se pautam por uma lógica interna próxima da antiestrutural, utilizando como base os trabalhos de Victor Turner (1974). Apresentamos também de que forma aspectos como a ausência de marcador social, associação com elementos de impureza (Douglas, 2003), utilização de linguagem específica e marginalização - sendo ela real ou fabricada nas interações - são apresentadas no caso dos chans. Essa base antiestrutural que caracteriza os chans foi o que possibilitou analisar as *affordances* que surgiram a partir da interação entre usuários e interface dos *imageboards*, no qual identificamos o *larp* e o *avatarfag*.

Ademais, apresentamos no terceiro capítulo como por meio de uma dinâmica antiestrutural chans se organizam em casos de dramas sociais. Estes foram identificados em casos de queda dos fóruns e apresentaram, por meio de uma configuração diferente, os estágios apresentados por Turner (1996). Esses dramas, por serem performados em espaços antiestruturais, não seguem de forma linear ou mesmo coerente como os apresentados por Turner. Aqui, por sua vez, demonstramos como eles, a partir do estágio de ruptura, acabam ocorrendo todos ao mesmo tempo, sem uma ordem muito bem definida, impactando não só as dinâmicas internas dos chans mas também demonstrando as sociabilidades entre chans diferentes.

Portanto, este trabalho buscou apresentar aos leitores de que forma os *imageboards* pesquisados se configuram na sua forma de sociabilidade interna e entre diferentes chans. Para além do senso comum, que identifica esse local como um campo unicamente construído por relações de ódio, apresentamos por meio de um pequeno fragmento como os chans são um rico espaço para identificação e estudos sobre interações sociais, regras, práticas de lealdade, conflito e vários outros tópicos caros para a antropologia enquanto campo de estudo.

REFERÊNCIAS

- Anonymous. 4chan summary. **Are.na**, 2015. Disponível em <<https://www.are.na/block/7889225>>. Acesso em: 18/12/2023.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P; STREIFF-FENART, Jocelyne (org.). **Teorias da Etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth**. São Paulo: Editora UNESP, 1997. p. 185-228
- BBC. What is 8chan. **BBC**, 2019. Disponível em <<https://www.bbc.com/news/blogs-trending-49233767>>. Acesso em: 04/01/2024.
- BERNSTEIN, Michael et al. 4chan and/b: An Analysis of Anonymity and Ephemerality in a Large Online Community. In: **Proceedings of the international AAAI conference on web and social media**. 2011. p. 50-57.
- BLEE, Kathleen M. Ethnographies of the far right. **Journal of contemporary ethnography**, v. 36, n. 2, p. 119-128, 2007.
- BLUETHREE. An irreverent guide to the many boards of Futaba Channel, s.d. Disponível em <<http://www.bluethree.us/futaba/>>. Acesso em: 28/12/2022
- BOTÃO, Ana Cláudia Rodrigues; SOUZA, Juan Alejandro Tasso; RIBEIRO, Marislei da Silveira. O Massacre de Suzano e a Cobertura Jornalística Nacional: uma Análise Baseada na Teoria da Espiral do Silêncio. In: **Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul-Porto Alegre-RS-20 a**. 2019.
- CANNITO, Maddalena et al. Doing masculinities online: defining and studying the manosphere. **AG About Gender-Rivista internazionale di studi di genere**, v. 10, n. 19, p. 1-34, 2021.
- BUCHER, Taina et al. The affordances of social media platforms. **The SAGE handbook of social media**, v. 1, p. 233-253, 2018.
- BURLAMAQUI, Leonardo; DONG, Andy. The use and misuse of the concept of affordance. **Design computing and cognition'14**, p. 295-311, 2015.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, Autêntica, 2001, p. 151 – 172.
- _____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.
- BYTE. Grupo chamado de “anões” usa o 55chan para atacar mulheres e travestis no Twitch. **Terra**, 2017. Disponível em <<https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/canaltech/grupo-chamado-de-anoes-usa-o-55ch>>

[an-para-atacar-mulheres-e-travestis-no-twitch_1ea7ff806c79caf6b09c53c41205bc9c1804fzyg.html](#) >. Acesso em 06/01/2024

CAMPOS, Ricardo. Entre as luzes e as sombras da cidade: visibilidade e invisibilidade no graffiti. **Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 13, n. 1), p. 145-170, 2009.

DE CASTRO CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros. Drama social: notas sobre um tema de Victor Turner. **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, v. 16, n. 16, p. 127-137, 2007.

CAUTERUCCI, CHRISTINA. Incel Memes Aren't a Joke: How playful propaganda can mask a dangerous and toxic culture. **Slate**, 2018. Disponível em: <<https://slate.com/human-interest/2018/07/incelel-memes-like-millimeters-of-bone-and-virgin-vs-chad-mask-a-dangerous-and-toxic-culture.html>>. Acesso em: 15/01/2023

CARDOSO, Carlos. BBS - Como foi viver a era das grandes navegações. **MeioBit**. Disponível em <<https://meiobit.com/457991/bbs-como-foi-viver-a-era-das-grandes-navegacoes/>>. Acesso: 20/12/2023

CESARINO, Leticia. Identidade e representação no bolsonarismo. **Revista de Antropologia**, v. 62, n. 3, p. 530-557, 2019.

_____. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & sociedade**, v.1, n.1, 91-120, 2020.

_____. Pós-verdade e a crise do sistema de peritos: uma explicação cibernética. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 23, n. 1, p. 73-96, 2021.

_____. **O mundo do avesso: Verdade e política na era digital**. Ubu Editora, 2022.

CESARINO, Leticia; WALZ, Silvia; BALISTIERI, Tatiana. Etnografia na ou da internet? Desafios epistemológicos e éticos do método etnográfico na era da plataformação. **Metodologia e Relações Internacionais. Debates Contemporâneos**, p. 17-46, 2023.

CHEMERO, Anthony. An outline of a theory of affordances. In: **How Shall Affordances Be Refined?**. Routledge, 2018. p. 181-195.

CHRISTENSEN, Ward; SUESS, Randy. Hobbyist computerized bulletin board. **Byte Magazine**, v. 3, n. 11, p. 150-158, 1978.

CICALESE, Louis J.V. Biography of Hiroyuki Nishimura: The Father of 2channel. **256Kilobytes**, 2019. Disponível em <<https://web.archive.org/web/20190327115519/https://www.256kilobytes.com/content/show/4438/biography-of-hiroyuki-nishimura-the-father-of-2channel>> Acesso em: 19/12/2023.

CONGRESSO EM FOCO. Repórter é ameaçado de morte após revelar esquema de fake news pró Bolsonaro. **Congresso em Foco**, 2022. Disponível em <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/reporter-e-ameacado-de-morte-apos-revelar-esquema-de-fake-news-pro-bolsonaro/>>. Acesso em: 01/02/2024

COSTA, Elisabetta. Affordances-in-practice: An ethnographic critique of social media logic and context collapse. **New media & society**, v. 20, n. 10, p. 3641-3656, 2018.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. **O que faz o Brasil, Brasil**, 1997.

_____. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. **Mana**, v. 6, p. 7-29, 2000.

DECLERCQ, Marie. Nos chans, se celebra o massacre na escola de Suzano. **Vice**, 2019. Disponível em <<https://www.vice.com/pt/article/qvya87/nos-chans-ja-se-celebra-o-massacre-na-escola-de-suzano>>. Acesso em: 08/01/2024

DELANEY, Katya. Chanthropology: The Japanese Origins of Imageboard Culture. **Medium**, 2018. Disponível em <<https://medium.com/praytelligence/chanthropology-the-japanese-origins-of-imageboard-culture-60ffb3f5ff15>>. Acesso em: 18/12/2023

DEWEY, Caitlin. The only guide to Gamergate you will ever need to read. **The Washington Post**, 2014. Disponível em <<https://courses.cs.duke.edu/spring20/compsci342/netid/readings/wapo-gamergate.pdf>> Acesso em 28/12/2023

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. **Os anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na internet**. 2007. 329p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1605300>. Acesso em: 28 fev. 2024.

DIBBELL, Julian. Radical Opacity. **MIT Technology Review**, 2010. Disponível em <<https://www.technologyreview.com/2010/08/23/200890/radical-opacity/>>. Acesso em: 02/01/2023

DOUGLAS, Mary. **Purity and danger: An analysis of concepts of pollution and taboo**. Routledge, 2003.

DRISCOLL, Kevin. The Internet Origin Story You Know is Wrong. **Wired**, 2022. Disponível em <<https://www.wired.com/story/internet-origin-story-bbs/>>. Acesso em: 16/12/2023

ESTADÃO. Feio; sujo e surreal. **Estadão**, 2016. Disponível em <<https://www.estadao.com.br/link/feio-sujo-e-surreal/>>. Acesso em: 27/12/2023

_____. Criei o 4chan aos 15 anos. **Estadão** 2016. Disponível em <<https://www.estadao.com.br/link/criei-o-4chan-aos-15-anos/>>. Acesso em: 27/12/2023.

FONTANELLA, F. Nós somos Anonymous: anonimato, trolls e a subcultura dos imageboards. **Anais Intercom**. 2010.

FURUKAWA, Hideki. Q&A With the Founder of Channel 2. **Japan Media Review**, 2003. Disponível em

<<https://web.archive.org/web/20060213121243/https://www.ojr.org/japan/internet/1061505583.php>>. Acesso em: 19/12/2023.

G1. Fórum onde nascem memes, 4chan completa 10 anos. **G1**, 2013. Disponível em <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/10/forum-onde-nascem-memes-4chan-completa-10-anos.html>>. Acesso em: 28/12/2023

GELL, Alfred. **Arte e agência**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

GIBSON, James J. **The Ecological Approach to Visual Perception** Psychology Press. New York NY USA, 1986.

GING, D. Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere. **Men and Masculinities**, v. 22, n. 4, p. 638–657, 1 out. 2019.

GUILHERME, Paulo. OS-tan: como as empresas tornaram suas tecnologias personagens de anime. **Tecmundo**, 2015. Disponível em <<https://www.tecmundo.com.br/microsoft/83461-tan-empresas-tornaram-tecnologias-personagens-anime.htm>>. Acesso em: 29/12/2022

HINE, Christine. Virtual ethnography: Modes, varieties, affordances. **The SAGE handbook of online research methods**, p. 257-270, 2008.

HIRAGANA TIMES. Expressions for Laughter. **Hiragana Times**, 2022. Disponível em <<https://hiraganatimes.com/web/categories/2/articles/713>>. Acesso em 26/12/2023.

HISTORY of Ayashii World. **History of Ayashii World**, s.d. Disponível em <<https://randomcrapmuseum.neocities.org/exhibits/ayashii/fansite/history>> Acesso em: 17/12/2023

IARSON, Selena. 4chan's Christopher Poole: I Was a Teenage Coder - and Then I Stopped. **Readwrite**, 2018. Disponível em <<https://readwrite.com/4chan-moot-christopher-pool-qa/>>. Acesso em: 28/12/2023.

IGREJA, Rebecca Lemos; NEGRI, Camilo. As ciências sociais brasileiras frente à ascensão da extrema-direita: uma reflexão urgente e necessária. **Plural. Antropologías desde América Latina y del Caribe**, n. 6, 2020.

JOHNSTON, Casey. How 4chan manufactured the #GamerGate controversy. **Wired**, 2014. Disponível em <<https://www.wired.co.uk/article/gamergate-chat-logs>>. Acesso em 04/01/2024.

JUNIOR, João Gomes. O pajubá como tecnologia linguística na constituição de identidades e resistências de travestis. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 14, n. 43, p. 300-314, 2021.

KATAYAMA, Lisa. 2-Channel Gives Japan's Famously Quiet People a Mighty Voice. **Wired**, 2007. Disponível em <<https://www.wired.com/2007/04/2-channel-gives-japans-famously-quiet-people-a-mighty-voice/>>. Acesso em: 27/12/2022

KIMMEL, Michael S. Men's responses to feminism at the turn of the century. **Gender & Society**, v. 1, n. 3, p. 261-283, 1987.

_____. Meet Hiroyuki Nishimura, the Bad Boy of the Japanese Internet. **Wired**, 2008. Disponível em <<https://www.wired.com/2008/05/mf-hiroyuki/>>. Acesso em: 19/12/2023.

KNOW Your Meme. PedoBear. **Know Your Meme**, 2009. Disponível em <<https://knowyourmeme.com/memes/pedobear>>. Acesso em: 29/12/2023;

_____. Chanspeak. **Know You Meme**, 2010. Disponível em <<https://knowyourmeme.com/memes/lolspeak-chanspeak>>. Acesso em: 15/01/2024

LARKIN, Brian. Políticas e poéticas da infraestrutura. **Revista Antropológicas**, v. 31, n. 2, 2020.

LEMOS, Vinícius. ‘Um ídolo para eles’: investigação sobre neonazistas revela admiração a autor de massacre em Suzano. **BBC News Brasil**, 2021. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59733205>>. Acesso em: 25/01/2024

LIMA-SANTOS, A. V. DE S.; SANTOS, M. A. DOS. Incels e Misoginia On-line em Tempos de Cultura Digital. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 22, n. 3, p. 1081–1102, 30 set. 2022.

LIN, Jie Liang: Antifeminism Online. MGTOW (Men Going Their Own Way). In: Urte Undine Frömming, Steffen Köhn, Samantha Fox u.a. (Hg.): **Digital Environments. Ethnographic Perspectives across Global Online and Offline Spaces**. Bielefeld: transcript 2017, S. 77–96. DOI: <https://doi.org/10.25969/mediarep/2891>

LING, Chen et al. A first look at zoombombing. In: **2021 IEEE symposium on security and privacy (SP)**. IEEE, 2021. p. 1452-1467.

LORENZ, Taylor; ALBA, Davey. “Zoombombing” Becomes a Dangerous Organized Effort. **The New York Times**, 2020. Disponível em <<https://www.nytimes.com/2020/04/03/technology/zoom-harassment-abuse-racism-fbi-warning.html>>. Acesso em: 05/01/2024

MACIEL, Lucas Pivetta; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Anões, chads e nazipardos: as estratégias de nomeação e predicação no discurso da direita-alternativa no Brasil. **Texto Livre**, v. 17, p. e46380, 2024.

MARCUS, George E. Ethnography in/of the world system: The emergence of multi-sited ethnography. **Annual review of anthropology**, v. 24, n. 1, p. 95-117, 1995.

MARWICK, A. E.; CAPLAN, R. Drinking male tears: language, the manosphere, and networked harassment. **Feminist Media Studies**, v. 18, n. 4, p. 543–559, 4 jul. 2018.

MASLOW, Sebastian. Nationalism 2.0 in Japan (<http://www.2ch.net/>). **Asian Politics & Policy**, v. 3, n. 2, p. 307-311, 2011.

MATSUTANI, Minoru. 2channel’s success rests on anonymity. **Japan Times**, 2010. Disponível em

<<https://web.archive.org/web/20100409055032/http://search.japantimes.co.jp/cgi-bin/nn20100406i1.html>>. Acesso em: 21/12/2023.

MEIRA, L. A. A. **Infiltrado no Chan: economia e linguagem do ódio**. Dissertação (Mestrado em Linguagens, Mídia e Arte). Faculdade de Linguagem e Comunicação, PUC Campinas, Campinas, 100p, 2021.

MEIRELES, Mauricio. O que é vaporwave, a estética criada na música eletrônica e apropriada pela nova direita. **Folha de São Paulo**, 2019. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/06/o-que-e-vaporwave-a-estetica-criada-na-musica-eletronica-e-apropriada-pela-nova-direita.shtml>>. Acesso em: 05/02/2024

MESSNER, Michael A. Forks in the road of men's gender politics: men's rights vs feminist allies. **International Journal for Crime, Justice and Social Democracy**, v. 5, n. 2, p. 6-20, 2016.

MILLER, Daniel. The fame of Trinis: websites as traps. **Journal of material culture**, v. 5, n. 1, p. 5-24, 2000.

MIZRAHI, Mylene. A agência de Alfred Gell.: exúvias e efeitos no mundo das artes. **PROA: Revista de Antropologia e Arte**, v. 1, n. 9, p. 314-322, 2019.

MORI, Letícia; LEMOS, Vinícius. A idolatria a autores de ataques a escolas que circula livremente em redes sociais. **G1**, 2023. Disponível em <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/04/06/a-idolatria-a-autores-de-ataques-a-escolas-que-circula-livremente-em-redes-sociais.ghtml>>. Acesso em: 26/01/2024

MORTENSEN, Torill Elvira. Anger, fear, and games: The long event of# GamerGate. **Games and Culture**, v. 13, n. 8, p. 787-806, 2018.

MOSCHOVITIS, Christos J.; POOLE, Hilary; SENFT, Theresa M. **History of the Internet: A Chronology, 1843 to the Present**. AB C-CLIO, Incorporated, 1999.

NAGLE, A. **Kill all normies: the online culture wars from Tumblr and 4chan to the alt-right and Trump**. Winchester, UK ; Washington, USA: Zero Books, 2017.

NAGESH, A. 'O momento em que perdi a pessoa que mais amava para o QAnon'. **BBC Brasil**, 2021. Disponível em < <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58610899> >. Acesso em: 03/02/2023

NEIVA, Lucas. Fórum anônimo organiza tática para produção de fake news pró-Bolsonaro. **Congresso em Foco**, 2022. Disponível em < <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/forum-anonimo-organiza-tatica-para-producao-de-fake-news-pro-bolsonaro/> >. Acesso em: 09/01/2023

NISSENBAUM, Asaf; SHIFMAN, Limor. Internet memes as contested cultural capital: The case of 4chan's/b/board. **New media & society**, v. 19, n. 4, p. 483-501, 2017.

NORMAN, Don. **The design of everyday things: Revised and expanded edition**. Basic books, 2013.

OHLHEISER, Abby. 'We actually elected a meme as president': How 4chan celebrated Trump's victory. **The Washington Post**, 2016. Disponível em: <

<https://www.washingtonpost.com/news/the-intersect/wp/2016/11/09/we-actually-elected-a-me-me-as-president-how-4chan-celebrated-trumps-victory/> >. Acesso em: 15/01/2023

OLIVER, Martin. The problem with affordance. **E-learning and digital media**, v. 2, n. 4, p. 402-413, 2005.

O'MALLEY, Roberta Liggett; HOLT, Karen; HOLT, Thomas J. An exploration of the involuntary celibate (incel) subculture online. **Journal of interpersonal violence**, v. 37, n. 7-8, p. NP4981-NP5008, 2022.

ONISHI, Norimitsu. Japanese Find a Forum to Vent Most-Secret Feelings. *The New York Times*, 2004. Disponível em <<https://www.nytimes.com/2004/05/09/world/japanese-find-a-forum-to-vent-most-secret-feelings.html>>. Acesso em 19/12/2023.

ORAZIO, Dante. Gamergate scandal convinced 4chan founder Moot to leave the site. **The Verge**, 2015. Disponível em <<https://www.theverge.com/2015/3/14/8214713/gamergate-scandal-convinced-4chan-founder-moot-to-leave-the-site>>. Acesso em: 30/12/2023

ORSINI, Lauren. How the 4chan Sale Returns the Controversial Forum to Its Anime Roots. **Forbes**, 2015. Disponível em <<https://www.forbes.com/sites/laurenorsini/2015/09/21/4chan-sale-2channel-moot-christopher-poole-hiroyuki-nishimura/?sh=7f9b7c2d53d2>>

PASIEKA, Agnieszka. Anthropology of the far right: What if we like the 'unlikeable' others?. **Anthropology Today**, v. 35, n. 1, p. 3-6, 2019.

Péchy, Amanda; Mathias, Lucas. O sinistro submundo do Discord, plataforma em alta entre crianças e jovens. **Veja**. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/comportamento/o-sinistro-submundo-do-discord-em-alta-entre-criancas-e-adolescentes>>. Acesso em 11/09/2023

PEREIRA, Marcos Cesar M. Comunicação protegida por anonimato é um risco? A problemática do relatório ataque às escolas no Brasil. **IP.rec**, 2023. Disponível em <<https://ip.rec.br/blog/comunicacao-prottegida-por-anonimato-e-um-risco-a-problematica-do-relatorio-ataque-as-escolas-no-brasil/>>. Acesso em: 24/01/2024

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia Mury. From hope to hate: The rise of conservative subjectivity in Brazil. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, v. 10, n. 1, p. 21-31, 2020

PRICE, Dan. The Biggest 4chan Controversies Everyone Should Know About. **Makeuseof**, 2018. Disponível em <<https://www.makeuseof.com/tag/4chan-controversies/>>. Acesso em: 02/01/2023

PSIA. 25 Years After the Tokyo Subway Sarin Gas Attacks. **Public Security Intelligence Agency**, 2020. Disponível em <https://www.moj.go.jp/psia/25years_after_the_tokyo_subway_sarin_gas_attacks>. Acesso em: 17/12/2023.

REZENDE, Constança. Jornalistas são ameaçados de morte após reportagem sobre fake news bolsonarista. **Jornal de Brasília**, 2022. Disponível em <<https://jornaldebrasil.com.br/noticias/brasil/jornalistas-sao-ameacados-de-morte-apos-reportagem-sobre-fake-news/>>. Acesso em: 09/01/2023

ROCHA, Everardo; FRID, Marina. Mary Douglas. In: _____ (org.). **Os Antropólogos**. Rio de Janeiro: Vozes, PUC Rio, 2015. p.225-239

RODRIGUES, Camila. Há 30 anos, nasce o BBS, sistema que foi o antecessor da internet. **Folha de São Paulo**, 2008. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/informat/fr1302200819.htm#:~:text=Folha%20de%20S.in,ternet%20%2D%2013%2F02%2F2008>>. Acesso em: 16/12/2023

ROY, Jessica. How 'Pepe the Frog' went from harmless to hate symbol. **The New York Times**, 2016. Disponível em <<https://www.latimes.com/politics/la-na-pol-pepe-the-frog-hate-symbol-20161011-snap-htmlstory.html>>. Acesso em 29/12/2023

SEKIGUCHI, Toko. Log on to the Dark Side. **Time Asia**, 2001. Disponível em <<https://web.archive.org/web/20051130081928/http://www.time.com/time/asia/digital/magazine/0,9754,131020,00.html>>. Acesso em 20/12/2023.

SIQUEIRA, Filipe; GUIMARÃES, Caíque. Em fórum extremista, atiradores pediram 'dicas' para atacar escola. **R7**, 2019. Disponível em <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/em-forum-extremista-atiradores-pediram-dicas-para-atacar-escola-29062022>>. Acesso em: 08/01/2024.

SOARES, Aldenor. Victor Turner. In: Rocha, Everardo; Frid, Marina (org.). **Os Antropólogos**. Rio de Janeiro: Vozes, PUC Rio, 2015. p.207-224

Soto, Micah. Why do some websites with extremely 'bad' interfaces like Reddit and Wikipedia 'live so long'?. TipsMake. 2019. Disponível em <<https://tipsmake.com/why-do-some-websites-with-extremely-bad-interfaces-like-reddit-and-wikipedia-live-so-long>>. Acesso em: 03/02/2024

SPARBY, E. M. Digital Social Media and Aggression: Memetic Rhetoric in 4chan's Collective Identity. **Computers and Composition**, v. 45, p. 85–97, 2017

STAR, Susan Leigh. A etnografia da infraestrutura. **Revista Antropológicas**, v. 31, n. 2, 2020.

TAYLOR, Blair. Alt-right. In: **Encyclopedia of critical whiteness studies in education**. Brill, 2020. p. 15-22..

TETSUYA, Ozaki. Redesigning Toyko: Hiroyuki Nishimura. **Real Tokyo**, 2004. Disponível em <https://web.archive.org/web/20190907090327/https://web.archive.org/web/20041106084445/http://www.realtokyo.co.jp/english/redesign/004_1.htm>. Acesso em: 26/12/2023

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Vozes, 1974 [1969].

_____. Schism and continuity in an African society Manchester: Manchester University Press, 1996.

_____. Floresta de símbolos. **Niterói: EdUFF**, p. 139, 2005.

_____. **Dramas, Campos e Metáforas**. Niterói: EdUFF, 2008.

UNIX. **Internet Archive**, 2021. Disponível em < https://archive.org/details/unix_20210105# >. Acesso em: 28/12/2022

VAILATI, Alex. Shooting Elites: An Ethnography of Wedding Film Production for Elites. **Ethnographies of ‘On Demand’ Films: Anthropological Explorations of Commissioned Audiovisual Productions**, p. 125-144, 2021.

VELHO, Eduardo Gabriel. **Análise das Apropriações do Anonimato nas Subculturas dos Imageboards**. Orientadora: Prof. Dr^a Sandra Portella Montardo. 2018. 216.p Dissertação (Mestrado) - Mestrado em Diversidade Cultural e Inclusão Social, Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, Univerisdade FEEVALE, Novo Hamburgo, 2018.

VIANNA, José; HISING, Ederson. Homem é condenado a 41 anos de prisão por crimes como racismo, terrorismo e divulgação de pedofilia na Internet. **G1 PR**, 2018. Disponível em <<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2018/12/19/homem-e-condenado-a-41-anos-de-prisao-por-crimes-como-racismo-terrorismo-e-divulgacao-de-pedofilia-na-internet.ghtml> >. Acesso em: 07/01/2024.

VILAÇA, G.; D’ANDRÉA, C. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 410–440, 30 nov. 2021.

VYAS, Dhaval; CHISALITA, Cristina M.; VAN DER VEER, Gerrit C. Affordance in interaction. In: **Proceedings of the 13th European conference on Cognitive ergonomics: trust and control in complex socio-technical systems**. 2006. p. 92-99.

WESOLOWSKI, Sébastien. Une brève histoire des imageboards. **Vice**, 2016. Disponível em: <<https://www.vice.com/fr/article/8q5qkx/une-breve-histoire-des-imageboards> >. Acesso em 16/12/2023

WINTER, Aaron. Online hate: from the far-right to the ‘alt-right’ and from the margins to the mainstream. **Online othering: Exploring digital violence and discrimination on the web**, p. 39-63, 2019.

WIKINET. Página Principal. **Wikinet**, s.d. Disponível em < https://wikinet.pro/wiki/P%C3%A1gina_principal > Acesso em: 23/02/2024

_____. BRChan. **Wikinet**, s.d. Disponível em <<https://wikinet.pro/wiki/BRchan> >. Acesso em: 29/12/2023

_____. Chanspeak. **Wikinet**, s.d. Disponível em <<https://wikinet.pro/wiki/Chanspeak> >. Acesso em: 29/12/2023

_____. 55ch. **Wikinet**, s.d. Disponível em <<https://wikinet.pro/wiki/55ch> >. Acesso em: 29/12/2023.

_____. VHSChan. **Wikinet**, s.d. Disponível em <<https://wikinet.pro/wiki/VHSchan> >. Acesso em: 29/12/2023

YOTSUBA SOCIETY. A Briefing on 2channel. **Yotsuba Society**, 2011a. Disponível em <http://yotsubasociety.org/2channel_briefing/>. Acesso em: 29/12/2022

_____. Introduction to Yotsuba Society. **Yotsuba Society**, 2011b. Disponível em <<http://yotsubasociety.org/intro-to-ys/> >. Acesso em: 23/12/2023

_____. A Briefing on Futaba Channel. **Yotsuba Society**, 2011c. Disponível em <http://yotsubasociety.org/2channel_briefing/>. Acesso em: 29/12/2022

ZAMBARDA, Pedro. Geração Gamer foi ameaçado por usuários do 55chan; pessoas também foram difamadas. **Geração Gamer**, 2015. Disponível em <<https://geracaogamer.com/2015/07/09/geracao-gamer-foi-ameacado-por-usuarios-do-55chan-pessoas-foram-ameacadas/>>. Acesso em: 06/01/2024.